

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO E DOCÊNCIA

MARIA CAROLINA STEPHANIE MOREIRA

TECER COM AFETOS E NARRAR HISTÓRIAS: percursos no ensinar e no aprender
filosofia

Belo Horizonte

2021

MARIA CAROLINA STEPHANIE MOREIRA

**TECER COM AFETOS E NARRAR HISTÓRIAS: percursos no ensinar e no
aprender filosofia**

Versão final

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional Educação e Docência da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação.

Linha de pesquisa: Educação, Ensino e Humanidades

Orientadora: Prof^ª. Dra. Renata Pereira Lima Aspis

Belo Horizonte

2021

M838t
T
Moreira, Maria Carolina Stephanie, 1983-
Tecer com afetos e narrar histórias [manuscrito] : percursos no ensinar e no aprender filosofia / Maria Carolina Stephanie Moreira. - Belo Horizonte, 2021.
118,[20] : enc, il., color.

Dissertação -- (Mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.
Orientadora: Renata Pereira Lima Aspis.
Bibliografia: f. 110-118.
Inclui apêndice.

1. Educação -- Teses. 2. Filosofia -- Estudo e ensino (Ensino médio) -- Teses. 3. Filosofia -- Métodos de ensino -- Teses. 4. Aprendizagem -- Teses. 5. Motivação na educação -- Teses. 6. Cartas -- Teses.

I. Título. II. Aspis, Renata Pereira Lima, 1961-. III. Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.

CDD- 107

Catálogo da fonte: Biblioteca da FaE/UFMG (Setor de referência)

Bibliotecário: Ivanir Fernandes Leandro CRB: MG-002576/O



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E DOCÊNCIA/MP

UFMG

ATA DA DEFESA DA DISSERTAÇÃO DA ALUNA MARIA CAROLINA STEPHANIE MOREIRA

Realizou-se no dia 13 de dezembro de 2021, às 14:00 horas, por Videoconferência, a 306ª defesa de dissertação intitulada *TECER COM AFETOS E NARRAR HISTÓRIAS: percursos no ensinar e no aprender filosofia*, apresentada por MARIA CAROLINA STEPHANIE MOREIRA, número de registro 2019653340, graduada no curso de FILOSOFIA, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em EDUCAÇÃO E DOCÊNCIA, à seguinte Comissão Examinadora: Profa. Renata Pereira Lima Aspis - Orientadora (UFMG), Profa. Sílvia Maria de Contaldo (PUC Minas), Profa. Simone Freitas da Silva Gallina (UFSM), Profa. Débora Mariz (UFMG).

A Comissão considerou a dissertação:

Aprovada

Reprovada

Aprovada com indicações de correções

A Banca sugeriu e o candidato acatou a mudança do título da dissertação para: não se aplica

A banca enfatiza a originalidade do texto desta dissertação, construído sob o gênero literário epistolar. Sem dúvida enseja novas e urgentes investigações a cerca do ensino de filosofia na educação básica, nas quais a protagonista seja a “escola dos meninos”. A banca ainda recomenda que a dissertação seja publicada.

Finalizados os trabalhos, lavrei a presente ata que, lida e aprovada, vai assinada por mim e pelos membros da Comissão.

Belo Horizonte, 13 de dezembro de 2021.

Prof. Renata Pereira Lima Aspis (Doutora)

Prof. Sílvia Maria de Contaldo (Doutora)

Prof. Simone Freitas da Silva Gallina (Doutora)

Prof. Débora Mariz (Doutora)

Dedico esta dissertação para os meus sobrinhos, Jésus Miguel e Sophia. Tia Carol sonha que vocês possam crescer e se desenvolver em um Brasil que seja capaz de proporcionar bem-estar social aos seus cidadãos. Para o hoje, que vocês sigam crianças espertas, alegres e saudáveis.

À colega do Promestre Patrícia Monteiro (*in memorian*), seu sorriso, sua voz, sou capaz de ver e escutar onde estiver que esteja bem.

Ao Lucca Gomes Souto (*in memorian*) eu achava que eu ainda poderia aprender uma porção de coisas com você, siga em paz.

AGRADECIMENTOS

Belo Horizonte, 30 de novembro de 2021

Hoje é dia de celebrar e agradecer cada encontro que proporcionou a chegada até este momento; gostaria de abraçar cada um que sou capaz de relembrar nestes escritos e tantos que não citarei nominalmente, mas que tecemos afetos ao longo do processo: antes, durante e depois da dissertação.

À minha família, meus pais e irmãos Marcelle, Júnia e Juninho que muitas vezes não conseguiram compreender a minha ausência na dedicação da realização deste sonho, - família foi puxado mesmo, mas em algum momento a gente conclui, este momento chegou. Estivemos juntos todo o tempo, é tudo nosso!

À Bárbara, parceira, amiga, sensata, leve, luz que caminhou lado a lado comigo nos momentos mais críticos dos últimos tempos. É uma delícia desfrutar da sua presença na minha vida, Dengo. Você me fortalece! Amo você.

À Renata Aspis que encarou a travessia comigo na realização e concretização deste sonho, seu sim a este trabalho me trouxe até aqui. Cito Raulzito cantarolando com você: *Sonho que se sonha só/ É só um sonho que se sonha só/ Mas sonho que se sonha junto é realidade*. Gracias por tudo, Rena.

À todas as professoras da banca examinadora pela sensibilidade e carinho dispostos na leitura crítica do texto.

Aos professores do Promestre, afetuosos, dinâmicos e acessíveis que tornaram esta passagem possível.

Aos colegas da linha de Educação, Ensino e Humanidades do Promestre, conheci pessoas maravilhosas, incríveis, de todos os tipos e jeitos, que alegria o nosso encontro. Alguns ficaram mais próximos e nos tornamos amigos.

Ao grupelho (grupo de estudos e ações em filosofia e educação), onde pude intercambiar fazeres, desejos, pesquisas e afetos. Pela leitura carinhosa e atenta do meu texto feitas por Neilton, Tuliola, Vinícius e Flávia.

Aos sujeitos da pesquisa que compuseram o jardim mais belo que transitei, com seus codinomes de flores. Com vocês esta pesquisa foi possível.

Ao Projeto de Extensão Design & Educação da Escola de Arquitetura – EA – UFMG nas pessoas de Laura Maria Oliveira e Glaucinei Rodrigues na feitura do produto educacional.

A Jeanne D'arc pela escuta, amparo e acolhimento a cada sessão de terapia.

As amigas de toda uma vida, Belinha, Tati, Danni, Gi, Gabi, Paulinha ... a gente precisa se ver com mais frequência.

Aos colegas/amigos do fazer diário nas escolas de Minas Gerais com quem tive oportunidade de conviver: obrigada pelas trocas, prosas e partilhas ao longo de quase uma década e meia.

Vamos festejar,

Carol.

RESUMO [BILHETE]: Esta dissertação de mestrado tem por objetivo compreender o interesse/ desinteresse dos(as) egressos de Ensino Médio em relação às aulas de filosofia. Para tanto se utiliza da metodologia de troca de cartas por meio da qual se pretende escutar os sujeitos/objetos da pesquisa, estudantes egressos do Ensino Médio.

Palavras-chave [TELEGRAMA]: Ensino de filosofia, aprender, afectos, cartas.

Abstract: This master thesis aims to understand the interest/lack thereof of recently graduated high school students in philosophy classes. For this purpose, a letter exchange methodology was applied with the intent of listening to the subjects/objects of the research, the recently graduated from high school.

Keywords: Philosophy teaching, learning, affections, letters.

Para ler o texto [Nota de diagramação]

- φ Por escolha estética utilizei ao longo do texto o itálico para demonstrar falas que não são minhas, tais como: *citações com até 3 linhas, passagens das músicas, conversas entremeadas por interlocução nos diálogos feitos através das narrativas e nas correspondências dos sujeitos enviadas a mim.*

- φ Na carta 6 sob o título “alinhavando pelas bordas” coloco em destaque com “enter + tab (parágrafo)” trechos estes das cartas dos sujeitos que estarão todos em *itálico*.

- φ O que não foi pontuado aqui está em conformidade com as normas da ABNT para fins de trabalhos acadêmicos.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BH – Belo Horizonte

BNCC – Base Nacional Comum Curricular

CP – Centro Pedagógico

D&G – Deleuze & Guattari

EJA – Educação de Jovens e Adultos

Enceja - Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos

Fafich – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas

FNDE – Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação

grupelho – grupo de estudos e ações em filosofia e educação

LTS – Licença para tratamento de saúde

LGBTQIA+ – Lésbicas, Gays, Bissexuais, Trans e Travestis, Queers, Intersexuais, Assexuais e todas as demais existências de gêneros e sexualidades.

MG – Minas Gerais

PBH – Prefeitura de Belo Horizonte

PNLD – Plano Nacional do Livro Didático

R.L.A – Renata Lima Aspis

SEE/MG – Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais

TV – Televisão

UFSJ – Universidade Federal de São João Del Rei

UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais

SUMÁRIO

PREFÁCIO [LEMBRETES].....	11
CARTA 1 – QUEM ESTÁ FALANDO	13
CARTA 2 – PARA QUE(M) ESCREVO: ABRAM OS CAMINHOS	23
CARTA 3 – PENSAR DE OUTRA VOA?	27
CARTA 4 – PARA QUEM PROCURA E ACHA.....	40
CARTA 5 – DOS ESTUDANTES.....	46
CARTA 6 – ALINHAVANDO PELAS BORDAS	92
REFERÊNCIAS.....	110
APÊNDICE – CARTA PARA UM PROFESSORA DE FILOSOFIA.....	119

PREFÁCIO [LEMBRETES]

Primeira semana de aulas na graduação em Filosofia na PUC Minas, eram meados de 2004. Em todas as disciplinas houve a mesma rodada de apresentação dos calouros: *Diga seu nome e porque se interessou pelo curso de Filosofia*. Naquela época, essa disciplina ainda estava fora do currículo obrigatório do ensino médio, reflexos da ditadura militar. Portanto, era inusitada a presença de jovens na turma, majoritariamente composta por aposentados ou profissionais de outras áreas que retornaram à cátedra para cursar a segunda graduação e assim, realizar o sonho adiado.

Éramos egressas do ensino médio com a sorte danada de ter estudado Filosofia em instituições públicas. Talvez uma compensação pelos anos sem aulas de geometria e outros conteúdos que sempre ficavam para o próximo ano... De todo modo, arrisco afirmar que a qualidade das aulas de nossos professores de Filosofia, durante o Ensino Médio, sem dúvidas orientou nosso interesse pela graduação. Maravilhoso! Acho que temos uma pista ...

Bom, em 2006 fomos bolsistas do Projeto Filosófico Educacional Ambiental no Santuário do Caraça e nas comunidades do entorno. Iniciativa dos nossos mestres Sílvia Contaldo e Alfeu Trancoso. Piramos, misturamos mitologia, teorias pré socráticas, os cinco sentidos do corpo humano, os 4 elementos da natureza, as 4 estações do ano, alunos do ensino médio das cidades do entorno do Caraça, tudo isso em trilhas filosóficas realizadas na reserva ecológica.

Articular com secretarias de educação, escolas, busão pros meninos chegarem no Caraça, inventar e preparar as trilhas filosóficas, registrar as vivências em formato de módulo educacional deu uma trabalhadeira danada! O que isso tudo tem a ver com essa dissertação? Pois então, numa tarde quente, meninada agitada, uma verdadeira algazarra na trilha em direção à uma gruta. Eu estava um pouco digo, bastante apreensiva. A proposta era aquietar o corpo, ouvir os sons da natureza, deitar no chão e sentir na pele (sinestesia) a mãe terra, coisa tilelê eu sei... Mas aí você me solta uma chamada aos berros!!! *Olha só gente. Vou chamar por ordem na fila. E vocês me respondam heim! Primavera ummm!* O primeiro da fila respondeu: *Preseente. Primavera doois! Presente... Primavera três!!!...* (assim foi até o 15). Nessa brincadeira, em total contraste com a proposta idealizada pela minha pessoa, você organizou a parada... Os meninos deitaram no chão e se divertiram... Desconfio que esta tenha sido a sua aula inaugural!

Quinze anos depois, ao trocar cartas eletrônicas com alunos egressos do ensino médio leio na sua chamada antúrios, camélias, crisântemos, girassóis intergalácticos, margaridas,

orquídeas, uma breve menção a lírios, porque não? A primavera está aí, de novo não é mesmo? O salto aconteceu. As narrativas e os afetos aqui esboçados, em tempos de pandemia, trazem a luz do seu humor sem diminuir a indignação pelas injustiças que se destacam em tempos de sucateamento simbólico e material. Manifestos que sem dúvida, compartilham as pistas tecnológicas, analógicas, sobretudo dialógicas para despertar o interesse em saborear o conhecimento. Afinal, são as trocas que garantem a germinação das flores. É através das trocas que a primavera acontece...

Danni Garcia
Primavera de 2021

CARTA 1 – QUEM ESTÁ FALANDO

Belo Horizonte, 19 de abril de 2021

Ei Nê,

Como você está, querido?

Por aqui outonou naquele clima seco e oscilativo de BH. Iníciozinho das manhãs frias e durante o dia quente, tenho percebido quando saio por aí (nem tanto “por aí”) para resolver as coisas do dia-a-dia. Menino, dei de querer comprar bicicleta de novo. Com a pandemia perdurando por mais de um ano estou sem fazer atividades físicas regulares para fortalecer e melhorar as articulações, muitas horas assentada em função dos trabalhos na escola, mestrado e Residência Pedagógica em Filosofia da UFMG. A rotina tá puxada viu?! Daí lembrei de você, com meu desejo de ter uma bicicleta voltando e pensei “Aaaaa, agora Nê foi lá pra Zona da Mata e a gente fica sem a possibilidade de dançar e cantar a música da bicicletinha juntinhos”, risos. Outro dia, você me perguntou sobre eu ter me tornado professora de filosofia e a chegada ao Mestrado Profissional “e tudo mais” (amo essa frase que você fala sempre ao final de um raciocínio, ao mesmo tempo em que você vai balançando a cabeça de um lado para o outro e gesticulando com as mãos). Calhou que fiquei na pira de te contar um pouquinho sobre a minha trajetória, de dizer um cadinho dessa história toda, como você está de tempo livre por aí? “*Senta*” que lá vem.

Em 98, ainda adolescente entrei numa Escola Plural, hoje não existe em BH esse tipo de escola. Era todo um projeto integralista e etc. Parece que veio da gringa a ideia. A escola fica lá no bairro Ouro Preto na região da Pampulha. Na época eu morava depois do Zoológico e estudava no bairro de origem mesmo, só que minhas irmãs e vizinhas já estavam nessa escola municipal e todos diziam que era legal. Bom, mudei de escola, saí da escola do bairro e fui pra essa outra. A merenda era deliciosa, os colegas divertidos, as paqueras fluindo, tava tudo muito bom. Mas a cereja do bolo mesmo foram as aulas de filosofia. Fiquei muito apaixonada pelas aulas, pelos textos, por debater ideias *e tudo mais*. “Era tudo novo de novo”. Não sei se você sabe, mas essa história da filosofia estar no currículo da Educação Básica nem sempre foi assim. Não tinha lei que regulamentava esse componente curricular, o ensino de filosofia era facultativo. Dei sorte tá? Tive por três anos consecutivos, mesmo quando mudei novamente de escola no meio do Ensino Médio, eu acho que foi trevo de quatro folhas mesmo, para além do fato de todos esses professores serem habilitados no conteúdo — coisa

rara. Fui descobrir isso quando virei professora uma década mais tarde e conheci a realidade do sistema de educação, contratos, designações etc.

Saindo do Ensino Médio já tinha decidido que faria graduação em filosofia. Só que entre formada e o início da graduação fiquei no limbo. Tentando um emprego aqui, outro acolá, aquelas dificuldades da juventude brasileira, não de toda, a da periférica certamente. Em 2004 entrei para o curso de Filosofia da PUC Minas encantada e apreensiva. Estudei com crédito educativo, precisava trabalhar para custear os estudos, trabalhei todo o período da graduação, de operadora de caixa numa multinacional a telefonista numa fábrica de colchões. Nessa época os professores do curso traziam informações, divulgavam as mobilizações que estavam acontecendo para o retorno obrigatório das disciplinas de filosofia e sociologia no Ensino Médio. Nos últimos períodos consegui entrar em um projeto de extensão. Várias áreas do conhecimento estavam ali envolvidas, guardo com carinho esse tempo. Trabalhamos na RPPN (Reserva Particular do Patrimônio Natural) do Santuário do Caraça, abrimos uma sala verde e fizemos experimentações filosóficas ambientais. Tive uma grande parceira nessa jornada, amiga que fiz no curso e que segue comigo na vida, a Danni Garcia (ano passado vocês se conheceram no *grupelho*). Acho que esse projeto que participamos teria tudo a ver com você. Já pensou a gente se esbarrando na graduação? Tem um lapso temporal nesse meio, deixa baixo... dias desses vi a “sua” *Rural* num programa da TV aberta, apareceu Mangaratiba, fiquei animadíssima com as cenas...

Concluí o curso de filosofia no mesmo ano em que foi aprovada a lei da obrigatoriedade nas três séries do Ensino Médio na rede pública e privada de todo o país. Comecei a trabalhar designada pela SEE/MG, no mesmo ano em que toda essa história aconteceu: 2008. O país estava em outro momento, a educação passava por reestruturação em todas as etapas do ensino, havia prosperidade e intensidade dos debates para esse setor em especial. Buscando formação continuada fiz algumas disciplinas isoladas de especialização na Fafich/UFMG, já na transição de governo completei um curso oferecido pelo Estado, aliás, o único que abrangeu todo o currículo do Ensino Médio, depois concluí especialização sobre Ensino de Filosofia na UFSJ. De lá pra cá são treze anos da labuta, estou há seis anos efetiva no Estado, a gente não sente o tempo passar, *Cronos* ligeiro. Acontece nos relances, quando você percebe, milhares de situações, conexões e dispersões se deram. “Tempo, tempo, tempo, tempo...” (VELOSO, 1979). A fome bateu aqui preciso preparar o almoço, logo, logo volto pra esticar essa prosa...

Voltei, Nê! Dias desses estava navegando no *Instagram* quando fui surpreendida pela *tag* do lançamento da *Revista Duas Cabeças* de sua autoria em sua 7ª edição a cada dia mais

comprometida com as discussões de gênero e sexualidade e me dei conta que a *playlist* colaborativa foi publicada, fiquei bastante animada com o convite de fazer a *playlist*... te contar uma coisinha: foi a primeira vez que fiz isso. Achei massa porque enviei convite para os amigos, contei sobre a proposta, compartilhei o perfil, as pessoas ficaram contentes e propuseram várias músicas... Tão bom quando a gente encontra essa disposição, ah, a revista tá incrível, as edições numa formosura de dar gosto! Lembro-me de você contando que a idéia da revista, no curso da sua tese, surgiu das torções que o campo te trouxe. Na realidade, da impossibilidade do campo, se pensado anterior à pandemia e o fechamento do mundo. Seus olhos brilhavam quando você dizia que iria pra Colômbia. Via-te naquela cena icônica do Jim Carrey no papel do *Máscara* dançando música latina com aquele instrumento de percussão que faz um chiado. Você lembra o nome desse instrumento? E essa cena do filme, conhece? Gente, como eu gostava do *Máscara*.

Quando entrei no Promestre, dois anos atrás, pensei que iria pesquisar a questão das idas e vindas da filosofia no currículo da Educação Básica. Imaginava falar sobre as leis, reforma do Ensino Médio, BNCC e essa pá de coisas. Coisa mais doida, o Brasil já fez dezesseis reformas educacionais como destacado por Sílvia Contaldo (2017), vê se pode um trem desses? Mas com o passar do tempo, investigando o projeto de entrada e o percurso da pesquisa, percebi que faltava um problema mais palpável, no cotidiano da prática na minha profissão. Afinal o trabalho aprovado está dentro do Mestrado Profissional. Tenho uns bons quilômetros de sala de aula, são anos trabalhando com adolescentes a partir dos quinze anos, no mínimo setecentos estudantes por ano, em alguns anos o dobro desse número. A gente escuta muita coisa dentro das escolas. Existe um papo recorrente de que os estudantes não valorizam o ensino, que não gostam de estudar. Até pode ser que isso tenha fundamento, não estou avaliando o mérito, penso que teria muitas camadas para observar. Tem a estrutura, as questões da juventude, a escola dentro de um tempo mais arcaico numa realidade tecnológica em que os jovens possuem relativo acesso, inúmeras variáveis e hipóteses. Ao invés de deduzir isso ou aquilo, por que não perguntar justamente para esses jovens sobre a questão do seu interesse/desinteresse em relação às aulas de filosofia? A partir dessa pergunta a pesquisa começou a ser alterada.

Gosto bastante de estudar os documentos oficiais que falam da relevância, do caráter formativo da filosofia, são normativas extensas, sempre muito articuladas dentro da propedêutica recorrente desses manuais educacionais. Muita gente boa trabalha na construção desses documentos. Porém, ainda não observei o espaço da escuta dos jovens que seriam/serão os beneficiados pela oportunidade de estudar a filosofia em sua formação.

Capitaneando possibilidades, veio a ideia de perguntar para alguns desses jovens, convidei seis egressos, recém formados, com idade até vinte anos.

Legal até aqui. Mas, como fazer essa pergunta do problema interesse/desinteresse em relação às aulas de filosofia? Não tive dúvida: queria trocar cartas. Pelos correios? Não, por email pareceu mais dinâmico. Foi assim que a metodologia para discutir o problema começou a ganhar corpo. Fiquei tão atravessada por essa possibilidade que me perguntei: Por que não escrever toda a dissertação através de cartas? Até então eu não tinha notícia de nenhum trabalho de dissertação ou tese feito através de cartas. Quantas vezes trocamos essa figurinha, Nê? Te contando sobre essa história, quase cometi uma injustiça. Foi você quem sugeriu que eu fizesse toda essa escrita através das cartas, lembra? Porque a maneira de comunicar com os sujeitos/objetos para discutir o problema da pesquisa já havia sido definida que seria por cartas. Gente, a memória tem sua própria tessitura. Tô boba! Naquela tarde de conversa falamos sobre García Lorca, você relembrou a sua dissertação defendida na UFJF, comentou de um livro escrito em cartas por professores de vários lugares. Menino, nós dois somos suspeitos dessas ideias. Levei a ideia para a Renata e ela topou. Demorei uma data para encontrar dois trabalhos acadêmicos escritos no gênero textual cartas, um desses foi você quem localizou no repositório. Quando participei de uma *live* a convite da Kelly no grupo de escritas rizomáticas de uma galera da PUC Minas, o pessoal que estava assistindo soprou nos meus ouvidos duas referências, a dissertação *Cartas à deficiência visual: história(s) de um dispositivo clínico* da Keith Vianna (2019) que narra as histórias e memórias de sua atuação no campo da psicologia social ao longo de dez anos, revelando o protagonismo da existência de pessoas com deficiência visual para além de qualquer estigma social. E a tese *Cartas sobre o envelhecer*, da Luciana Franco (2018) que a partir do trabalho desenvolvido em um centro de atendimento multiprofissional voltado a pessoa idosa, despertou para esta escrita que versa sobre o verbo envelhecer e a experiência do envelhecimento, considero ambos os trabalhos especiais. Estou encantada. Têm me ajudado a pensar a composição do meu trabalho.

No dia da sua banca de qualificação fiquei impressionada com a quantidade de contribuições que os convidados trouxeram. Confesso que fiquei assustada também como que a depender de cada um o trabalho seria outro completamente diferente do que está sendo. As diversidades dos pensamentos e as bagagens laborais que cada professora traz dizem de muito trabalho. Te desejo boa sorte. Seu trabalho é lindo. O convite a construir/produzir/experimentar o Bem-viver da comunidade LGBTQIA+ enxameia signos que nos afetam. Estou feliz com a trajetória da sua pesquisa.

Tem tantas coisas acontecendo do lado de cá, Nê. Escrever a dissertação toda através de cartas tem sido um baita desafio, ao mesmo tempo que percebo que essa maneira de se expressar se faz tão presente. Olhando de relance parece ser distante, mas quando nos propomos ao exercício de lembrar, estão lá, histórias de trocas de cartas. Tenho percebido outras nuances sobre a construção desse jeito de dizer de múltiplas coisas, sentimentos, atravessamentos... vai ser importante falar sobre o por que das cartas, isto diz da metodologia, desta escolha do modo de fazer a pesquisa.

Tão importante quanto o encontro com os escritos de Glória Anzaldúa, mulher, lésbica, chicana, mestiça que por tantas vezes trouxe questões a respeito dos entre-lugares de todas essas categorias diferentes, através do texto *Carta para mulheres escritoras do terceiro mundo* que nos provoca a escrevermos de tantos modos quanto for possível, esse texto foi um sopro. Cada leitura encoraja o meu desejo, mas é preciso mais que coragem, Nê... a gente precisa se autorizar a dizer, a gente minoria subalternizada como disse Spivak (2014), que seguimos a margem da representatividade que domina o mundo, mundo este que gira em torno de homens brancos europeus, heterocisnormativos, seguimos arriscando nossas peles dentro de uma academia gentrificada, é preciso autorizar esse desejo de pesquisar, por que, para que, como... O que dizer da Grada Kilomba? Portuguesa, negra, professora na Alemanha, autora do livro *Memórias da plantação: episódios do racismo cotidiano*, reconhecida mundialmente por narrar e problematizar práticas racistas em tempos atuais, mesmo em países denominados primeiro mundo, citando Vinícius de Carvalho, Vini, para nós do *grupelho*: “*A lógica do racismo é uma desumanização, em primeiro lugar*”. Qual critério a norma utiliza para mensurar essa auto referência quando ainda produz sofrimento e subjugação? A experiência a partir da leitura desses textos foi crucial para a construção do percurso da minha pesquisa. Dos escritos da Grada fiquei inspirada a inventar o modo desta escrita, em seu livro ela enuncia a escrita como ato político, “*o ato da escrita como um ato de tornar-se*” (KILOMBA, 2019, p. 28). Daí, você poderia pensar: inventar o que Maria? Alô, você não está inventando nada. Digo que estou inventando o modo de narrar a minha experiência única e plural em tornar-me professora de filosofia, compreende? Sou eu própria que estou narrando, não tirei dos manuais, nenhum problema se o tivesse feito. Curioso, a espuma dos dias revela cada vez mais as nossas conexões, gratidão! Vou te contar um pouquinho o que me chamou atenção a partir da leitura da obra *Descolonizando metodologias: pesquisa e povos indígenas* da Linda Tuhiwai Smith mulher indígena, socióloga maori que conheci com você, Nê. Veja, a metodologia desenvolvida por Linda surgiu da necessidade de escutar o que os povos indígenas - frequentemente estudados sob o olhar hegemônico branco, da academia- tinham

para dizer, já que ano após ano expondo as suas questões esse povo estava esgotado de falar e não ser ouvido, o modo fechado e distante da pesquisa objetiva contribuía para a pesca seletiva de informações e descarte daquilo que o campo provocava e esta observação ficava evidente para a pesquisadora, que inclusive diz ter se tornado pesquisadora a partir da constatação do silenciamento do seu povo, que, independente de ser estudado por algum sociólogo indígena ou de fora, percebia o mesmo resultado. Do mesmo modo, quero escutar o que os jovens que convidei para participar da pesquisa têm a dizer.

Nê, quando penso no ato de pesquisar visualizo a imagem do mar, mar aberto eu diria, desconhecido. Mesmo que todos esses escritos dessas autoras partam de lugares distintos parece-me existir algo comum, encarar a travessia seria mais interessante do que ficar à margem de si mesmas, enxergo isto como ato político na práxis da abertura de caminhos possíveis na criação de jeitos de fazer a pesquisa. Outro dia estava cá a pensar na cartografia que parece derivar da etnografia, quantos istos vieram com e/ou a partir daquilo? Lá atrás quando a ideia da pesquisa começou, essas coisas não passavam pela minha cabeça, exemplo: a questão do problema cerne da tarefa do pesquisar, arrombo do pensamento (DELEUZE, 2003), o que nos coloca a pergunta convite ao grande mergulho, parafraseando minha amiga da adolescência Paula Grazielle.

Dito isso, anuncio que uma carta sobre a metodologia e o problema está por vir, *o que está para acontecer já está acontecendo*, em campo tenho trocado cartas com os sujeitos da pesquisa, estão organizadas cronologicamente de acordo com cada participação, cartas com Girassol por data, Camélia por data e assim sucessivamente, todas as trocas andaram espaçadas, mas agora está fluindo em intervalos menores, queria muito partilhar isso contigo.

Te contei que o Mestrado Profissional exige, para além da dissertação, algo nomeado produto ou artefato educacional? Nê, esse trem deixa o povo de cabelo em pé, na linha de humanidades há quem diga que a própria dissertação seria o produto, mas não é. O produto materializa as ideias que podem vir a inspirar outras práticas futuras no contexto da educação. No dia da nossa reunião de orientação coletiva, Vinícius sugeriu que eu fizesse uma composição artística com as cartas dos sujeitos, tal e qual fizemos com o nosso texto produzido no *grupelho* ano passado no início da pandemia. Quando eu era criança aprendi nas aulas de arte a criar mosaicos, ao escutar a sugestão do Vinícius essa imagem voltou, pense: misturar as narrativas dos sujeitos, os afetos que foram despertados, estou pirada, ainda sobre as sugestões que brotaram da nossa reunião, quem sabe farei fanzine, HQ, dobradura, publicar e distribuir, coisa linda! Deixa eu voltar hahaha...

O pôr do sol se coloca, o corpo cheio de adrenalina pede movimento. Tenho feito caminhadas, preferencialmente no final da manhã para nutrir de vitamina D, é o horário possível, porque antes estou em teletrabalho da escola. Deixo aqui essas questões e a necessidade de arejar os poros. Hoje o horário da caminhada foi alterado, por um motivo nobre: o carinho que tenho pela pesquisa que me atrevi a fazer.

Retorno da caminhada ligo para a Bárbara, preparo um lanche, tomo banho, volto para a nossa conversa. Escrevo mais um pouco. Quase dez da noite. Os olhos embaçados. Por hoje, parei.

Saudades da gente, junto das gentes pela zona leste e adjacências de BH.

Estimo a sua resposta.

Bjs da Maria.

Juiz de Fora, entre 19 e 20 de abril de 2021

Sobre o que você me contou e tudo mais

Ei Maria!

Por aqui, um pouco depois das dez da noite. O clima frio de Juiz de Fora já mostrou suas caras desde que eu estava voltando da caminhada (que prefiro fazer no fim da tarde) e ouvi teu áudio contando que me enviaria um texto. Essa cidade faz frio e eu tinha esquecido disso. Na última semana comprei cortinas novas. Sempre sinto que, pra além de barrar a luminosidade, elas dão uma diminuída no frio. Não sei se tem lógica isso. Sempre tenho medo de pesquisar e descobrir que não tem relação nenhuma — e que, logo, eu gastei dinheiros toda uma vida investindo em cortinas, quando deveria estar investindo, não sei, em uma pequena lareira. Mas depois eu falo mais sobre isso.

Eu ouvi teu áudio e aguardei. Enquanto isso li o trabalho da Ana Paula, nossa colega de pesquisas. Que trabalho bonito também, aliás. E então, quase dez da noite, chegou o teu e-mail.

Não um e-mail. Uma Carta (com letra maiúscula, como os KMs, Mãe e D — em vitamina D).

Quanta generosidade uma Carta! Obrigado por isso.

Há uns anos gosto muito de Cartas. Escrevo. Recebo. E leio, de fofoqueiro, muitas delas.

Um dos livros que fiquei de te emprestar dos epistolários do Lorca tem uma Carta de Dalí para ele em 1927. Ela diz assim:

“Federico:

Estou pintando uns quadros que me fazem morrer de alegria; estou criando com uma pura naturalidade, sem a mínima preocupação artística; estou falando de coisas que me causam profundíssima emoção e procuro pintá-las honestamente, ou seja, exatamente; nesse sentido estou chegando a uma compreensão total dos sentidos. Às vezes me parece falar de novo e com uma intensidade imprevista das “ilusões” e alegria da minha infância...; tenho um grande amor às ervas, aos caminhos das palmas das mãos, às orelhas roxas contra o sol e às penas pequenas das garrafas; não só me alegra tudo isso, mas também as videiras e os burros que povoam o céu.

Agora pinto uma mulher muito bonita, sorridente, cheia de plumas de todas as cores, sustentada por um pequeno dado de mármore em chamas; esse dado de mármore é sustentado,

por sua vez, por um humano abatido e quieto; no céu há burros com cabelos loirinhos, ervas e areia de praia, tudo a ponto de explodir, tudo puro, incrivelmente objetivo; abunda um azul indescritível, um verde, roxo e amarelo de papagaios; branco comestível, branco metálico busto perdido (há também um busto perdido; esse é todo o contrário do busto voador, esse está quieto sem saber o que fazer e tão indefeso que emociona).

- Bustos perdidos (que bonito)¹.”

Pode ser só fofoca quando lemos algo assim. Só piração surrealista entre cores, bustos, chamuscas e videiras. Mas, me parece haver mais. Algo ali entre a emoção de contar daquilo que causa profundíssima emoção e das ilusões e alegrias do passado e, principalmente, da mulher sorridente sobre o dado em chamuscas que é mantido pelo humano abatido e quieto. Sim, tem algo aqui que me fez sair da tua Carta e cair nessa outra.

Quais bustos a gente perde pelo caminho?

Obrigado por me contar de tudo isso que te atravessa nessa jornada-itinerário. Isso que você está mais que autorizada a falar por Lumena e por você mesma. (É engraçado como 2008 movimenta mundos, eu escrevia sobre isso há uns meses). (Em 2008 eu conheci “minha” Universidade Rural do RJ e ainda morava em Mangaratiba). (*Chronos ligeiro*).

Você sabia que vieram, esses dias, no meu inbox elogiar a playlist da última edição da revista. Estou falando sério! Acho que não te contei isso ainda. Foi a primeira vez que isso aconteceu. Em 8 edições! E tinha mesmo que ter sido feita pela sua agência de coletividades, pela sua rede, pelo rolê e... ai *O Máscara!* Como eu também amava o Máscara. Filme e desenho animado. Ficava acordado até tarde quando passava no SBT na Tela de Sucessos da sexta-feira à noite.

Telas cansam. Cartas nos respiram. Como você, estou encantada. É necessário o encantamento.

Os caminhos de uma pesquisa são incertos. Mexem com a gente. E a gente mexe com eles também. Que bom que você mudou. Não que BNCC e documentos não sejam interessantes. Eu gosto também. Mas as mudanças trazem a concretude de um processo. Mudou porque você se mexeu de muitas formas. E também mexeram contigo. No fim das contas, deve ser sobre isso: mexe mexe mexe.

¹ (N.A.) FERNÁNDEZ, Vitor; TORROELLA, Rafael. **Querido Salvador, querido Lorquito**: Epistolário 1925-1936. Madrid: Editorial Elba, 2013.

Um texto bonito é o que está se criando. Importante essa Carta-“abertura”, esse anúncio. Como o Coro de Romeu e Julieta — “duas casas, iguais em dignidade...”. Me parece acolhedor com quem te estiver lendo. Comigo, aliás.

Depois, igualmente acolhedor, um problema. Um problema que é teu. Que está aí. Que bom que você vai nos contar sobre ele. E aqui vou voltar um pouco na história das cortinas. Os problemas são nossos. Às vezes temos medo de ir atrás deles. Medo do que vamos “descobrir”. Medo do que vamos inventar. Tenho medo de ver que meus investimentos em cortinas possam ter sido em vão. Do que você tem medo mesmo?

Carta-metodologia! Essa que já está sendo operada aqui, enquanto falamos. Está sendo operada quando manda uma Carta, um bilhete, um sms (que antigo!) para cada jovem estudante que você apresenta com tanto carinho. É preciso ter carinho. “É preciso ter cuidado com as pessoas, isso é uma coisa muito importante”, me ensinaram uma vez.

Ah, e então as Cartas entre você e as jovens. Que coisa mais bonita! 1 Carta e/ou 100 Cartas. Eu já imagino “produtos”! Tantos deles com esse material. Gentes compartilhando o teu problema, a tua afinidade.

Os nós de uma pesquisa acontecem. Mas gosto de pensar nos nós como aqueles da botânica. Lá, as regiões do caule onde surgem as folhas são chamadas *nós*. Faremos surgir folhas disso tudo. Ervas. De todas as cores. Roxas, azuis, brancas, amarelas, verdes. Campo-produto-texto-Cartas-folhas vão surgir. Nós escreveremos.

Coragem minha amiga, porque as caminhadas do final da manhã ou do final da tarde, são longas. Os olhos embaçam mesmo. E as saudades apertam.

Logo estaremos juntas, não só pelas Cartas.

Com carinho,

Ne.

ps.: aquela bicicleta eu não trouxe para Juiz de Fora. É uma cidade de muitos morros para esse tipo de exercício. Passei pra frente, de presente. Uma amiga baixa como a gente estava querendo uma bicicleta à altura. Serviu bem. É muito capaz que você esbarre com elas (bicicleta e amiga) pela Leste de BH.

CARTA 2 – PARA QUE(M) ESCREVO: ABRAM OS CAMINHOS²

Belo Horizonte, 16 de maio de 2021

Por que sou levada a escrever?
 Porque a escrita me salva da complacência que me amedronta. [...] escrevo para registrar o que os outros apagam quando falo, para reescrever as histórias mal escritas sobre mim, sobre você. Para me tornar mais íntima comigo mesma e consigo. Para me descobrir, preservar-me, construir-me, alcançar autonomia. [...] Finalmente, escrevo porque tenho medo de escrever, mas tenho um medo maior de não escrever (ANZALDÚA, 2000, p. 232).

“*Ei mãe eu tenho uma guitarra elétrica*” (GESSINGER, 1987). Nunca tive, apesar de achar o máximo instrumento de cordas, achei um bom jeito de começar essa carta com esta música da banda Engenheiros do Hawaii, quanta ousadia uma banda com um nome que dá a entender que foram eles que construíram o paraíso, *aloha!* Não sei se você sabe, mas nunca fui fã deles. Porém, sei várias músicas, de tanto escutar por tabela a nossa vizinha Ana Paula que colocava o som no talo. As músicas têm essa característica de transportar a gente para perto das gentes, essa em especial me coloca nesta cena.

Mãe, salvo o engano, você e Renata não se conheceram, Renata é minha orientadora no mestrado, ano retrasado pretendia promover esse encontro no aniversário que comemorei no bar do marido do Ítalo, filho do Tio Gato, mas na época você estava com a depressão despontando, aí acabou que não deu. Foi a última festa de aniversário que fiz antes da pandemia, logo a gente faz outra, tomara. Renata me deu aula no Promestre, na disciplina de Metodologia de Pesquisa. Teve um dia que ela chegou e pediu para que a turma escrevesse ali na hora, qual seria o nosso maior medo em relação ao mestrado, era 30/04/2019, dentre os vários medos grafados no papel, sinalizei: ausência dos meus pais no dia da defesa, outros medos foram chegando, o medo de quem escreve cartas e não recebe respostas, a ausência de cartas-resposta.

Não havia horizonte quanto ao atravessamento pandemia, mas estranhamente havia um aperto no peito ao cogitar que você e meu pai não estivessem presentes no “grande dia” da entrega do meu trabalho. A cada dia que passa estamos mais próximas do encerramento desse ciclo, Mãe [peço que você tenha um pouco de paciência com as minhas ausências, têm sido dias atribulados]. Entretanto, além da sua presença, desejo que você possa ler e dizer o que

² “Música da MC Tha, tema de abertura do cortejo do ano de 2020 do bloco carnavalesco de BH Truck do Desejo, construído coletivamente por e para mulheres lésbicas e bissexuais, cis e trans. Tendo como pautas a luta contra o patriarcado, o machismo, a transfobia, a bifobia, a lesbofobia, o racismo, o fascismo, o classismo e outras opressões de minorias. O nome do bloco salienta o estereótipo sapabi-caminhoneira.” Conferir: <https://www.vakinha.com.br/vaquinha/e-a-truck-do-desejo-invadindo-a-cidade-cortejo-2020>.

achou, sabe por que, Mãe? Por que penso que a escrita composta desta maneira narrando histórias, fatos, memórias partiu da nossa conversa na cozinha enquanto almoçávamos, na casinha que eu morei até o ano passado. Estava ali empolgada te contando sobre alguns textos que tive a oportunidade de conhecer em outra disciplina da universidade, quando você disse para que eu prestasse atenção no tanto que as histórias me interessavam e, que essa característica me acompanhava desde criança. *O livro surge da fala da minha Mãe* (EVARISTO, 2020).

Recentemente comecei a perceber por nossas contínuas trocas de mensagens pelo *zapzap* algumas nuances que até aqui eu não havia notado. Você sempre foi uma referência na oratória, alguém articulada, de interlocução clara, lógica e objetiva. Recordo das vezes que te vi fazendo caça-palavras, consultando o dicionário Aurélio (sempre a postos em nossa estante de sucupira na sala de estar – não estar – se entender – desentender). Apesar de o dicionário estar à disposição, era a você que eu recorria quando as dúvidas de ortografia persistiam. Porém, você ficava brava e bradava: pergunte ao “pai dos burros”, assim chamado carinhosamente.

Todavia, atualmente essas habilidades tão evidentes no passado têm se apresentado com outros contornos, por isso, escrevo para você, Mãe, para nós. Em respeito à trajetória das mulheres da sua geração, as que vieram antes, cerceadas das próprias escolhas, as que virão dentro de um recorte díspar no território Brasil. Quanto foi possível para muitas mulheres da sua geração dar continuidade aos estudos, Mãe? Lembro-me de você contando que só teve condições de se manter na escola até a sexta série do Ensino Fundamental devido a contextos adversos, falta de recurso material dos meus avós, seus pais, pelo sem número de tarefas e responsabilidades que você acumulava sendo uma das filhas mais velhas de uma família de oito filhos ao todo, seis homens e duas mulheres. Não escutei essa história uma única vez, foram dezenas de vezes, o que me leva a sentir o significado que a ausência da escola representou na sua vida. Trazendo esta questão do acesso à escola para os tempos atuais comento em sala com os estudantes como era difícil conseguir uma vaga dentro de qualquer escola pública há pouco tempo, dos processos de seleção, do número reduzido de vagas, a realidade que vivemos hoje da escola pública e laica para todos é fruto do processo da redemocratização do país após a Constituição de 1988, não tão laica assim, uma vez que, a escola tem sido território de disputa de organizações religiosas.

Para além disso, a sociedade de décadas atrás delimitava o espaço de atuação da mulher ao cuidado da casa e a criação dos filhos, apartando e decidindo sobre os nossos corpos, reduzindo a nossa pluralidade àquilo que a sociedade comandada por homens entendia

ser ou não os nossos direitos civis. Afinal mulher com “*estudo só servia para escrever carta para o namorado*” (CAMARGO, 2011, p. 9). Consigo escutar daqui a sua interjeição ao ler esse último parágrafo: *hum! até hoje né, Carol? até mudou alguma coisa, mas...*

Mãe, fico pensando no povo brasileiro que sustenta e financia as pesquisas na academia, mas por vários motivos ficam alheios ao saber produzido nesse espaço. Suspeito que haja algo de elitista na maneira da escrita acadêmica, o que contribuiria para o afastamento do homem comum, sabe!? Fico cismada com isso, por isso, a pergunta: será que na minha pesquisa eu poderia escrever de maneira simples, com espontaneidade, como acontece nas rodas de conversa?

No passado quando a vovó Maria de Lourdes era viva, ela me perguntou o que era essa coisa chamada filosofia que eu estudava na faculdade. Mãe, de tudo quanto foi jeito eu tentei dizer o que era a tal da filosofia, comecei contando sobre o sentido da palavra e das perguntas que seriam próprias deste conhecimento que deseja saber o porquê das coisas... levei tinta! Vovó falou que continuava sem entender.

Questionei esse lugar da razão filosófica, do dizer da filosofia, da abstração que foi ganhando parte do discurso filosófico que acabou por abster a massa ao longo dos anos. “*Quando se fala de forma hermética, para poucos, para os filósofos, forma-se uma densidade sufocante, que inutiliza toda a filosofia*” (ASPIS, 2021, p. 12). Concluí que a fala pode vir do comum, permeável, talvez o simples seja complexo. Daí, a dificuldade: como dizer do complexo de maneira simples? Neste trabalho pretendo escrever como nos diálogos que acontecem no dia-a-dia, da prosa, do caso... Sem perder o filosófico, o conceitual, se não, não é filosofia, é só caso mesmo. Eis o desafio! Desde que você publicou a frase em seu *status* do *WhatsApp* com autoria atribuída a Leonardo da Vinci, *a simplicidade é o último grau de sofisticação* flagrei-me com um sorrisinho no canto da boca e pensei: será?

Antes do apagar das luzes desta carta que remeto a ti, gostaria de recordar um momento da minha colação de grau na graduação. Fiquei incumbida de recolher as fotos dos formandos, escolher a música e o texto para a composição do vídeo que seria exibido naquela noite, dica da música: grande sucesso na voz da cantora Simone, você recorda qual foi a canção? Passaram-se muitos anos, talvez o tempo possa ter sobreposto essa lembrança, não faz mal, com prazer refresco a sua memória, canta comigo, Mãe: *A cigana leu o meu destino/ Eu sonhei/ Bola de cristal, jogo de búzios, cartomante/ Eu sempre perguntei/ O que será o amanhã?/ Como vai ser o meu destino?*(SÉRGIO, 1983). Deixa eu compartilhar outro *flash* rápido contigo, a professora Sílvia Contaldo foi paraninfa da turma e escreveu um texto para a cerimônia, recordo da menção que ela fez de um provérbio africano a respeito do verbo

caminhar, havia n conjugações possíveis para esse verbo, menos caminhar sozinha, ontem e hoje fico tocada com esse texto. Sendo assim, te convido para seguirmos juntas nessa caminhada.

Você vem comigo, Mãe?

Com carinho, Carol.

CARTA 3 – PENSAR DE OUTRA VOA?

Nós quilombolas não somos um. Cada quilombo é um. Podemos até contribuir com os quilombos dos outros, mas cada quilombo é um. É por isso que os colonialistas nunca nos venceram. Eles precisariam de uma arma para cada quilombo, uma metodologia para cada quilombo, uma estratégia para cada quilombo. E eles não deram conta de pensar em tudo isso. [...] Eles tem um pensamento quadrado (SANTOS, 2019, p. 31-32).

Ei Rena, você está aí?

Peço-lhe licença, pois hoje escreverei esta carta para você. Escolho endereçar a ti esta troca, “*o melhor jeito de iniciar um processo de troca, [...] é nos apresentando, contando um pouco de nossas histórias*” (SINGER, 2019, p. 12). Cresci na região metropolitana de BH no entroncamento de três municípios Contagem, Ribeirão das Neves e Belo Horizonte.

Segundo os geógrafos esse fenômeno denomina-se conurbação. Seja qual for o termo apropriado para descrever essas confluências desde cedo o que observei foi um jogo de empurra por parte do poder público para soluções corriqueiras, tais como: fechamento de buracos nas vias do bairro, contratação de profissionais para atendimento da Unidade Básica de Saúde, uma única linha de ônibus para atender a extensão de dezenove quilômetros do ponto final do coletivo dentro do bairro ao primeiro desembarque no Centro de BH. Passei quase três décadas vivendo na periferia, no apartamento adquirido por meus pais no Conjunto Habitacional Nova Pampulha.

Sou a terceira filha de uma família de quatro filhos. Pouco antes de completar sete anos e ter idade suficiente para iniciar a 1ª série do primeiro ciclo do Ensino Fundamental, fui inscrita pelos meus pais no exame de seleção para ingresso no Centro Pedagógico da UFMG. Não passei, tenho alguns *flashes* desse dia, da sala de aula, da professora dizendo que não iria repetir as instruções, acho que lembro a blusa que eu usava “*as histórias são inventadas, mesmo as reais, nada do que está narrado é real, nada do que está escrito é mentira*” (EVARISTO, 2020). Voltando à história do deslocamento do ônibus, este passava na porta da UFMG via Avenida Carlos Luz, após o evento da reprovação para entrar no CP levei certo tempo para sentir que estudar na UFMG seria possível. Ademais, meu irmão caçula conseguiu acessar a escola básica da Federal por meio de sorteio dois anos subsequente à minha experiência no evento do teste, ainda bem que ele entrou, eu não tive a mesma sorte:

Faz total sentido para mim minha resistência no ato de escrever, ao compromisso da escrita. Escrever é confrontar nossos próprios demônios, olhá-los de frente e viver para falar sobre eles. O medo age como um ímã, ele atrai os demônios para fora dos armários e para dentro da tinta de nossas canetas (ANZALDÚA, 2000, p. 234).

Vinte oito anos depois, Rena, você vinda de fora aprovou meu projeto de pesquisa para estar dentro, “*os alebrijes [...] são ‘seres fantásticos’, capazes de espantar pesadelos, proteger os sonhos e trazer sorte*” (MAYER, 2019, p. 18). Tenho sido convocada desde então a percorrer a proposta da geografia afetiva no processo do pesquisar, é preciso criar, inventar, compor. “*Geografemos: experimentar tudo! tudo é possível, desde que se criem possíveis, os possíveis têm de ser criados, não são dados*” (ASPIS, 2016, p. 433). Fica claro que não existe um modo de fazer pesquisa, há modos diversos, estamos buscando maneiras de realizar este trabalho, chegamos aqui dispostas a fabular a metodologia para responder ao problema da pesquisa, compartilhando novelas e tecendo nossa colcha de retalhos.

Duas curiosidades a respeito da expressão colcha de retalhos na minha vida, uma diz do passado, quando desejei ter uma colcha feita a partir de retalhos, julgava ser melhor receber este presente do que um par de tênis de marca famosa e reverenciada nas propagandas de práticas esportivas, na época em que imaginei ganhar, não ganhei.

Passemos à próxima história. Assisti ao filme que leva o título colcha de retalhos. Nele é contada a história de uma jovem que está escrevendo uma tese. Parece que ela carregava certa culpa por ter abandonado temas anteriores por três ou quatro vezes, porém, desta vez, ela estava decidida a finalizar a pesquisa. Por escolha nenhum dos escritos foram registrados em arquivos computacionais, todo o trabalho era datilografado em papel. Buscando tranquilidade para continuar a escrita decide ir para a casa da avó. Contrariando as expectativas de seu namorado/noivo que estava envolvido com a reforma da casa que iriam habitar posterior ao casamento, a jovem quer sossego e pega a estrada rumo a seu destino, aliás o próprio noivo é quem cede a carona, sua avó e as amigas estão costurando uma colcha de retalhos que seria o presente de casamento da jovem, entre um ponto aqui, uma estampa ali, as histórias daquelas mulheres vão compondo a escrita da pesquisadora. Certa tarde um temporal arrebatou a região da casa de sua avó, sua tese que estava praticamente pronta e empilhada sobre a mesa é espalhada por todo canto com a ventania, todas as mulheres envolvidas na trama saem recolhendo os escritos esparramados pelo vendaval, a tese outrora pronta agora são fragmentos registrados em papéis dispersos.³

Parei de esperar pelo presente estimado quando resolvi tecer a minha própria colcha de retalhos, costurar escrita e metodologia “*as narrativas são tratadas como parte do tecido da experiência, uma parte sem a qual a ciência que fazemos não seria possível e por isso*

³ COLCHA de retalhos. Direção de Jocelyn Moorhouse. Estados Unidos: Universal Studios, 1995. 1 DVD (116 min.).

tornam-se parte de uma política de pesquisa” (CONTI; SILVEIRA, 2016, p. 55). Você lembra da história que contei da conversa que tive com minha Mãe? Meados de 2019 estava com minha Mãe na antiga casa em que eu morava, na cozinha, lugar onde recebia as visitas, fizemos uma refeição, conversamos sobre as descobertas que eu estava experimentando no mestrado. Emocionada contei de alguns textos que havia lido propostos na disciplina de Antropologia, entusiasmada digo que as leituras têm saltado em sentimentos de potência e alegria. Dois trabalhos em especial estão nesta lista: uma dissertação e uma tese, etnografias de Ana Mumbuca e Luísa Flores. Fiquei desperta ao constatar que as escritas nesses trabalhos traziam narrativas pessoais, além de saber sobre a pesquisa desenvolvida, foi possível conhecer quem eram as pessoas presentes. *“Escrever é, portanto, ‘se mostrar’, se expor, fazer aparecer seu próprio rosto perto do outro”* (FOUCAULT, 2004, p. 156). Voltando à conversa com minha Mãe, ela me interrompeu: - *Carol, já reparou como as histórias contadas mexem com você?*

- Como assim, Mãe?

- *Desde criança, que você é assim. As meninas da Auxiliadora diziam que te achavam engraçada porque tudo o que te contavam você acreditava. A Lili, a Néia e a Ninha, lembra?!*

- Sim! No quarto de uma delas tinha uma fotografia de um ginasta nas argolas. Eu perguntei quem era, e elas responderam que seria o pai da Mariana. *“A ficção precisa se ater aos fatos, e quanto mais verdadeiros os fatos, melhor a ficção – é o que dizem”* (WOOLF, 2014, p. 28).

- *Pois é, acho que deveria dar atenção a isso. Parece ser alguma coisa importante para você.*

Naquele momento penso que comecei a desejar um modo meu de fazer a pesquisa. Hoje menos pretensiosa que antes, autoral, que eu me reconheça e me perca ao ler e reler o trabalho “pronto”. *“Reunir o que se pode ouvir ou ler, e isso com uma finalidade que nada mais é que a constituição de si”* (FOUCAULT, 2004, p. 149). Por falar em pronto, a passagem mais linda da tese de Luísa Flores foi quando ela escreve uma carta para pedir permissão e se apresentar à comunidade que pretende estudar. A Ya, responde: *“A sua tese já está pronta. Quem precisa estar pronta é você”* (FLORES, 2018, p.20). Dias depois, te escrevi uma carta e entreguei pessoalmente em seu gabinete quando fizemos uma reunião de orientação, lembra Rena? Dizia o que eu queria e o que ainda não sabia querer em relação ao nosso trabalho, faltava o problema da pesquisa. *“Há portas que só se abrem pelo lado de dentro”* (FLORES, 2018, p.8).

Era preciso abandonar o projeto de entrada no mestrado, para que houvesse reconhecimento mútuo, percebi que a pesquisa acontecia com você, por isso, teria que ser algo que fermentasse os nossos desejos, uma vez que, para você, a criação é fonte primária no fazer, ao longo do processo isso tem estado evidente.

A processualidade se faz presente nos avanços e nas paradas, em campos, em letras e linha, na escrita, em nós. A cartografia parte do reconhecimento de que, o tempo todo, estamos em processos, em obra. O acompanhamento de tais processos depende de uma atitude, de um ethos, e não está garantido de antemão. (BARROS; KASTRUP, 2012, p. 73).

A maiêutica *in loco*, fui provocada a gestar. O bom encontro que nos gera potência em Ser. Trajetória da falta *a la* banquete de Platão, do método, *nhac!* Faltam pedaços. Fui questionada por você: *Qual é a sua metodologia para chegar em seu objetivo, Maria?* Quero escrever Cartas, trocar Cartas. Cor-res-pon-dên-cias. Com os sujeitos da minha pesquisa.

A carta é ao mesmo tempo um olhar que se lança sobre o destinatário (pela missiva que ele recebe, se sente olhado) e uma maneira de se oferecer ao seu olhar através do que lhe é dito sobre si mesmo. A carta prepara de certa forma um face a face (FOUCAULT, 2004, p. 156).

Você respondeu: *Ah sim, claro: Cartografias!!!* [gesticulando com as mãos fazendo um sinal de trocadilho], naquele momento sem saber o sinônimo do termo, mentalmente transformei o substantivo em verbo e pensei deve ser legal cartografar:

Expressão de uma pesquisa errante que navega na embriaguez do movimento pela sua própria mudança. Parir. Sair. Deixar-se um dia perder a cabeça. Ir quebrar em algum lugar. A cartografia não dispensa a viagem (OLIVEIRA, 2012, p. 164).

Tratei de convidar seis egressos do Ensino Médio, logo mais apresentarei cada um deles para você...

Rena, ano passado em março quando o estado de Minas Gerais publicou o decreto de fechamento para os serviços não essenciais em decorrência da pandemia ficou tudo muito estranho. Na época eu estava com vinte e três aulas semanais, trabalhando em duas escolas estaduais, porém, em greve desde fevereiro daquele ano na maior parte destas aulas. Menos nas aulas do noturno por se tratar de curso semestral e a reposição destas aulas gerarem um imbróglgio na vida funcional difícil de ser manejado, optei por lecioná-las.

No dia 16/3/2020 foi a última vez que pisei em uma sala de aula. Era noite naquela segunda-feira quando entrei para dar duas aulas nas turmas de terceiros anos do Ensino Médio da EJA, naquele momento eu não tinha muito o que dizer, sabia quase nada sobre tudo, tive uma conversa rápida com os estudantes, trocamos informações básicas sobre o contexto à época, repeti as mesmas coisas que foram recomendadas pela Organização Mundial de Saúde:

usem máscaras, limpem as mãos com água e sabão, e/ou álcool em gel 70°, mantenham distanciamento social e se puderem fiquem em casa.

As autoridades políticas que ocupavam as pastas do governo falavam em quarentena, o pronunciamento da OMS ao reconhecer o novo coronavírus na circunstância de pandemia ocorreu sete dias antes ao decreto anunciado em MG, decreto esse que fechou todos os setores da economia não essenciais: bares, casas de shows, academias, shopping's, escolas dentre outros.

Morando só, assimilando a ideia da exigência do isolamento social adentrei um *loop*, não tinha hora para dormir, acordar, comer, trabalhar, o caos instaurou-se, a TV ligada com manchetes alarmistas, sensacionalistas e pouco elucidativas remontava cenas clássicas hollywoodianas, de ficções científicas com enredos apocalípticos... diga-se de passagem, esses tipos de filmes evitei ao longo da minha vida.

Em meados de março do ano passado foi confirmada no Brasil a primeira morte por infecção do Sars-cov-2, uma mulher com 57 anos, pouco mais de um ano o número de vidas perdidas chega a quase meio milhão de brasileiros.

Haveria alguma maneira de evitar viver a pandemia? O que fazer para desprender da captura da sentença de morte com a chegada de um vírus letal? Enchi-me dessas perguntas assim como Butler (2018) o fez. Olhei para o céu, conversei com o firmamento, com as estrelas, pores do sol, liguei para o meu pai, pedi para que ele se cuidasse, disse que o amava, considerei importante dizer isto a ele, enquanto taxista, ele estaria atuando nos serviços essenciais.

No passado tivemos alguns desentendimentos. “*É muitas vezes a sutileza do que não foi dito ou explicado, ou aquilo que foi narrado apenas de soslaio que anuncia processos de travessia emocional [...]*” (EVARISTO, 2003, p. 12). Os dias seguiam sua cronologia habitual entre um *tic-tac* e outro recebi mensagem sua no *grupelho* pelo *WhatsApp* para uma reunião extraordinária.

Na infância tive um brinquedo chamado *Vire a mesa*, ele tinha uma alavanca que fazia com que o bonequinho com expressão indignada virasse a mesa jogando tudo pra cima, eu achava um barato total. Reunimo-nos virtualmente, a proposta era falar sobre o que sentíamos naquele momento em decorrência dos acontecimentos pandêmicos. Naquele dia acho que estávamos presentes Kelly, Tuliola, Vinícius, Pedro, Carla, eu e você. Comecei a notar que você estava tramando uns truques do *pensar de outra voa*, não é mesmo?

Na espuma dos dias outros foram chegando: Fernando, Neilton, Nilo... *o mar em sua infinita grandeza se recolhe*⁴, outros foram se recolhendo, desse encontro, inventamos outro grupo que nomeamos a época grupo de escritas dissidentes, o convite foi feito por Kelly, e estendido a você, eu, Tulíola, Neilton e mais tarde a Vinícius, queríamos falar, estudar e pensar de maneira dissidente, investigar outras epistemologias, *heterologias* (ASPIS, 2021, p. 15).

No seu livro do pós-doc que será lançado em breve, *eparrêi*, são citadas oito vezes a frase *pensar de outra voa*, mas Maria como você sabe isso? Fui dar um *ctrl + l* e fiz essa observação.

Bom, mas o que significa *pensar de outra voa* aparecer oito vezes? Particularmente, o número oito carrega alguns signos: quando colocado na horizontal se transforma no símbolo do infinito remetendo a reinvenção, recomeço, criação, nas notas musicais da escala maior *dó, ré, mi, fá, sol, lá, si, dó* os intervalos dessas notas são chamados oitavas, pareceu-me auspiciosa essa coincidência, oitos vezes a frase citada, o número oito e os signos. “*Dos meus lábios fluirão mentiras, mas talvez haja alguma verdade misturada a elas, cabe a vocês buscar essa verdade e decidir se vale a pena guardar parte dela, Se não, é lógico, vocês vão jogar tudo isso no lixo e esquecer*” (WOOLF, 2014, p. 13). A revolução profusa a partir daquela reunião foram as bruxarias que fizemos na tentativa de pensar, atravessar, sentir a pandemia juntos; de alguma maneira, *on-line*, ainda pesquisando, nos olhando, trocando, gestando de *outra voa*.

Seria possível pensar de outra voa? Rena, você diz que no *grupelho* o nosso verbo é *juntani* e nessa pegada seguimos estudando, lendo, escrevendo e partilhando nossas escritas “[...] *temos que fazer com que o sul do mundo fale*” (GONZÁLEZ, 2019, p. 25). Têm sido assim nos nossos experimentos no *grupelho*, estamos experimentando as nossas pesquisas, revirando as nossas entranhas. “*Não é no papel que você cria, mas no seu interior, nas vísceras e nos tecidos vivos*” (ANZALDÚA, 2000, p. 234). Não se trata de ser a melhor escolha e/ou a pior. É uma escolha, dentre várias disponíveis.

Aos poucos passei a sentir a chegada da metodologia deste trabalho, nada aconteceu de antemão não havia uma metodologia dada, esta veio da caminhada, do percurso, da travessia, do mexe e remexe, talvez por isso, a cartografia tenha sido convidada a compor esta pesquisa. “*Qual é o cabimento de uma pesquisa que não busque uma metodologia que seja coerente consigo mesma?*” (ASPIS, 2021, p. 37). Nas camadas dessa escrita desnuda,

⁴ Em uma ligação telefônica com minha amiga Daniela Garcia ela me disse essa frase.

evidenciada na aparição da linguagem em primeira pessoa, dos causos expostos na singularidade dos contos e pontos espichados das palavras, prenúncios do falar e escutar.

Há exatos quarenta anos Glória Anzaldúa escreveu o texto *Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo*. A Academia é repleta da presença feminina, mulheres trans e mulheres cis representantes dos estigmas e fortunas do feminino nesse território desdobram-se no acúmulo de tarefas e mais a de pesquisadora, escritora. Tarefa de equilibrar os pratinhos rodando no cume das varetas de pau: filha, mãe, esposa, coordenadora, professora, circense, tatuadora, diarista, profissional do sexo, desempregada. Todas as identidades sociais em confluência nos tablados dos letrados. Anzaldúa (2000, p. 233) nos lembra “*esqueça o quarto só para si – escreva na cozinha, [...] escute as palavras ecoando em seu corpo*”. Fomos autorizadas pela escrita das que vieram antes de nós. Num carro alegórico buscando seus destaques debaixo da sentença: isso não é acadêmico. “*Qualquer forma de saber que não se enquadre na ordem eurocêntrica de conhecimento tem sido continuamente rejeitada, sob o argumento de não constituir ciência credível*” (KILOMBA, 2019, p. 53). Grada fará a marcação do racismo naturalizado pelo colonialismo.

Até quando Rena, precisaremos pedir benção à ordem eurocêntrica para validar o que dizemos, pensamos, pesquisamos? Grada Kilomba conta em seu livro *Memórias da plantação: episódios do racismo cotidiano* o jogo estabelecido quando pretendiam afirmar que o que ela trazia em seus escritos era menor e acientífico, a lógica correspondente era acionada, brancos falando x pretos falando:

universal/específico;
objetivo/ subjetivo;
neutro/pessoal;
racional/emocional;
imparcial/parcial;
elas, eles têm fatos/nós temos opiniões;
elas, eles têm conhecimento/nós temos experiências.
(KILOMBA, 2019, p. 51-52)

Como não se lembrar do esquema dual da teoria do conhecimento platônica que separava e dividia o mundo entre conhecimento sensível e conhecimento inteligível? Na *Alegoria da Caverna*, Platão decodificava a natureza do conhecimento numa visão dicotômica dentro da conjunção *ou* a fim de demonstrar o que dizia da *aletheia* verdade *ou* da opinião *doxa*. Assim para Platão no mundo sensível estaria a treva, a cegueira e a privação de luz, já no mundo inteligível estariam as ideias em si, a verdade, o conhecimento (CHAUÍ, 2002, p. 258), modos correspondentes de demonstração das sentenças. [...] “*aos defensores de um*

pensamento único o pensamento múltiplo responde em sua pluralidade” (GARCIA, 2003, p. 34).

“*Contra todos e contra ninguém*” (RUSSO *et al*, 1986) cá estamos, Flávia Péret, Tullíola Lima, Kelly Vieira, Renata Aspís, Gláucia Carneiro, Carla Char, Neilton dos Reis, Vinícius Carvalho, escrevendo, pesquisando, revirando nossos afetos, regozijando palavras envoltas do sentir:

Escreve pelo meio, sem arborescências ou raízes. Uma escrita feita de devir, uma composição de signos para traçar linhas de fuga, querer fluxos, lançar flechas, provocar abalos, abrir alas, até valas, para uma língua desviante que fia e engendra multiplicidades e singularidades (OLIVEIRA, 2012, p. 175).

Chegar até aqui requer a escuta: quais são os afetos que me atravessam? Sigo tomada pelo desejo de pesquisar pelas bordas nas costuras das falações, palavras trocadas por cartas na feitura dos laços. Você dizia: *Maria, por que cartas?* Eu respondi: Rena, as cartas sempre estiveram entre nós, é reencontro (FOUCAULT, 2004), cartas trocadas nos tempos de guerras, cartas engarrafadas e lançadas ao mar, cartas de São Paulo, cartas de Epicuro... existe intenção. “*A carta que se envia age, por meio do próprio gesto da escrita, sobre aquele que a envia, assim como, pela leitura e releitura, ela age sobre aquele que a recebe*” (FOUCAULT, 2004, p. 153). A minha escrita é tessitura de encontros, lembranças, esquecimentos, acontecimentos primordialmente. Assim como a pesquisa vai se desenhando na destreza da composição colcha de retalhos. Daquilo que seja possível compor. Desperta por aquilo que considero caro nas relações: a escuta.

Rena, a ideia de convidar seis egressos do Ensino Médio para a troca de cartas via e-mail, para falamos da vida, de nossas ideias e do que eles têm a dizer sobre a experiência de ter tido o conteúdo de filosofia nessa etapa da formação é porque quero perguntar para eles e escutar o que para eles existiria de relevante ou não no ensino de filosofia. Diferente da cultura de dizer o que se pretende necessário e urgente para esses jovens nessa etapa de ensino. Essa prática é costumeira quando observamos argumentos expostos nos manuais de filosofia e documentos oficiais (LDB, Pareceres, OCN's) sobre a importância do ensino de filosofia, nos dizeres dos adultos, e os jovens com isso?

O que sabemos sobre o que os jovens estudantes referidos nesses documentos pensam a respeito do ensino de filosofia? Existe alguma escuta? Ao menos não li falas dos jovens em nenhum desses documentos. A partir dessa lacuna, do exercício de prestar atenção aos jovens estudantes, me vi disposta a investigar a qual metodologia recorrer a fim de desvelar a questão do problema da pesquisa sobre o interesse/desinteresse dos estudantes em relação às aulas de

filosofia no Ensino Médio. Irrequieta, inúmeras vezes repetia para você, a metodologia precisa se conectar ao campo dos afetos, talvez estivesse repetindo para mim mesma. Decerto que as inquietações pertinentes aos processos da pesquisa costumam levar a nós, pesquisadoras, a torções genuínas que antes estanques, transmutam-se em consciência, será que teria a ver com aquela expressão, que você sempre diz: *pergunte para as suas entranhas, Maria:*

Não havia nada que me ajudasse a pensar e dar forma ao que eu queria fazer dentro do meu próprio contexto cultural, ou decidir como eu deveria empreender alguma pesquisa em uma de minhas comunidades. Mesmo pesquisas anteriores, de outros acadêmicos maoris, pareciam problemáticas para mim, primeiro porque eles escreviam como se fossem estrangeiros em seu próprio mundo, e segundo porque eram todos homens, fluentes na língua maori e reconhecidos como profundos conhecedores da cultura investigada (SMITH, 2018, p. 224).

Pausa para respirar...

Atrever-se a escrever na pretensão de inventar uma metodologia requer pensar o percurso. Dizer da pesquisa e seu percurso através da narrativa é uma escolha política. Para Conti e Silveira (2016, p. 57) *“Tomamos o método como um modo de fazer política”*.

Lembro-me da gravação do disco acústico dos Titãs, banda brasileira de pop/rock dos anos 80 que surgiu numa levada mais rock do que pop. Com as investidas da indústria cultural adequou a vertente moderada do mercado lançando no final dos anos 90 a versão acústica. Os fãs alvoroçados no encontro com os ídolos em uma das músicas elevam o tom na gravação da letra *bichos escrotos* (ANTUNES *et al*, 1986) e são reconduzidos pelos músicos que relembram que se tratava de uma melodia mais amena a ser proposta ali naquele momento. O que essa história tem a ver com a construção da multiplicidade desta metodologia? Pois bem, a tentação a reproduzir o modo costumeiro da escrita tende a ser automática. Ao puxar um recuo de 4 cm e toda a estrutura habitual, sou tomada pela reflexão. Isso ainda se pretende uma carta, *“As cartas são convites à intimidade”* (GRAVATTA, 2019, p. 7).

Quem são os jovens estudantes que convidei para participar da pesquisa e dialogar através de cartas sobre o problema interesse/desinteresse em relação às aulas de filosofia, Rena? Adiante farei a apresentação desses em definitivo, antes sou tomada por memórias.

Por diversas vezes perguntei a mim mesma: quem são os jovens com os quais trabalho ao longo dos anos? A exemplo da carta que te escrevi lá atrás quando comecei a pensar sobre o problema desta pesquisa, te digo, eles são muitos, centenas, tenho uma média de setecentos estudantes anualmente e por vezes sinto que não os conheço. Você poderia dizer, como já disse em outros carnavais, *e daí Maria, qual é o ponto em questão? Eles também não te conhecem*. Pode até ser que essa afirmativa faça algum sentido, mas parece que existe um

desvio sistemático de interações dentro da própria engrenagem do trabalho de professora da Educação Básica, condições de trabalho talvez, volume e fluxo do trabalho, carga horária, dezenas de estudantes por sala de aula, quarenta estudantes por turma no Ensino Médio, número este determinado pela legislação:

Socorro, eu não estou sentindo nada.
Nem medo, nem calor, nem fogo,
Não vai dar mais pra chorar
Nem pra rir.

Socorro, alguma alma, mesmo que penada,
Me empreste suas penas.
Já não sinto amor nem dor,
Já não sinto nada.

Socorro, alguém me dê um coração,
Que esse já não bate nem apanha.
Por favor, uma emoção pequena,
Qualquer coisa que se sinta,
Tem tantos sentimentos,
Deve ter algum que sirva.

Socorro, alguma rua que me dê sentido,
Em qualquer cruzamento,
Acostamento, encruzilhada,
Socorro, eu já não sinto nada (RUIZ, 2017, p. 26-27).

Que sistema é este capaz de modular afetos tristes dentro desse contexto de sobrecarga? Ao passo que em condições razoáveis muito mais afetos positivos aconteceria na relação com os estudantes. *“Acumulação semiocapitalista [...] usa todos os meios possíveis de captura e gestão da subjetividade, de suas capacidades e poderes, de apropriação e modulação do tempo, do desejo e da criatividade do sujeito”* (VIRTANEN, 2011, p. 54). No contexto atual com a pandemia e o ensino emergencial alcançamos a morte da docência ou pelo menos a dormência da docência, viramos geradores de dados para um sistema que quer nos devorar...

Começo por apresentar Camélia, uma jovem preocupada com o futuro e sua colocação no mundo. Ela possui preferências liberais no campo da política social e acredita que o indivíduo seja capaz de transformar o seu próprio meio. A cena que vou te contar é muito boa, Rena... Seguinte: eu precisava finalizar meus trabalhos acadêmicos das disciplinas que estava cursando no Promestre. Logo, propus que os estudantes se organizassem em grupos para desenvolverem as tarefas, com isto eu teria tempo pra terminar os trabalhos da academia.

Quase a totalidade das minhas aulas são expositivas, com uma aula de filosofia por semana com a rotina de provas, recurso bastante usado nas escolas para medir o conhecimento

dos estudantes (nem sempre é possível fazer frente a esta rotina), torna-se necessário “correr com a matéria”, só que Camélia relutou e disse que não iria fazer as atividades em grupo, por que aquilo não seria uma aula de filosofia. Essa recusa da Camélia em fazer as atividades e a reivindicação em querer ter aula de filosofia deixou uma faísca no ar, pensei: o que Camélia está chamando de aula de filosofia? Por vezes observo outros professores atribuindo atividades em grupo sem causar espanto nos estudantes, qual seria a questão colocada por Camélia? No primeiro momento estranhei aquela reação, sabe quando você fica surpresa? Lembrei do vídeo do Deleuze em que ele fala a respeito do que é uma aula e devolvi a pergunta pra Camélia: o que ela estaria nomeando *aula de filosofia*? Não deu certo, ela estava determinada, mas como você disse “*todo ‘não dar certo’ tem um errado muito profícuo*” (ASPIS, 2021, p. 16).

Camélia sem saber encheu de energia a minha pesquisa com a insistência em ter aula de filosofia. Ora, diante do suposto desinteresse dos estudantes em relação às aulas de filosofia, o que ela quer nos dizer com a afirmação “quero ter aula de filosofia”? Vamos escutá-la!

Rena, Antúrio é uma figura... Do último horário do fim da manhã, surge uma cumplicidade através da saudação *Axé!* entre Antúrio e eu. Antúrio era tido como alguém fora dos padrões de bom aluno, ele havia despertado a minha atenção anos antes na apresentação de um trabalho na Feira de Ciências sobre a história do manicômio no Brasil, na qual, sem se desviar da responsabilidade do conceito, escolheu por adotar o termo genocídio nacional. Dotado de segurança, vestido de jaleco branco, vi despontar a explicação de Antúrio sobre a perversidade e falácias alimentadas no imaginário popular desse mecanismo de poder. Dentro e fora da sala de aula, o desvio apontado pela coordenação escolar resvalava em mim como capacidade que Antúrio teria de questionar e contestar o estabelecido. Talvez ele não possua as melhores notas em seu registro escolar. Por outro lado, sua presença era notável e sua expressão, significativa. No status do perfil dele do *WhatsApp* está escrito “*Só quem sabe onde é Luanda saberá me dar valor*” (GIL, 1981). Pensei em chamá-lo para conversar, chamei e ele aceitou.

Espia a elegância do Girassol. Esguio e concentrado Girassol estava sempre empunhando um livro antes das aulas, havia naquele gesto uma maneira de se comunicar com a professora. Apaixonado por Nietzsche curti estampar as capas dos escritos. Diante ao gesto, eu respondia indo até ele tabular conversas. Assim íamos tecendo nossas prosas sobre o incompreendido da filosofia. Girassol repetia: gosto muito do alemão. Em alguns momentos

ele confidenciou querer estudar filosofia, mas demonstrava certa preocupação com o mercado de trabalho. Errado ele não estava, cogitei convidá-lo para a pesquisa e o fiz.

“*Marina morena, Marina...*” (CAYMMI, 1986). Alguns estudantes demonstram ter preferência pelas ciências exatas e consideram o pessoal de humanas “viajados para além da conta”. Margarida está dentro dessa turma daqueles que preferem a pragmática dos números, porém certa vez disse que apesar de não fazer a mínima ideia sobre o que eu estava falando nas aulas de filosofia, desejava que eu continuasse a falar. O que estaria implícito naquele desejo? Diante da impossibilidade de responder por mim mesma propus o convite a fim da partilha e escuta.

Crisântemo e Lírio formavam uma dupla de amigos inseparáveis. Animados, vibravam com as aulas, perguntavam de tudo um pouco. O menino optou por interromper os estudos formais e deu por fazer um exame de conclusão do Ensino Médio, Enceja. Crisântemo continuou a empreitada. Chegaram novinhos cinco anos atrás. Apesar de toda a carga das tarefas acumuladas pela corrida a uma vaga na Universidade, Crisântemo desvencilhava-se do cansaço a fim de se colocar a ter as aulas de filosofia. Seus olhos sorriam. Dei-me a interrogar: o que a cativa? Cativada me encontrava. De certa forma, aquelas aulas de filosofia pareciam ter efeito semelhante aos que tive na minha formação básica, chamei Crisântemo para conversar.

Por último vou apresentar-lhe Orquídea, Rena...

Orquídea estava sempre atenta às aulas, compenetrada opinava sem hesitar... Sobrancelhas grossas em um rosto delicado, estatura bem pequena, porém se mostrava grande quando estabelecia conversa com os colegas, a turma fazia silêncio para escutá-la, com ela o papo é reto. Bem, a juventude se diz de vários modos, parafraseando Aristóteles ou confabulando com Oliveira (2012, p. 161) “[...] *criar muitos modos de pesquisar em educação, os mais diversos, variados, desconectados e até disparatados*”. Pensei: Orquídea vai trazer perspectivas interessantes para a pesquisa. Assim como todos os outros têm promovido provocações, tenho percebido nas nossas trocas através das cartas como que paulatinamente eles vêm dizendo sobre pontos da didática das aulas de filosofia, das coisas que seriam capazes de afetá-los, aos poucos o caleidoscópio está abrindo-se

A relação entre um sujeito que observa e um objeto que é observado não é simples e estável, com seus termos definidos. Cada um dos termos é complexo e mutante. O sujeito observa, porém nunca é neutro, já que consigo traz toda sua história e sua geografia, suas angústias, suas alegrias, memórias, propensões, sensibilidades, tabus etc., além das circunstâncias singulares do momento exato em que está dedicado a observar. O sujeito pode, ele também, estar sendo observado pelo objeto, o que o

torna objeto, ato que desdobra a relação em uma inversão dela mesma, ambas acontecendo ao mesmo tempo (ASPIS, 2021, p. 34).

Rena, vou ficando por aqui confiante nas suas palavras, que no passado percebendo a minha angústia com o processo do trabalho disse: *deixa fluir!*

Sigamos ciganas,

Maria.

CARTA 4 – PARA QUEM PROCURA E ACHA

Belo Horizonte, 15 de Fevereiro de 2021

Carol, que alegria a sua chegada à faculdade de filosofia! Aliás, a partir de agora você estará numa Universidade... Privada, porém no curso desejado desde sempre. Você nunca titubeou em relação à sua escolha, escolha esta desenhada dez anos antes quando começou a ter aulas de filosofia numa escola municipal, eram duas aulas por semana, que sorte a nossa! Existia o PNLD (Plano Nacional do Livro Didático), mas “daquele jeito”, existia a lei no papel e a ausência da política pública para fomentar a chegada do acesso na ponta, ou seja, os livros didáticos nas mãos dos estudantes. Sendo assim, fomos informadas que para essa disciplina seria necessária a aquisição do livro didático, precisávamos comunicar ao nosso pai; claro que ele questionou e falou aos montes, (isto em mil novecentos e noventa e oito, dez anos mais tarde a realidade ficou diferente com a ampliação das políticas públicas do FNDE – Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação), até hoje não sei qual argumento você usou para convencê-lo a comprar o livro didático de filosofia; papai não aceitava ter de comprar livro para uma filha que estava inserida no ensino público; nós ficamos chateadas na época, mas prestamos atenção na argumentação e fomos entendendo o que ele queria dizer, afinal, se tratava de um ex-sindicalista, trabalhador da metalurgia, figura envolvida com pautas progressistas e simpatizante de um partido fundado por um também ex-metalúrgico, na efervescência do movimento sindical dos trabalhadores metalúrgicos nos anos oitenta fez greve e por fim foi mandado embora mediante um acordo.

Resolveram se livrar daquele homem pai de quatro filhos, que gostava de usar calça jeans, blusa de malha, uma capanga de couro atravessada em seu corpo, com o passar do tempo descobrimos que a marca de jeans preferida dele era a *Wrangler*, durante anos teve um mesmo calçado conhecido a época bota *Zebu*, a bolsa transversal tempos depois foi repassada para nossa vizinha, amiga da nossa irmã mais velha. Curioso lembrar estas expressões de papai através de suas vestimentas, naquele contexto com seus trinta e poucos anos, questionador da política neoliberal, não ficou imune a certos desejos de consumo do *american way of life*, decerto influenciado pelos meios de comunicação daquela década e de décadas anteriores: filmes, rádio, televisão aberta, “*O que a pesquisa pode nos dizer? Isso só podemos indicar após o caminhar, a partir do presente. Mas, vamos contar do passado? Também. Um passado em movimento, que nos atravessa e transforma o futuro a cada instante*” (BARROS; KASTRUP, 2012, p. 60).

O livro que ganhamos se chama *Filosofando* versão *pocket*. Por amizade emprestamos este livro e nunca mais recebemos de volta, como recompensa nossa amiga nos deu o livro *O mundo de Sofia*, também emprestado por alguém, práticas curiosas de um passado memorável, ainda bem que há uns bons anos existem os sebos espalhados pelas ruas da cidade e internet.

O gosto pela filosofia e o filosofar foram despertados e/ou reconhecidos na época da adolescência com essa experiência da disciplina de filosofia na Educação Básica. Nas aulas de filosofia podíamos expressar, tivemos uma professora por dois anos seguidos e quando mudamos de escola e de rede: da municipal para a estadual, um professor, ambos licenciados em filosofia e concursados em seus respectivos cargos. Talvez resida certa característica singular para essa experiência, “[...] *A filosofia não é uma questão privada, ela constrói-se no diálogo. [...] o professor tem uma tarefa fundamental: estimular a vontade. Ensinar filosofia é convidar a pensar*” (CERLETTI, 2004, p. 41). Fomos afetadas positivamente por esses professores, “*Num afeto de alegria [...], o corpo que nos afeta é indicado compondo sua relação com o nosso e não sua relação decompondo a nossa*” (DELEUZE, 2019, p. 62). Fizemos a travessia, concluímos o Ensino Médio, graduamos em licenciatura de filosofia, entramos no sistema de ensino público na condição de professora de filosofia, há treze anos. Preciso contar-lhe algumas coisas, daqui de dentro, do processo do pesquisar, puxa a cadeira, ouça esta história, afinal já se foram mais de uma década desde a graduação de licenciatura em filosofia, rabisquei um texto e gostaria de partilhá-lo com você, atenção: contém pílulas explosivas.

Escrevo textos mentais que nunca tomam forma, narrativas e elucubrações “geniais”, porém, não-ditas, que processo é esse do escrever sem escrever? Você se reconhece nesse movimento? Quem me/te autorizou a falar? A escrever então?! Presunção! Ademais essa escrita solta, narrativa, próxima à literatura... Diga isso em voz baixa, só os consagrados podem escrever de forma literária, tom erudito, necessário serem letrados para compreender a metalinguagem, o interstício do dito não-dito, horas de uma ciência profusa de averiguação do que os grandes disseram, dê-me licença preciso dizer, *deixe em paz meu coração, que ele é um pote até aqui de mágoa* (BUARQUE, 1975), escrevo em prosas, versos do contar cotidiano, de uma reles servidora do Estado ocupante de um dos cargos menos valorizados das cadeiras da “estabilidade funcional”, que há cinco anos desconhece quaisquer reajustes salariais, seja em centavos, não existe, tudo aumenta: aluguel, farmacológicos, gás, alimentação... Ah, também a indignação da população desassistida contra as desocupadas das professoras dos seus filhos, a escola pública é a *ágora* desvalida do povo oprimido-opressor e

catequizado, hoje eu não estou benta! Venho tendo problemas com a imobiliária que há quase cem dias marca manutenção na minha casa e não aparece, terceira vez! Cansei de contar, quero causar, vou de causo, vai ser melhor, eu acho, desde que amanheci peguei de ler um artigo, daquelas práticas que a gente faz pra validar a nossa escrita na academia. “*Através do jogo das leituras escolhidas e da escritura assimiladora, deve-se poder formar uma identidade através da qual se lê toda uma genealogia espiritual. Em um coro, há vozes agudas, graves e médias, timbres de homens e mulheres*” (FOUCAULT, 2004, p. 153).

Para, além disso, por nossa busca constante por conhecer, afinal não sabemos tudo, o que seria saber tudo? Essa pergunta daria outra escrita, certamente, voltemos à conversa iniciada, Carol, porque pra dizer das coisas, precisa de referências, colunas estruturais daquilo que se pretende falar, *ops*, tem de estar referendado, o jogo jogado é assim, tem sido assim, tem as normas, tem os consagrados, mas pra além da rabugice que teima em se fazer presente aqui nesta narrativa existe o *modus operandi* de todo um trabalho descrito em termos conceituais e tempo de estudo, outro dia a ficha caiu, estar no mestrado é trabalho, e se não for encarado dessa maneira com a seriedade que o imperativo deste senhor se coloca, hum hum... dá errado, tem que ser todo dia, rotineiramente, tal e qual a *areté* grega, aquilo que se adquire pela excelência da execução, no fazer aperfeiçoado, entregando o melhor, está entendido, avante, *sapere aude!* É por isso que estou aqui, no exercício de oferecer a virtude, a excelência, tem dor, mas tem prazer, dicotomia garantida? Não, trabalho contínuo.

Quando se passa incessantemente de livro a livro, sem jamais se deter, sem retornar de tempos em tempos à colméia com sua provisão de néctar, sem consequentemente tomar notas, nem organizar para si mesmo, por escrito, um tesouro de leitura, arrisca-se a não reter nada, a se dispersar em pensamentos dispersos, e a esquecer de si mesmo. A escrita, como maneira de recolher a leitura feita e de se recolher nela, é um exercício racional que se opõe ao grande feito da *stultitia*, possivelmente favorecida pela leitura interminável (FOUCAULT, 2004, p. 160).

Antes de decidir pela escrita diária, dou uma última pesquisada no *Google* para ver as notícias, é um jeito de matar o tempo, até que o cansaço esteja presente e mesmo tendo lido, anotado, preparado vários percursos para a escrita... Conseguir desvencilhar-me e adormecer no fracasso de menos um dia possível para escrever, não, não, não. Hoje é dia de escrever sim. “*O ‘eu não aguento mais’ não é portanto, o signo de uma fraqueza da potência, mas exprime, ao contrário, a potência de resistir do corpo. Cair, ficar deitado, bambolear, rastejar são atos de resistência*” (LAPOUJADE, 2002). Aliás já é noite, de uma segunda-feira pré-Carnaval de um ano sem Carnaval, meu primeiro em vida, inclusive, era para estar embriagada na fantasia do colorido mais diverso do país, catarse, deixa estar... *estou me*

guardando pra quando o Carnaval chegar (BUARQUE, 1972). Espera! Eu disse que contaria um caso, é sobre o jeito que surgiu a idéia de escrever a dissertação por cartas, mas é também a maneira de escrever como colcha de retalhos, da irrupção do problema da pesquisa emergido de uma “*aula como acontecimento*” (ASPIS, 2012, p. 156), quase todas as coisas que conto é em relação às minhas vivências, “*Vou mostrando como sou, e vou sendo como posso, jogando meu corpo no mundo, andando por todos os cantos, e pela lei natural dos encontros, eu deixo e recebo um tanto, e passo aos olhos nus, ou vestidos de lunetas, passado, presente*” (GALVÃO; MORAES, 1972), vou existindo diante do que sou capaz de lembrar, esquecer e escrever, existir na/pela escrita.

É preciso dizer que se marcamos um feminino na ciência e não uma ciência feminina é também para marcar uma posição política no meio acadêmico, nesse meio que trata sem pestanejar homens como rigorosos cientistas e nós, contadoras de histórias, como “*pesquisadoras sensíveis*”. [...] não queremos apagar nossa sensibilidade, mas queremos que nossas narrativas tenham lugar em pé de igualdade na comunidade científica [...] (CONTI; SILVEIRA, 2016, p. 66).

21:29hs a vizinhança está marretando alguma coisa em casa, o som está atravessando as paredes, saco um protetor auricular e enfio nas orelhas, estou convencida de que um texto será composto esta noite, rodopiava a procura do *lugar* da pesquisa, aparentemente toda e qualquer circunstância poderia subsidiar o trabalho, filmes, viagens, rodas de conversas regadas a bebidas alcoólicas nos constantes festejos da rotina belo-horizontina, mas a provocação da pesquisa veio do cotidiano da escola, dia após dia ficava angustiada em não ter um problema a ser pesquisado efetivamente,

[...] do ponto de vista semântico, é uma dificuldade, ainda sem solução, que é mister determinar com precisão, para intentar, em seguida, seu exame, avaliação e solução. O primeiro passo de uma pesquisa é a determinação de um problema, isto é, do objetivo central da indagação (MAFRA, 2005, p. 71).

Ora, já estava ingressa no Mestrado Profissional, a prerrogativa formal era justamente desvelar essa proposição: *qual é o seu problema de pesquisa, Carol?* Chega a ser engraçada essa trajetória centrípeta que desenvolvi ao trazer à tona o problema da pesquisa. Nesse momento, direi da torção vivida nesta pesquisa, correria danada com prazos pipocando no fechamento do primeiro semestre letivo no mestrado, lá para os idos de dois mil e dezenove, parece outro mundo, outro tempo... Dezoito aulas, para dezoito turmas do Ensino Médio, setecentos e vinte adolescentes entre quatorze e vinte anos, concomitante a supervisão do Pibid Multidisciplinar com oito estagiários de quatro graduações distintas: ciências

biológicas, educação física, filosofia e geografia. O acúmulo de funções e atribuições aliado aos prazos dos trabalhos acadêmicos, não me deixava a menor dúvida: precisaria ao longo das semanas atribuir atividades em sala de aula para os estudantes, ao invés da costumeira aula expositiva, tão cara, mas que àquela altura, significava consumo de energia daquele *corpo que não aguenta mais* (LAPOUJADE, 2002). Dei de chegar nas salas de aula, organizar os estudantes em grupos, direcionar a atividade e voltar à mesa com o *laptop* aberto para desenvolver as tarefas em andamento, imaginei ser possível conduzir assim as aulas por algumas semanas, quando fui surpreendida por Camélia, aluna do terceiro ano que se negava a participar, disse-me em alto e bom som que queria ter aula de filosofia, que se recusava a fazer aquela atividade naquele momento, — que diacho a estudante estaria nomeando *aula de filosofia?* Não fazia ideia do que correspondia o que chamarei aqui: reivindicação, pelo ímpeto da interjeição trazida na indignação da jovem, em princípio houve algum desconforto da minha parte, esse desconforto deslocou-se “*trata-se, pois, não de uma tomada de consciência, mas de uma nova sensibilidade, se é atravessado por outras formas de sentir e de perceber, [...]*”(ASPIS, 2012, p. 157), outras hipóteses fizeram morada, mas calma “*pensar não é natural*” (DELEUZE, 1992) é violência “*encontro com aquilo que nos força a pensar, com o que nos faz sentir e perceber de outra maneira, o encontro com o fora, com o impensável. [...] encontros que nos forcem a pensar, que forcem a olhar, a interpretar*” (ASPIS, 2012, p. 157).

Nesta ciranda do cachorro correndo atrás do rabo, nem a boca nem o rabo, desse arrombo no pensamento surgiu um problema de pesquisa a ser solucionado, “*todo pensamento, todo devir é involuntário [...] devires revolucionários*” (ASPIS, 2012, p. 156). Em treze anos de sala de aula jamais havia acontecido uma manifestação tão veemente quanto aquele pedido por uma aula de filosofia, como diria Aspís (2012), o que fazer diante a situação: ser livre e escolher navegar nesta manifestação ou seguir como se nada tivesse acontecido? Afinal nada passa, foi apenas um esbarrão. Ao contrário alguma coisa passou “*Foi um rio que passou em minha vida, e meu coração se deixou levar*” (VIOLA, 1970). Não fiquei indiferente, fui atrás na busca por investigar.

Na contramão de dizer *isto* ou *aquilo* sobre os jovens e seus gostos, optamos por convidar os estudantes a trocar correspondências por cartas via email. A princípio sem periodicidade determinada. Mas, a partir das fruições das conversas. O que eles pensam, sentem, gostariam de dizer em relação às aulas de filosofia? Onde poderia vir a ser desvelado o que está por trás dessas aulas de filosofia que tanto os deslocam a querer que as mesmas continuem acontecendo na rotina escolar? O que essas aulas de filosofia têm e/ou não têm?

Ou talvez como elas poderiam acontecer? São questões que por escolha metodológica, preferimos que fossem ditas pelos sujeitos, no sentido de escutar esses jovens que têm sido alvo de apontamentos por parte dos adultos, por pesquisas que determinam o que deveria acontecer no espaço do ensino. Em nada esse manejo se liga à perspectiva do “dar visibilidade” uma vez que, o jovem, o novo é aquilo que vem, ocupa o seu espaço e permeia o território do aqui e agora. *Eu acredito é na rapaziada* (GONZAGUINHA, 1980). Mas, antes *pensar com* no propósito do ensino de filosofia nessa etapa de formação da Educação Básica

Em Filosofia é como num romance: deve-se perguntar “que vai suceder”?, “o que se passou”?. Só que os personagens são conceitos, e os meios, as paisagens, são espaços-tempos. Escreve-se sempre para dar a vida, para liberar a vida aí onde ela está aprisionada para traçar linhas de fuga (DELEUZE, 1992, p. 176).

Diante do desafio de escutar o que esses jovens têm a dizer e, sobretudo aprender com essa escuta em relação ao que eles pensam sobre a inserção da filosofia no Ensino Médio, não se trata de dizer como deve ser esse ensino, tarefa esta de suma importância que vem sendo desenvolvida por várias frentes de trabalho na defesa do conteúdo no currículo da Educação Básica. Mas trata-se antes de, dialogar a fim de ressignificar o trabalho entendido a partir do olhar do jovem para a disciplina em questão, a fim de reformá-lo e torná-lo melhor.

Carol, você está aí? Quando foi que nossas certezas tornaram-se (in) certas? Nós que cogitamos através de nossa formação estarmos preparadas para lecionar, aos poucos vamos percebendo a imensidão do ensinar, Deleuze (1992, p. 175) pulverizou algumas linhas, “[...] *um excesso de saber que mata o que é vivo na Filosofia*”. Façamos o movimento de afirmação da vida. Coragem!

CARTA 5 – DOS ESTUDANTES⁵

Belo Horizonte, 28 de maio de 2020

Axé Antúrio!

Antes de você ser meu aluno eu já tinha ouvido falar sobre você. Diziam que você era levado e desinteressado pelos estudos. Bem, essa opinião sobre você pra mim não dizia quem você era. Talvez quem você tenha sido em alguma fase da sua vida. E isso me chamou atenção porque quando eu fui adolescente era comum na escola as pessoas falarem que eu não rendia o suficiente na condição de aluna. Então de cara achei curioso esse comentário a seu respeito, porque me fez lembrar de mim mesma, da minha história dentro de uma escola pública quando eu estava com a idade entre quinze a dezoito anos.

Porém, quando você se tornou meu aluno a experiência que tive no dia-a-dia com você foi outra. Em algumas aulas você se mostrava *quente fervendo* para o debate, colocando as suas ideias que penso terem sido importantes para as nossas conversas na sala de aula.

Nos anos que estivemos no Ensino Médio observei a sua transformação num jovem crítico, envolvido, disposto e participativo. Acompanhar o seu desenvolvimento me deixou feliz e atenta para a possibilidade de te chamar para fazer parte da minha pesquisa no Mestrado Profissional da Faculdade de Educação da UFMG.

Sou professora de filosofia há mais de uma década e ano após ano percebo que existem estudantes que não gostam de filosofia e outros tantos estudantes que gostam das aulas de filosofia. E fico me perguntando: por que será que isso acontece? Essa é a minha pesquisa, esse é o meu objeto da pesquisa. O interesse e o desinteresse dos estudantes do Ensino Médio em relação às aulas de filosofia.

Só que eu não posso pesquisar sozinha. Por isso, te convidei pra participar da pesquisa. Você é um dos sujeitos interlocutores da minha pesquisa. Convidei outros ex-alunos meus também, no total serão seis. E a ideia é a gente trocar correspondência, via email, tá ligado, né? Como resultado final do mestrado, vou escrever uma dissertação sobre essas

⁵ Os estudantes egressos participantes desta pesquisa foram devidamente esclarecidos sobre os possíveis riscos nessa participação, ficaram cientes de que poderiam desistir a qualquer tempo e que teriam suas identidades preservadas. Todos assinaram um TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido) bastante detalhado. Esta documentação se encontra sob minha responsabilidade e assim permanecerá pelo prazo de cinco anos a partir da data da defesa.

correspondências todas sobre o tema interesse/desinteresse dos estudantes pelas aulas de filosofia, apoiada em todas as escolhas teóricas que eu e minha orientadora, a professora Renata Aspis, faremos. Mas essa conversa aqui será entre nós (você e eu).

Por isso, gostaria de saber como você se sentia nas aulas? Você se lembra da primeira aula de filosofia que tivemos? Teve alguma aula que te marcou? O que vocêalaria das aulas de filosofia? E você, já tinha ouvido falar alguma coisa sobre mim antes de ter tido aula comigo? Já rolava algum comentário a meu respeito ou sobre as aulas de filosofia? Nossa, fiz mil perguntas... fale o que tiver vontade, não precisa responder tudo de uma vez, a gente tem tempo, vamos conversando.

Espero sua resposta

Obrigada

Beijo

Carol.

Belo Horizonte, 20 de junho

Axé Carol !! ☺

Na aula de Filosofia , me sentia dentro das músicas que eu escutava . A cada filósofo , tema , pensamento e falas , sempre me remetia alguma música , de Drão do Gilberto Gil a keepya Head up do Tupac. Talvez por isso me sentia tão bem nas aulas , livre pra falar o quê eu pensava e sentia .Diferente de outras aulas .

Tanto que umas das primeiras aulas que me lembro , que tive com você . Foi uma aula para analisar uma música do Caetano . Já comecei a me interessar ali , olhar com outros olhos a Filosofia , não como me falavam . Depois estudar Filosofia , já era algo prazeroso, mesmo tendo aula logo após, de uma Educação física kkkk .

Belo Horizonte, 11 de setembro de 2021

Ei Antúrio, como você está?

Faz tempo que não nos falamos, fiquei sem notícias suas, tantas coisas aconteceram desde a nossa última conversa, resolvi dar um tempo em função da perda que tivemos do Raison, amigo é a família que escolhemos, segue dentro da gente mesmo quando nos separamos pelas circunstâncias da vida, *amigo é coisa pra se guardar, debaixo de sete chaves, dentro do coração* (NASCIMENTO; BRANT, 1979).⁶ Canção da América de Milton Nascimento... músicas, sons, ruídos são poderosas vibrações em todos os sentidos capazes de mexer com o nosso ser, o silêncio idem, gosto da expressão: o som do silêncio, semana passada viajei para um lugar onde minha Mãe se encontra em retiro no interior do Rio de Janeiro, Vila de Cava, fica próximo a Nova Iguaçu, contemplei a grande mata fechada que fica na propriedade, olhei para o céu, a noite debrucei-me sobre a janela sentindo a brisa do vento, pausa necessária, tirei estes dias para escutar o som aqui de dentro...

Voltei a trabalhar presencialmente no início de agosto, a escola está silenciosa, pouco ocupada, estava habituada a lidar com centenas de estudantes todos os dias, no contexto atual a minoria está na escola, por motivos variados: como deslocar para a escola utilizando o transporte público que segue lotado como se não houvesse pandemia e com as tarifas beirando R\$ 10,00 para quem utiliza dois ônibus por dia? Isto gera um impacto no mínimo de R\$ 200,00 no orçamento mensal das pessoas, a inflação está nas alturas, isto é só um dos fatores possíveis para a baixa adesão dos estudantes em relação às aulas presenciais, outra coisa: tem vacina para todos? Não, a população segue desamparada pela falta de políticas públicas e responsabilidade dos governistas. A Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais (SEE-MG) determinou doze estudantes por turma, as salas de aulas seguem vazias, nenhuma atingiu o número máximo permitido. Para aqueles que não estão frequentando o presencial existe a alternativa do remoto, *on-line*, porém os estudantes não estão “frequentando”. Com os sucessivos anúncios do governo federal do risco de racionamento e falta de energia elétrica para que o capital siga com o seu processo de produção, me pego pensando: o apagão da escola pública neste país foi efetivado com sucesso. Que morte horrível! Seguimos em frente como diz a música do Chico Buarque: *Mesmo com o nada feito, com a sala escura, com um nó no peito, com a cara dura, não tem mais jeito, a gente não tem cura* (BUARQUE; VELOSO, 1993).

Pensando sobre a hipótese que a escola em que vivemos há pouco tempo tenha desaparecido, rolou a ideia de te pedir para escrever uma carta narrando a sua experiência, os

⁶ Nas cartas originais para os alunos não se utilizou as referências autor/data. O acréscimo posterior visa obedecer as normas da ABNT. Em contrapartida, optou-se pela não revisão ortográfica dos textos enviados pelos estudantes.

afetos experimentados nas aulas de filosofia, uma escrita espontânea como foi a sua última carta, onde você pudesse contar para uma geração futura como você se sentia quando estava nas aulas de filosofia. Captou a proposta? Seria incrível ler esta carta escrita por você aos que virão, com o seu olhar sensível dizendo das suas experiências nas aulas de filosofia, acho que tem tudo a ver com o trabalho que estamos fazendo, inclusive trabalho este que está chegando ao fim. Ainda não te contei, mas no final de junho passei pelo exame de qualificação. O exame de qualificação é como chegar ao terceiro bimestre com notas boas, boas o suficiente para encher o peito de esperança com a perspectiva da aprovação final, porém, este exame é mais que isto, eu e minha orientadora convidamos seis professoras para ler o trabalho com o objetivo de colher às percepções, críticas, propostas e tudo o mais que rolasse nesse “ensaio” e o interessante é que foram pessoas que estão fora do processo, ou seja, leram um trabalho que para elas é inédito. Foi sensacional Antúrio, e esta sensação de que estamos na fase dos 59% requer uma arrancada segura rumo à linha de chegada, expectativas foram criadas, rs.

Mudando de assunto...

Achei curiosa a coincidência que aconteceu esta semana: reservei um tempo para te escrever e assim o fiz. Deu certo horário parei e no início da noite resolvi andar de bicicleta. Tenho praticado esse exercício, a temperatura estava agradável apesar do calorão que fez o dia todo, ainda estamos no inverno, pedalar tem sido prazeroso, assim sigo equilibrando-me ou ao menos tentando, rs... Na volta do pedal avisto você transitando a pé, não me contive e chamei pelo seu nome, sorte a minha que nos vimos.

Axé Antúrio!

Até a próxima carta, até o próximo encontro,
Carol.

Belo Horizonte, 6 de junho de 2020

Ei Camélia,

Tudo bem com você?

No final do primeiro semestre de 2019 estava eu atolada de trabalhos, prazos e compromissos das disciplinas obrigatórias da minha pós na Federal. Por isso, resolvi elaborar atividades e propor aos meus alunos (*incluindo você*) que fizessem no tempo das nossas aulas (50 min/semana). Na minha cabeça a ideia era assim: enquanto vocês desenvolviam as atividades através das leituras e debates propostos, restaria algum tempo para que eu pudesse correr contra o tempo e entregar as coisas que eu precisava para a Faculdade. Porque é isso, Camélia, a gente [*professora da educação pública no Brasil*] se atira a buscar educação continuada, especialização e o escambau, sem bolsa, sem redução da carga horária, sem apoio institucional, única e exclusivamente por esforço pessoal.

Porém, esse meu plano foi por “água abaixo”, quando você virou pra mim e disse: *Ah não, Carol! Eu não vou fazer atividade mais não. Eu quero conversar com você. Eu quero aula de filosofia*. Isso aconteceu lá para a quarta tentativa em trazer esse formato de atividade com os GD's (grupos de discussões) para as turmas.

Para a minha surpresa, foi exatamente a sua fala que me colocou para pensar. E eu me perguntava: *o que diacho que Camélia está chamando de aula de filosofia?* Recorri mentalmente, tipo num *flash*, a Deleuze, filósofo francês que tem um vídeo curtinho falando sobre o que seria uma aula, e momentaneamente tive uma autorresposta. Enquanto te fiz várias perguntas sobre o conceito de uma aula e coisas do tipo. Nós duas bem gostávamos de levantar polêmicas, sim? Ah, tem muita coisa sobre Deleuze no *YouTube*. Tô ligada que você gosta de navegar pela rede.

Foi a sua fala carregada de *pathos* (paixão) em ter uma aula de filosofia que contribuiu para que eu chegasse ao meu problema de pesquisa. Só que eu não sabia, tá? Mas agora eu acho que sei, rs. Por que ali na sua fala me pareceu ter uma faísca, sabe? Alguma combustão, energia para investigar o que estaria atravessado naquele pedido-apelo: conversar comigo... aula de filosofia...

E ao fervilhar em cima dessa manifestação sua, você passou a ser essencial na minha pesquisa no Mestrado Profissional da Faculdade de Educação da UFMG.

Sou professora de filosofia há mais de uma década e ano após ano percebo que existem estudantes que não gostam de filosofia e outros tantos estudantes que gostam das

aulas de filosofia. E fico me perguntando: por que será que isso acontece? Essa é a minha pesquisa, esse é o meu objeto da pesquisa. O interesse e o desinteresse dos estudantes do Ensino Médio em relação às aulas de filosofia.

Só que eu não posso pesquisar sozinha. Por isso, te convidei pra participar da pesquisa. Você é um dos sujeitos interlocutores da minha pesquisa. Convidei outros ex-alunos meus também, no total serão seis. E a ideia é a gente trocar correspondência, via email, você se lembra, né? Como resultado final do mestrado, vou escrever uma dissertação sobre essas correspondências todas sobre o tema interesse/desinteresse dos estudantes pelas aulas de filosofia, apoiada em todas as escolhas teóricas que eu e minha orientadora, a professora Renata Aspis, faremos. Mas essa conversa aqui será entre nós (você e eu).

Por isso, gostaria de saber como você se sentia nas aulas? Você se lembra da primeira aula de filosofia que tivemos? Teve alguma aula que te marcou? O que vocêalaria das aulas de filosofia? Você já tinha ouvido falar alguma coisa sobre mim antes de ter tido aula comigo? Já rolava algum comentário a meu respeito ou sobre as aulas de filosofia? Nossa, fiz mil perguntas... fale o que tiver vontade, não precisa responder tudo de uma vez, a gente tem tempo, vamos conversando.

Espero sua resposta

Obrigada

Beijo

Carol

Belo Horizonte, 12 de junho de 2020

OI Carol,

Estou bem e você?

Peço desculpas por ter atrapalhado seus planos, rsrs, não foi minha intenção. De todas as novidades que o ensino médio traz, como novas disciplinas, a de filosofia foi a mais marcante. Por mais que química e física me deixasse louca pelas dificuldades que tive, elas juntas não superam filosofia. Isso porque a sua disciplina me obrigava me questionar, questionar minhas crenças e analisar meus conceitos morais e isso é mais difícil. Não há fórmula que faça isso por mim, não tem como transformar estes questionamentos e pensamentos numa fórmula matemática ainda que complexa.

Quando cheguei na escola no segundo ano do ensino médio, perguntei a Violeta sobre como eram os professores e as aulas. Ela então me disse: “as aulas de filosofia são as mais divertidas, a Carol é doidinha”. Fiquei super empolgada depois desse comentário, não porque pensei que você fosse doida literalmente, mas porque entendi que as suas aulas não seria apenas textos passados em quadro e resumos de livro, que para mim nesta disciplina não funciona para aprender o conteúdo. As aulas de filosofia era quase uma terapia para mim, me sentia ótima, mesmo quando o que era debatido fosse um tema da qual o ponto abordado eu não concordasse, mas é isso que torna as aulas ainda mais atrativas. Esses momentos me proporciona não apenas conhecimento didático, mas amadurecimento enquanto pessoa e cidadã.

Quando você ministrava as aulas e a contextualizava com os ocorridos na atualidade era como se a filosofia ganhasse vida, se provasse não estar presa há milhares de anos atrás e nas páginas dos livros.

Quando você passou os primeiros exercícios até então para mim estava tudo normal, porque sei que você precisa ter material para avaliar. Mas então as próximas aulas continuaram sendo vários exercícios em grupo que em tese seria para discutir em grupo e aprendermos, Mas na prática apenas um ou no máximo três alunos do grupo se comprometeu com a proposta. E o fato de termos opiniões muita das vezes semelhantes e/ou opostos não conseguimos agregar um ao outro muita coisa por não sabermos como expressar e analisar o tema em questão. Eu simplesmente cansei de fazer aqueles exercícios maçantes e chatos (desculpa), porquê aula de filosofia para mim era aquelas discussões que tínhamos em sala, como Sócrates tinha com seus discípulos. E era mais fácil, para mim, absorver o conteúdo além de ser um espaço interdisciplinar. As polêmicas discutidas em sala eram fantásticas, porque não era uma competição de quem iria ganhar o debate, mas pelo fato de que levaria toda a turma a pensar com mais cuidado e com outros olhos aquele assunto discutido além quebrar tabus. Sei que não posso falar pelos outros, mas acredito que nós alunos compartilhamos da ideia que nossos professores são referência e seus conhecimentos e opiniões nos auxiliam a moldar as nossas. E essa troca de experiências e conhecimentos não se restringe a sala de aula, segue em nossa bagagem da vida. Você me perguntou se havia alguma aula específica que me marcou, acredito que não, para mim todas de alguma forma deixaram marcas distintas, algumas mais perceptíveis que outras mas todas importantes.

Foi um prazer ser sua aluna,

Obrigada, um ótimo fim de semana!

Camélia

Belo Horizonte, 25 de agosto de 2021

Ei Camélia, como você está?

Faz um bom tempo que não nos correspondemos por aqui, durante todo este período conversamos via *whatsapp* o que considero importante para o *time* do nosso diálogo, notei algumas mudanças que estão acontecendo em sua vida e gostaria de esticar a prosa um pouco sobre isto, falávamos da sua graduação em ciências contábeis e da independência de morar sozinha, bem como das aflições da vida adulta e da condição material que tem sido precarizada devido a circunstância política e econômica do país.

Estava lembrando que no início da pandemia com a maioria dos lugares fechados e os supermercados abertos, (apesar do apelo das autoridades para que as pessoas evitassem sair de casa e quando fosse necessário resolver qualquer coisa na rua se possível que o fizessem sós), porém em se tratando do dia a dia nos supermercados eu ficava observando o comportamento das pessoas que apareciam de mulão (mulão na gíria significa grupos de pessoas), não saberia dizer as motivações para aquela prática curiosa de grupos de famílias circulando pelos corredores do supermercado. Será que seriam famílias e não vizinhos indo coletivamente ao mercado? Enfim, poderia imaginar que estavam ali por motivos de economia de combustível, talvez para ter mais pessoas para carregar as compras e assim evitar custo com transporte através de aplicativos ou sabe-se lá qual seria o manejo em questão. Fato é que lá atrás o que não saía da minha cabeça era a seguinte hipótese: o supermercado era o novo *shopping* diante da impossibilidade de frequentar espaços a exemplo de *Shopping Center* os supermercados viviam lotados de transeuntes, de várias idades, era uma mistura curiosa.

Ao mesmo tempo em que despontava novas mercadorias e produtos variados, parecia que o que fosse colocado a venda teria saída, acho que para esse setor em específico a crise passou longe e foi um momento de expansão de negócios. Um ano e meio depois do início da pandemia a temática supermercado volta a rondar minha cabeça. Aliás, para o nosso bolso, se considerarmos que de *status* de *Shopping Center*, parece que estamos frequentando loja de conveniência de aeroportos do Brasil, tamanho o absurdo e os valores de todas e quaisquer coisas da cesta básica que compõe a nossa alimentação (da classe trabalhadora): cinco quilos de arroz varia de R\$ 20,00 a R\$ 26,00, um quilo de feijão de melhor qualidade com menos pedras e risco de acidentes odontológicos na faixa de R\$ 10,00. A lista é imensa e o arroz com feijão é só o prato cheio para o início do diálogo, prato cheio que anda vazio de perspectiva cidadã, pois quando o mínimo deixa de estar posto o que “sobra” na sequência? Está puxado Camélia! Minha Mãe repete um ditado popular que diz que o sofrimento não faz graça para

ninguém rir, mas como diria a música cantada por Gal Costa: *é preciso estar atento e forte não temos tempo de temer a morte* (VELOSO; GIL, 1969).

Na última carta que você me mandou, você dizia da sensação que as aulas de filosofia te despertavam, parecia um momento terapêutico, ao mesmo tempo em que trouxe amadurecimento. Acho que não comentei, mas voltei a trabalhar presencialmente: as salas estão vazias, pouquíssimos estudantes. A energia e vibração da escola vinda da juventude são lembranças, parece um cenário de reconstrução pós guerra, onde estão os estudantes? Defendendo o pão de cada dia nos poucos postos de trabalho disponíveis e/ou abandonaram a escola. Sabe aquele meme que diz assim: a crise é estética, pois bem, a disputa é retórica; o que quero dizer com esta afirmação? Que o governo diz que está fazendo o impossível e nós dentro do sistema sentimos a inexistência de políticas públicas para a responsabilidade e importância da instituição escola. Há momentos em que penso: é de propósito, querem esvaziar literalmente o sentido, razão de ser e existir da escola.

Quando digo escola, Camélia, estou dizendo da instituição e não de um prédio ou localidade específica. Em contato com outros colegas, as percepções partem de narrativas variadas, mas com esta mesma angústia, que escola virá dos escombros pandêmicos, associado à política de abandono do Estado? Neste sentido, fico pensando como você imagina a possibilidade de aulas de filosofia neste breve contexto que trouxe nesta conversa? Pra você que expôs seus afetos em relação às aulas de filosofia, que disse que era difícil fazer trabalhos em grupo devido à discordância de ideias, mas que mesmo assim considera essa interlocução importante, que considerou fundamental o aspecto crítico da filosofia, ao passo que as aulas de filosofia contribuíram para a sua formação humana.

No final do mês de junho passei pelo exame de qualificação do mestrado, foi um momento de ansiedade e posterior alívio, no pré-exame fiquei com a sensação de que eu tinha ido longe demais e para quê me atrevi a fazer um mestrado etc etc... baixou a síndrome de impostora no rolê, foram convidadas seis professoras para ler o texto e contribuir com suas percepções a respeito do trabalho, foi in-crível, se soubesse que seria tão importante para a maturidade do processo teria me arriscado antes, rs... mas tudo no seu devido tempo, sim?! Fato é que o nosso tempo de correspondência está chegando num momento de conclusões, assim como o trabalho precisa ser defendido ainda este ano. Avançamos Camélia, caminhamos juntas, vamos levar esta experiência, não precisamos pensar numa ruptura desta troca, mas em processos para o futuro. Sendo assim, se você escrevesse uma carta para futuros estudantes do ensino médio sobre as aulas de filosofia na Educação Básica, o que diria para eles levando em consideração a sua experiência? Adoraria te escutar, topa?

Abraços,
Carol.

Belo Horizonte, 20 de setembro de 2021.

Ei Carol, como você está?

Respondendo a sua pergunta, eu estou bem obrigada. Perdoe-me a demora para responder sua carta. Não bastasse estar bastante atarefada e os dias passando de forma tão veloz, tenho tido dificuldade em administrar meu tempo. Quanto a graduação, estou amando a experiência. Confesso que as vezes dá uma vontade de desistir quando as dificuldades surgem, mas aí lembro que carrego comigo a questão de ser a primeira da família a entrar numa universidade. Então mesmo que de vez enquanto quase arrastando me dedico aos estudos, porém nem sempre consigo entregar 100%.

Sim, me recordo de nossas conversas pelo whats, bom não houve muita mudança a respeito. Também com a inflação acumulada em quase 10% em agosto fica um pouco difícil ver alguma melhora, pelo contrário vemos nosso poder compra diminuir cada vez mais. Estamos vivendo tempos tão difíceis, e ainda assim o brasileiro se mostra tão resiliente, onde percebe-se um aumento muito grande de empreendedores. E essa mudança da relação de trabalho com certeza em um futuro não muito distante deve nos trazer novas alterações nas leis trabalhistas e até mesmo no processo burocrático de abertura e regulamentação de atividades autônomas e pequenas empresas. Torço para que estas mudanças sejam favoráveis à sociedade como um todo.

Saudades das aulas de filosofia, e da parte em que discutíamos os conteúdos e o trazíamos a nossa realidade, quanto a parte de fazer atividades e provas não sinto falta, rrsrers. Sim, com toda certeza a disciplina traz um amadurecimento não só enquanto individuo, mas também enquanto cidadão. Quando retrata a atual situação das escolas, até tentei comparar as aulas de sábado e então ainda assim é limitado. Pois a lembrança me permite visualizar uma sala de aula vazia, porém o ar era totalmente descontraído e não de que estamos enfrentando uma guerra invisível e que testa o nível de empatia de toda a humanidade. A evasão escolar já era um problema, a pandemia apenas agravou a situação, mas como se motivar a estudar quando sua geladeira e armários estão vazios? Quando o formato de aprendizado mais te ensina a decorar informações para as avaliações e não para aprender de fato? Além do mais prefeitos, governadores e o presidente discordam em como

devem ser a volta as aulas e se devem voltar... essas incertezas são desmotivadoras. Inclusive esse foi um dos motivos para eu ter trancado a academia do início da pandemia até abril deste mês, a falta de certeza se haveria continuidade.

Posso estar errada, mas a filosofia é uma manifestação democrática porque ela permite justamente isso, expor e debater ideias sem que haja uma imposição. E até hoje não gosto de trabalhos em grupo, mas sei que eles são necessários para que a pluralidade enriqueça o trabalho e nos lembre que não somos donos da verdade, e principalmente a exercer o respeito. Acabei de lembrar da atual polarização política em que nos encontramos, e em como ela não faz bem. Parece que faltou trabalhos em grupo para algumas pessoas de filosofia, rsrsrs. É que as pessoas ao invés de debater ideias e aceitar que o outro discorde simplesmente partem para agressões verbais e acredito que pra confronto físico assim que começar oficialmente as campanhas eleitorais.

Fico tão feliz em saber que concluiu seu mestrado Carol! Isso é maravilhoso, entendo seu receio quanto a se aventurar num mestrado. Sair da zona de conforto nos traz muitos confrontos que não estávamos prontos, ou ao menos acreditávamos não estar.

Uau, o que eu diria para os futuros estudantes?! Bom eu começaria afirmando que sim, as vezes as aulas são chatas porque não concordamos ou não temos compatibilidade com o assunto abordado da maneira apresentada. Mas quando estiver em aula tenham a mente aberta, como diz a Gabriela Prioli é um momento mais razão e menos emoção. Você vai perceber com o tempo que as discussões das ideias irão te ensinar a ouvir, que respeitar não é sinônimo de concordar, se ver enquanto indivíduo e cidadão. Que não precisa ser lado A ou B, mas que pode unir o melhor dos dois e construir um C sem excluir ninguém do processo. A bíblia diz que a verdade nos libertará, acredito que a filosofia é uma ferramenta que nos capacita a buscar as verdades e inverdades que propaga em nosso meio, nos libertando de correntes e padrões ao qual nos faz diminuir para caber. Não tenham medo da luz que será jogada sobre você, use-a para se aperfeiçoar. E garanto, que não é uma disciplina da qual a gente sempre diz 'não vou usar isso na minha vida', é que ela aparece de forma muito sutil as vezes ou apenas não sabemos que ela faz parte do nosso cotidiano, não a desmereça por não ser uma ciência.

Abraços Carol!

Camélia

Belo Horizonte, 6 de junho de 2020

Salve Salve Crisântemo, como anda a vida?

Te conheci no ano de 2017 quando você entrou para a escola no turno da tarde em seu primeiro ano do Ensino Médio. Lembra? Sala cheia, com quarenta adolescentes ou mais (*pasme! a legislação permite*), temperatura elevada pelo calor humano, por falta de estrutura e ausência de ventiladores.

Ali na fileira da janela, encostada na parede, próxima ao Lírio [muito especial, né?] com entusiasmo você acompanhava as aulas e participativa com satisfação, os olhos alegres sedentos por mais e mais conversas. Fazia perguntas, me chamava na carteira, trazia outros assuntos daquele fatídico ano pré-eleitoral.

Ao lembrar essa história fiquei pensando na sua escolha por assentar com visão para fora [*da janela*]. Acho que é isso. De certa forma, você sempre trouxe outros olhares para as nossas discussões e ideias no dia-a-dia das aulas. Uma postura crítica e alegre acompanhou você ao longo do Ensino Médio, Crisântemo. E foram justamente essas suas características que fizeram com que eu me atentasse à possibilidade de convidar você a participar da minha pesquisa no Mestrado Profissional da Faculdade de Educação da UFMG.

Sou professora de filosofia há mais de uma década e ano após ano percebo que existem estudantes que não gostam de filosofia e outros tantos estudantes que gostam das aulas de filosofia. E fico me perguntando: por que será que isso acontece? Essa é a minha pesquisa, esse é o meu objeto da pesquisa. O interesse e o desinteresse dos estudantes do Ensino Médio em relação às aulas de filosofia.

Só que eu não posso pesquisar sozinha. Por isso, te convidei pra participar da pesquisa. Você é um dos sujeitos interlocutores da minha pesquisa. Convidei outros ex-alunos meus também, no total serão seis. E a ideia é a gente trocar correspondência, via email, você se lembra, né? Como resultado final do mestrado, vou escrever uma dissertação sobre essas correspondências todas sobre o tema interesse/desinteresse dos estudantes pelas aulas de filosofia, apoiada em todas as escolhas teóricas que eu e minha orientadora, a professora Renata Aspis, faremos. Mas essa conversa aqui será entre nós (você e eu).

Por isso, gostaria de saber como você se sentia nas aulas? Você se lembra da primeira aula de filosofia que tivemos? Teve alguma aula que te marcou? O que você falaria das aulas de filosofia? Você já tinha ouvido falar alguma coisa sobre mim antes de ter tido aula comigo? Já rolava algum comentário a meu respeito ou sobre as aulas de filosofia? Recentemente quando nos falamos você me disse que está fazendo psicologia e que uma das

matérias do curso é filosofia. E a frequência do contato com a filosofia agora na graduação, está fazendo com que você se apaixone ainda mais. Você conseguiria falar sobre esse sentimento de apaixonar-se pela filosofia? Nossa, fiz mil perguntas... fale o que tiver vontade, não precisa responder tudo de uma vez, a gente tem tempo, vamos conversando.

Espero sua resposta

Obrigada

Beijo

Carol

Belo Horizonte, 19 de junho de 2020

Olá, Carol, tudo bem?

Começo confessando que me emocionei muito com a sua carta, realmente eu não sabia da atenção que você tinha em relação a mim, agora eu sei e fico muito grata. Fiquei na dúvida entre falar sobre todo o conteúdo da carta ou responder suas perguntas, optei pela segunda opção, mas antes quero falar um pouco sobre você, eu e nós...

Quando te vi pela primeira vez foi um encanto total, sua linguagem corporal e sua dicção chamam a atenção de qualquer aluno, a forma como conduz as aulas e principalmente a maneira como somos respeitados e temos lugar de fala foi o que me fez interessar pela filosofia em primeiro momento, já que não fazia ideia do que era. Na minha trajetória acadêmica sempre escutei dos professores sobre o desinteresse dos alunos, mas é um ciclo vicioso se quer saber, pois é evidente o desgaste e desinteresse dos professores também, e foi isso que não vi em você. O que vi em todas as aulas foi uma professora que chega, coloca seu nome e disciplina no quadro, como se fosse necessário, mas na verdade não é, já que é uma figura icônica dentro da escola, depois puxa uma cadeira e senta-se de frente para nós, de igual para igual, fazendo com que olhemos para frente e não para cima. Como resultado disso tudo, eu vi uma turma totalmente envolvida com a aula, e eu não poderia ficar de fora disso...

Nas aulas de filosofia eu me sentia livre, o interesse foi instantâneo, na primeira aula discutimos sobre o que é filosofia e o que é filosofar, aprendi a amar a sabedoria e o conhecimento desde muito nova, nasci e cresci em uma pequena comunidade, a instrução dos meus pais foram: 1. Conhecimento ninguém te tira; 2. É através dos estudos que você sairá

deste lugar. Eu me agarrei a isso e fui me conduzindo através dos estudos, até descobrir que havia uma aula em que eu poderia me expressar, pensar profundamente sobre os aspectos do cotidiano e aprender sobre a vida. Por isso eu me sentia livre, sua aula, Carol, era o espaço que eu tinha para ouvir e ser ouvida, e principalmente refletir. Eu e o Lírio ficávamos ansiosos por sua aula, ela era um momento feliz dentro de um ambiente muitas vezes conturbado chamado escola.

As aulas sobre Michel Foucault foram sem dúvidas as mais marcantes, para mim foi um divisor de águas, sabe aquele momento em que tudo faz sentido? Professora, eu chegava a ficar ofegante de excitação! Eu ainda não tive a oportunidade de ler Vigiar e Punir, mas tudo que discutimos sobre o tema já me trouxe uma clareza cristalina. Há filósofos que em algumas de suas teorias beiram a perfeição e após três anos no ensino médio, estudando profundamente sobre os aspectos do cotidiano, eu sai transformada. Hiperbolicamente falando ou não, uma professora de filosofia salva mais almas do que um padre ou um pastor. Eu me apaixonei pela filosofia de maneira gradual, no ensino médio eu tinha você como mediadora do meu conhecimento, mas faltava um pouco de mim, entende? Eu estava muito focada em ser boa em tudo, me satisfazer dos prazeres das notas altas. Muitas vezes eu me conectei com as aulas, mas algumas vezes, eu aprendi a teoria, mas não refleti sobre, não me aprofundei. Na faculdade o impacto que você e suas aulas tiveram sobre mim ficaram evidentes, primeiro porque confirmou o que eu já havia dito lá em cima, o professor tem que ter seu encanto... Mas isso trouxe um insight, a filosofia é linda por si só, ela se basta e daí em diante minha relação com a disciplina foi se solidificando.

No primeiro ano do ensino médio, era o último ano de uso dos livros didáticos, eu optei por devolver todos, exceto o de filosofia. Aquele ano foi mágico, sentia que sua aula revigorava ânimos, por isso eu quis manter meu livro, que guardo até hoje, e de vez em quando dou uma lida em determinados assuntos. Minha avó sempre diz que eu não gosto de debater e sim dar uma aula sobre o assunto, mas ainda tenho muito o que aprender para ter propriedade para falar, ir ao encontro do meu primeiro livro de filosofia sempre me deixa mais preparada para qualquer debate. Obrigada, professora, por me proporcionar justamente o que meus anseios precisavam para se acalmar. Finalizo dizendo, um dia quero chegar ao seu nível de plenitude!

Aguardo sua próxima carta!

Obrigada pela oportunidade fazer parte de sua pesquisa!

Beijos, profa!

Crisântemo.

Belo Horizonte, 20 de abril de 2021

Ei Crisântemo,

Como você está?

A última vez que nos falamos foi pelo *WhatsApp*, estava chegando no supermercado quando escutei seu áudio. Com a voz um pouco rouca você dizia que estava bem e que havia se recuperado da covid. Fiquei alguns segundos pensativa. Relativamente impactada repeti pra mim mesma: está tudo bem.

Dias desses, Florêncio me mandou mensagem dizendo que havia se recuperado também da covid. Não sei se você lembra deste menino?! Acho que ele formou 1 ou 2 anos antes de você. Ele me contou que está com sequelas na audição. A família dele é grande. Conheci todos. Tempos atrás quando eles fizeram adoção responsável de uma cachorrinha que resgatei aqui no bairro da Escola. A cachorra era uma graça. Agitada que só. Dei o nome a ela de *Nina*, ele colocou *Chloe*. Mas a família dele em peso optou por chamar a bichinha de *Nina* mesmo, *risos*.

Faz tempo que não nos correspondemos, Crisântemo! Antes de tudo queria justificar que por aqui as coisas andaram um pouco confusas. Com algumas crises de ansiedade, e todos os atravessamentos que o isolamento social em decorrência da pandemia trouxe levei um tempo para me reorganizar. Mas agora as coisas estão caminhando novamente e seguiremos daqui. Em nossa última carta você dizia da rede de apoio que sua família nuclear representa, aliás, vocês representam. Flagrei-me com a expressão risonha. Puxei pela memória e não veio nenhuma lembrança de ter conhecido seus pais. A não ser através da educação que eles te deram. Evidente que você traz bastante deles. *Família-philia-filiação*. Laços tão importantes para a jornada da vida, não é mesmo?

Você comentava também que está na faculdade. Como tem sido estudar na pandemia? Tenho trabalhado somente de casa. Sinto alívio por ter a condição de estar resguardada. Porém, faz falta a interação da sala de aula. Calor humano. Vamos nos virando com as telas. Crisântemo, você está gostando de fazer o curso? Porque você percebeu o papel das aulas de filosofia no Ensino Médio a partir da sua experiência na graduação? Fiquei pensando sobre o que você quis dizer quando comentou sobre esse sentimento. Gostaria de te escutar.

Sabia que decidi fazer filosofia quando eu estava nos anos finais do ensino fundamental? Pois é, fui estudar em uma Escola Municipal e quando cheguei tinha aulas de filosofia na grade. Foi a primeira vez que tive filosofia na vida. Rolou um encantamento a primeira vista pelas aulas. A professora Carmem era uma boa professora. Mas fiquei

fascinada pelos textos do livro didático e pela quantidade de debates que nós, a meninada fazíamos enquanto a professora mediava. Saindo do ensino médio tinha certeza que estudaria filosofia.

Conta pra mim: se a sua professora de filosofia no caso eu *risos*, fosse chata, você teria descoberto a filosofia? E se uma professora de matemática fosse legal igual a professora de filosofia, você teria se apaixonado pela matemática? Será que o interesse pela matéria passa necessariamente por empatia com a professora? O que você acha, Crisântemo?

Escrevo-te no ocaso do sol. A essa hora a visão já dá sinais de pedido de descanso. Acho que a idade vem chegando.

Até breve,

Carol.

Belo Horizonte, 6 de junho de 2020

Fala comigo, Girassol!

Blz?

Escrever tem sido um exercício de viajar através da memória. Consigo ver você assentado em sala com uma postura ereta e sobressalente por sua altura disparada em relação aos seus colegas. Mas o destaque da sua altura e elegância natural não se resume a essa característica somente.

Existia em você um par de olhos brilhantes, um sorriso contido. Porém, quando esse mesmo sorriso se revelava, corria como flecha. Daqueles que a gente ri só pelo fato do outro rir também. E quando era possível notar o seu jeito faceiro de se mostrar?

Quando a gente conversava sobre os temas que te provocava: o sarcasmo, a ironia, o deboche, a maneira *nietzscheana* de dizer das coisas sérias com falas diretas. E foi assim, que muitas vezes ao entrar na sala te flagrei [*you se deixava ser flagrado, rs*] lendo um livro de Nietzsche e educadamente esperava o início das nossas aulas para dizer assim: Carol, estou lendo um livro muito legal de um filósofo muito foda. O nome dele é Nietzsche.

Talvez você não saiba, Girassol, mas vou te contar. Perceber você interessado, afetado pelos escritos de Nietzsche e a sua partilha comigo em dizer que estava indo para outras leituras, quando me pedia para indicar tantas outras... Ah, Girassol! Fazia valer a pena estar ali na sala de aula com você (s).

A sua busca, o seu desejo pela descoberta do que a filosofia desperta na gente: vontade de conhecer, saber. Suas perguntas e a confiança ao dizer que se pegava pensando em fazer filosofia. Tudo isso acompanhado da emoção que eu sentia em ver em você, naquilo que *é/foi* em comum comigo, do seu querer estudar filosofia. Na minha história, essa vontade foi despertada nas primeiras aulas que tive aos quatorze anos em uma escola municipal em Belo Horizonte.

Cá entre nós: essas paradas aí que te falei, fizeram com que despertasse em mim a vontade de te convidar para participar da minha pesquisa no Mestrado Profissional da Faculdade de Educação da UFMG.

Sou Professora de filosofia há mais de uma década e ano após ano percebo que existem estudantes que não gostam de filosofia e outros tantos estudantes que gostam das aulas de filosofia. E fico me perguntando: por que será que isso acontece? Essa é a minha

pesquisa, esse é o meu objeto da pesquisa. O interesse e o desinteresse dos estudantes do Ensino Médio em relação às aulas de filosofia.

Só que eu não posso pesquisar sozinha. Por isso, te convidei pra participar da pesquisa. Você é um dos sujeitos interlocutores da minha pesquisa. Convidei outros ex-alunos meus também, no total serão seis. E a ideia é a gente trocar correspondência, via email, tá ligado né? Como resultado final do mestrado, vou escrever uma dissertação sobre essas correspondências todas sobre o tema interesse/desinteresse dos estudantes pelas aulas de filosofia, apoiada em todas as escolhas teóricas que eu e minha orientadora, a professora Renata Aspís, faremos. Mas essa conversa aqui será entre nós (você e eu).

Por isso, gostaria de saber como você se sentia nas aulas? Você se lembra da primeira aula de filosofia que tivemos? Teve alguma aula que te marcou? O que vocêalaria das aulas de filosofia? Você já tinha ouvido falar alguma coisa sobre mim antes de ter tido aula comigo? Já rolava algum comentário a meu respeito ou sobre as aulas de filosofia? Nossa, fiz mil perguntas... fale o que tiver vontade, não precisa responder tudo de uma vez, a gente tem tempo, vamos conversando.

Espero sua resposta

Obrigada

Beijo

Carol.

15 de Junho de 2020, Belo horizonte

E ai, Carol! Tudo bem!?

Antes de começar esse tanto de perguntar que você me fez gostaria de exaltar a professora incrível e esforçada que você é, por não desistir de fazer seus alunos pensarem, refletir e duvidar, Obrigado por tudo! A primeira foi meu interesse pela filosofia que começou com uma amiga minha no segundo que ficava falando sobre nietzsche pelas 4 paredes toda hora (desculpa se não foi por sua aulas). Ai que começou minha saga a procurar a saber esse tal de “ Niti “, de começo não entendi absolutamente nada, confesso que me senti frustrado, pensava : “ caraca, esse cara é maluco, olha as coisas que ele escreve. Ele critica Platão e Aristóteles, quem são esses??”. Neste momento procurei saber mais sobre filosofia grega, achei na internet um livro para iniciantes na filosofia e a recomendação que mais achei foi o livro “ O mundo de sofia” comecei a entender mais desde

os primeiros filósofos como pré-socráticos até os contemporâneos como, Jean-Satre. Eu vi muito pensamentos incríveis no livro, mas o que me prende até hoje é do David Hume, que falava que não sabemos se o sol não vai nascerá amanhã, isso só condiz que não tenho certeza de nada mesmo, “ só sei que nada sei”. Enfim, terminei como começou meu interesse pela filosofia.

Agora vou falar um pouco sobre suas aulas, tive minha primeira aula de filosofia no ensino médio na escola com você. As pessoas chamavam você de “professora doida” porque dizia coisas estranhas, ou seja, coisas que eles não compreendiam, eu também até então. Na primeira aula não entendi muita coisa, aliás, só comecei a entender melhor depois da minha introdução no mundo da filosofia. Desde que sabia um pouco sobre o assunto, parecia que você falava a mesma linguagem que eu e suas aulas era incríveis porque conseguia tirar minha dúvidas e ter mais dúvidas sobre várias coisas. Como nosso queridíssimo Platão dizia, eu vivia no mundo sensível, depois da filosofia entrar na minha vida, soltei as correntes que me aprisionavam.

Girassol

Belo Horizonte, 20 de outubro de 2020

Penso
que na vida
adulta da criança
pode ser útil
descobrir o
tamanho
do próprio
tamanho. (PÉRET, F. 2019, p. 41)

Fala comigo Girassol!

Belê?

Sumi né... cê percebeu?! rs

Andei meio bagunçada numa montanha russa sentimental com essa pandemia. Tá foda, Man. A quarentena com cara de duzentena desde o anúncio do fim do mundo. Logo depois do *carnavrau*.

E aqui estamos com muitas, muitas vidas interrompidas. Fiquei pensando: seria mesmo pela covid-19 que essas pessoas morreram? Aí fui longe... o que é mesmo um vírus?

Dia desses aprendi que um vírus não é um animal como as bactérias. Ele é só uma cápsula que quer viver e reproduzir. Olha isso, Girasso! é uma cápsula vazia procurando recheio. Pense.

A cá estamos fazendo ou não tudo o que tem sido recomendado pelas autoridades mundiais da saúde: lave as mãos, limpe tudo o que vier da rua pra dentro de casa, use máscaras, isolamento social, se puder fique em casa, do contrário somente para o necessário... álcool 70° e por aí vai.

Preciso nem dizer que as recomendações por si só já excluem uma parte significativa da população brasileira né? Pra se ter uma idéia falta água tratada e esgoto. Vê se pode um trem desse?! 100 milhões de pessoas não tem coleta de esgoto em casa e 35 milhões sem água tratada. Surreal!!! No início da pandemia as pessoas diziam: o vírus é democrático, pega em todo mundo. Pode até ser, mas geral já está sabendo que são as vidas pretas e periféricas que foram colocadas pra jogo pelo descaso do Estado.

Tá fácil pra ninguém, viu? Passei por duas crises de ansiedade desde que começou esse trem. Nunca tinha tido isso na vida. Meus nervos ficaram a flor da pele. Senti medos, vários, muitos... raiva... saudades, solidão, tristeza, revolta, vontade ir pra rua protestar. Pandemônio da pandemia.

Ainda bem que a gente é gente e segue junto. O que aliviou foram as conversas, trocas, solidariedade... “dobrei os joelhos”. Por isso, dei um tempo daqui. Das nossas cartas. Mas o tempo é aquele marcador que não para. A vida fluxo que segue o ciclo natural. Precisamos seguir daqui de onde estamos. Onde estamos? rs

Estou sentindo falta das aulas presenciais. Voltar agora é impossível. Se voltar vai dar ruim grandão. Quero nem pensar. Sério de mais tudo isso. Mas nas aulas presenciais rola aquela sinergia, olhos nos olhos... geral misturada. O que você achava dessa energia das aulas de filosofia?

Peguei viagem aqui, cê viu? rs. Tô filosofando, por isso que a filosofia é boa. A gente pensa na vida. Você também acha? Diz aê, hahaha

Chega pra cá,

Carol.

20 de Outubro de 2020

E aí Carol, estou bem e você?

Sobre a pandemia eu conversei direto com minha namorada e amigo que quem realmente sofre é a periferia e as pessoas de baixa renda que não tem condições de ficar em casa esperando essa loucura acabar, e esse auxílio de 600 e 1200 reais que o governo acha que tá fazendo um milagre. Dão auxílio e sobe os preços das coisas, eu moro sozinho e fui no supermercado comprar um pacote de arroz e me assustei com o preço, 26 Reais um pacote de 5kg de arroz e fora outras coisas essenciais, absurdo! Essa pandemia nos mostrou que o ser humano não consegue sobreviver preso entre 4 paredes, a saúde mental já é péssima e vem essa bomba pandêmica. As pessoas que tem condições de ficar em casa fica reclamando que os lugares estão cheios, mas esquece que para o pobre a pandemia não existe. Desde que o ser humano foi ganancioso pela primeira vez, algumas pessoas ficam sem nada e o resultado disso tudo é a fome e sede avassaladora sobre nosso planeta, chego até acreditar que a raça humana vai ser extinguida nos próximos 100 anos.

Voltando a sua pergunta, eu descreveria as suas aulas de filosofias como um buraco negro, você admira um buraco negro como algo tão misterioso e que pode conter todas as respostas do mundo dentro dele e ao mesmo não, as suas aulas e a filosofia são assim, ensina-nos a pensar e refletir sobre tudo o que nos cerca, igual um descartes da vida. Aprendi muita coisa com você na sala de aula e até levo a filosofia de Heráclito pra vida, que mesmo que estejamos em situações péssimas, o tempo consome tudo que fica para trás, eu acho isso muito reconfortante e me dar forças para encarar a vida frente a frente, a vida é dura.

Belo Horizonte, 10 de fevereiro de 2021

Girassol, Girassol, Girassol viramos o ano hein?! O que mudou efetivamente? Existem estudos no lado oriental do planeta que caminha com outra contagem temporal, para essas pessoas a virada de ano não acontece em 31 de Dezembro. Veja, é cada uma que parecem duas, hahaha... tá bem, não vou me estender nessa conversa. Como você está? Expectativas para 2021? Vamos dar uma volta ligeira numa história?

Na minha infância tenho lembrança da campanha da Igreja Católica relacionada a pastoral da criança que tinha como objetivo arrecadar mantimentos. Para, além disso, ensinavam receitas sobre como produzir farinha a partir da casca do ovo para suprir nutrientes que faltava a mesa de inúmeras brasileiras. Crianças que ficavam sem os nutrientes necessários para crescerem saudáveis, o que gerou subnutrição severa nos finais dos anos 80. Isso é só um exemplo, rolavam muitas outras informações.

Olhando para trás e avistando o presente é impossível não trazer essas recordações. Penso que seja sobre isso também né, Girassol?! A fome está chegando escancarada nos hiper-centros... *everyday* Está aí pra quem quiser ver. Porém, existem os cegos de olhos abertos. A travessia escancarada da necropolítica fascista tá foda. *Bang!* tasco dois conceitos aqui nessa última frase e imediatamente me pergunto: será que Girassol manja dessas coisas: necropolítica? fascismo? Fascismo cê manja, né?! Inclusive tá na boca do povo. Bão vou comentar o que vem a ser em termos gerais a necropolítica. Esse conceito foi criado pelo filósofo camaronês Achille Mbembe, pronuncia assim em fonema: Aquile Mambembe pegou?! A necropolítica tem sido usada como tecnologia de poder por grupos hegemônicos (dominantes) que subjagam, ou seja, decidem, escolhem e determinam como sendo importantes determinadas vidas em relação a outras. São esses grupos hegemônicos que dão as cartas. O “resto”, tipificado por essa hegemonia, entra no balaio de tudo aquilo que não reflete o próprio espelho do modo branco, heterocisnormativo, europeu e capitalista. Daí, toda a violência sofrida pelas minorais no mundo inteiro. Necro significa morte. Assim a política do “*matar deliberadamente*”, há parcelas da população cujas vidas não vale nada. Reconhece esse rolê?! Essa conversa dá pano pra manga né? Depois da uma “*googleada*”, se quiser e me conta o que achou, se tem a ver...

Aqui velho, quando você falou do buraco negro. Bem, rs... essa imagem me pareceu descolada da realidade. Mas o que é a realidade, não é mesmo?! Ao mesmo tempo você lançou a brava da dureza da vida. E de toda a temporalidade trazida nas reflexões de Heráclito, do rio e do Homem... acho genial essa idéia do fluxo perpétuo, do movimento, da possibilidade de mudar. Talvez isso seja um barato *bão* de pensar.

Fico deslumbrada com essas janelas abertas trazidas nessas paisagens que você cria ao *linkar* a história da filosofia, o Universo, a galáxia. Mas, como seria esse olhar para as aulas de filosofia? como é possível virar essa chavinha e ligar essas teorias filosóficas ao batidão da vida concreta? Aliás, a filosofia se liga a concretude da vida no dia-a-dia? Estou voltando nesse assunto porque esse é o objeto da minha pesquisa, lembra?! hehe.

Conte-me, o que você acha das aulas de filosofia para o Ensino médio? Ruins, boas? Dá pra dizer o porquê são boas ou ruins? Existe um debate gigante sobre a questão da “utilidade” dessas aulas de filosofia. Em sua opinião são úteis? Se úteis, pra que? Do que serviu na sua vida? Diz um pouquinho da sua experiência. A palavra está contigo, Girassol.

Feliz 2021!

Carol.

Belo Horizonte, 04 de maio de 2021

Viramos o ano e quase na metade venho te responder por meio dessa carta moderna e pratica, imagina que loucura que era antigamente para enviar uma carta haha. Acho que nada mudou efetivamente, como diria Heráclito: “Nada é permanente, exceto a mudança. Estou muito pensante nessa pandemia, tanta coisa acontecendo ao mesmo tempo e esse ano vai mais um atípico e não podemos criar muitas expectativas ainda mais com um governo desses, e como você está?

A está fome diariamente nas ruas, perto dos locais de serviços e é algo escancarado e nada muda, isso é desumano! Eu venho com dados sobre isso, você sabia que em média 125 milhões de brasileiros nessa pandemia sofrem com a insegurança alimentar e com a pandemia agravou mais ainda e deixou mais nítido como a necropolítica está presente e as pessoas que está sofrendo mais e continua assim há tempos são os negros, cuja a vida não vale nada para esses grupos que supostamente detém o poder de Deus, onde escolhe quem vive e quem morre.

A filosofia é uma condição humana porque pensar, refletir e debater são condições humanas que ocorre todos os dias e a todo instante, porém algumas pessoas não notam o valor imenso que é pensar por si e gera um desinteresse pela filosofia por esse simples fato de pensar ser cansativo, pegou a ideia? E acho que uma forma legal de introduzir a filosofia na vidas das pessoas é usando coisas modernas também, um exemplo a série Merlí, você já deve ter ouvido falar ou visto, eu me encontrei mais ainda na filosofia com esse filme. A filosofia é de extrema importância na escola, ela não te prepara apenas para passar em uma prova e passar de ano, filosofia é algo que te prepara e te auxiliar para a maiores questões e momentos da vida! Ora, se isso não é mais importante que uma prova né haha... Voltando ao

ensino fundamental, eu sempre tive vontade de ter aula de filosofia por mais que não fosse meu objetivo de uma faculdade, mas é uma coisa tão básica no ensino que mesmo naquela época eu questionava o porquê de não termos aulas de filosofia no fundamental. Se a filosofia nos evolução até aqui, por qual motivos deveríamos ignorar ela?!

Feliz 2021! Muita sabedoria e sanidade para nós!

Girassol A.

Belo Horizonte, 6 de maio de 2021

Ei Girassol pensa na alegria que fiquei ao receber a sua carta. Pois é, cheguei a dizer para você pelo *WhatsApp* quão generosa foram as suas mensagens perguntando sobre a nossa retomada das trocas de cartas, agradeço as suas chamadas! Depois foi você que ficou atolado com os afazeres do dia-a-dia, *são tempos difíceis para os sonhadores*, mas vamos lá: coragem!

Os dados que você trouxe faz parte de um retrato sinistro da condição desumana a qual estamos sendo submetidos um dos maiores produtores agrícolas do mundo, de extensão espacial continental como é o caso do Brasil assistir a sua população passar fome?! Logo a alimentação princípio básico para a sobrevivência. A banda musical Titãs tem uma canção que acho foda, presta atenção no trecho da letra *you tem fome de quê? a gente não quer só comida, a gente quer comida, diversão e arte...* (ANTUNES et al, 1987) Se puder depois escuta toda ela, boto fé que você vai curtir...

Girassol você disse que as pessoas não notam o valor que é pensar por si, Deleuze filósofo francês do final do século passado afirmou que o pensamento não é natural, o pensamento para ele é criação, quando o indivíduo se depara com o problema, se coloca a pensar, ou seja, têm de lidar com a situação. O senso comum, o blá blá blá do cotidiano é repetição, refletir é voltar a pensar sobre o problema vivido, o prefixo re antes da palavra significa de novo, novamente, pensar é movimento, movimentar-se, inventar, saca?

A série *Merlí* é muito massa, assisti e recomendo também! A partir da sua sugestão de trabalhar as aulas de filosofia usando filmes, séries, fiquei pensando quantas vezes rolou frustrações da minha parte ao tentar diversificar as aulas, tudo é muito dentro de uma escola, falta acesso *wi-fi* na extensão do prédio ou até mesmo na sala destinada a esse objetivo, normalmente esses espaços são chamados sala de multimídia, a gente lida com uma fartura de

falta, fazendo um trocadilho “*farta isso, aquilo, aquilo outro*”, até a carga horária destinada as aulas de filosofia é a mínima. Girassol como é fantástica a sua percepção sobre a didática das aulas de filosofia, esse relato que fiz sobre as condições adversas com as quais me deparo em meu trabalho propõe apresentar a realidade que enfrento na maioria das vezes, isso não foi uma justificativa da ausência das possibilidades que você traz na sua visão, gostaria de escutar mais e mais as suas ideias, beleza? Aliás, acrescentaria a necessidade de salas equipadas com recursos tecnológicos funcionando, óbvio pra gente pintar e bordar, já pensou um mural onde fosse possível grafitar, juntar a moçada pra fazer *slams*? Nu tem muita coisa boa pra desembolar né? Conta mais, fala como para você seria o ideal das aulas de filosofia? A nossa conversa tá enxameando as ideias por aqui, rs...

Já pensou que legal seria ter aulas de filosofia desde o ensino fundamental como você mesmo se questionou? Porque não tem? Boa pergunta! Por que a filosofia é tão importante na sua percepção? Como que a filosofia te afetou para você chegar a ter essa idéia sobre ela? Fique a vontade para falar sobre essas coisas que te perguntei e tudo mais que quiser. Sigamos!

inté,

Carol.

Belo Horizonte, 11 de julho de 2021

Ei Carol como você tem passado? Faz tempo que não venho aqui escrever para ti. Estou com saudades de nossas conversas, queria ter lhe respondido antes, mas estava tão confuso com as coisas que estavam acontecendo em minha vida que as vezes levamos tempo para poder compreender muitas coisas.

Uma coisa que tem me ajudado bastante nesses tempos caóticos é filosofia de fácil acesso pelo telefone, um exemplo disso é o Instagram. Eu sigo varias paginas de filosofias que postam diariamente trechos de livros e entrevista de diversos autores(as) e sempre descubro novos livros e filosofias que se encaixam com o momento atual em vivo e isso gera mais interesse, conheci diversos livros e autores e sem a internet isso não aconteceria, então, o instagram usado dessa foram ajudaria bastante no interesse fora e dentro da sala de aula.

A filosofia é umas das coisas mais importantes que tenho em minha vida, parece que tem um fogo em mim que faz cada vez mais me interessar no assunto, ainda mais na fase

atual que me encontro onde me pego com vários questionamentos sobre a vida, para onde vamos? Por que passamos por tudo isso? A vida é uma experiência fodástica né...

Uma coisa legal a acrescentar nas aulas de filosofias é relatórios sobre alguns filmes que tem muita filosofia por trás, mas de uma forma mais expressiva sabe se você apresentar um filme para uma pessoa em vez de um livro é possível que ela aprenda mais com o filme do que com o livro, hoje em dias temos que aprender a ensinar de outras maneiras as pessoas das próximas gerações tem tendência de ficar ligada nas tecnologias atuais principalmente redes sociais e telefones e isso pode ser usado de uma forma positiva de introduzir não só a filosofia mais coisas que vai ser de grande importância na formação do pensamento por si mesmo e do indivíduo também. Fico imaginando a loucura que deve ser professor... Participar de uma fase tão importante na vida da pessoa e depois ver outras pessoas passando pela mesma coisa, o que vocês fazem é por paixão mesmo, as mudanças que causam em nas nossas vidas nos impacta de uma forma incrível e por isso sinto tanto saudade da escola.

O que você me conta de novidades? O tempo está voando!!! Já passamos da metade do ano praticamente, fico eufórico só de pensar que meu tempo de vida está passando e temos tanto a viver...

*Abraço,
Girassol.*

Belo Horizonte, 19 de agosto de 2021

Ei Girassol, como você está? Por aqui um ano se passou em pouco mais de quarenta e cinco dias, fiquei com essa sensação logo após ter vivido o processo do exame de qualificação, etapa de grande expectativa para quem está fazendo um trabalho de mestrado como é o meu caso. Aconteceu no final de junho, deixei para o último dia possível dentro do prazo determinado pela universidade. Convidamos cinco professoras para ler o texto e trazer contribuições, dar dicas, palpites de quais caminhos a pesquisa poderia trilhar a partir do que já foi feito e que pode vir a ser feito ainda. Imagina: foram muitas mulheres que acolheram o trabalho e isso foi massa de mais, são profissionais que estão na estrada da educação do ensino superior há décadas e que cruzam o nosso caminho de estudantes, apontando vias das

quais pode ser que a gente ainda não tenha sacado, entende?! Daqui a pouco eu volto nesta conversa com você... quero comentar outros paranauês...

Bicho, a vida anda mesmo muito louca... os preços das coisas no supermercado estão nas alturas, falta “habilidade” para fazer a tal economia doméstica... como é que se faz economia com o preço da cesta básica, dos itens básicos com alta elevação de preço?! Girassol, outro dia você comentou comigo da influência das redes sociais... cara, você precisa conhecer Conceição Evaristo, se já conhece comenta comigo... segue o perfil dela já que você está na pira desta formação mais livre possibilitada pelas redes sociais e interações dadas pela tecnologia, mas o que eu quero falar dela, da Conceição Evaristo, no contexto da nossa conversa, é sobre uma *live* que assisti desta escritora, mulher preta, professora universitária aposentada, nascida em BH numa favela que já não existe mais. Ano passado quando a vida ainda estava passando por telas, vi Conceição Evaristo citando Joãozinho XXX falecido carnavalesco que dizia o seguinte: quem gosta da miséria é intelectual. Fiquei refletindo sobre esta frase dias, na real sofrimento não faz graça para ninguém rir, não é mesmo?! Cara a tristeza é uma tecnologia de poder, essa frase não é minha, é coisa do pensamento dos franceses Foucault, Deleuze... não sei qual dos dois ao certo falou sobre, agora pensa comigo toda essa retração, recolhimento, isolamento social trazido pela pandemia acentuou por demais o baixo astral. Aristóteles dizia: o homem é um animal político (ARISTÓTELES, 1998, II, 1252, b 27-29). São as nossas interações, trocas, conflitos, ocupação da rua [não digo da condição de vulnerabilidade enquanto população de rua], do território, do rolezinho que possibilita a nossa caminhada cultural, bota fê, Girassol? Contudo, o que ficou para gente sonhar? Rasgar o céu? Pegar a cauda do cometa para voar mesmo sem termos asas ou sei lá, vai que a gente tem?! São essas coisas que estão aqui no meu coração, sabe? Inventar os possíveis, as linhas de fuga (isso é conversa de Deleuze), quer dizer seguir a jornada da vida.

A Educação Básica pública sofreu um apagão. Voltei para o trabalho presencial há três semanas, a energia do lugar, do prédio está diferente, é a vitalidade das crianças, dos adolescentes que dão o colorido para esta instituição. Sem romantismo, mandando a real, com todas as coisas que estão por ser construídas dentro deste espaço. A escola fechada e abandonada pelo poder público morre asfixiada enquanto efeito colateral do descaso dos governistas. Estou há quase dois anos sem me reconhecer na minha profissão, eu era feliz e não sabia. Mentira! sempre soube que era feliz com todas as mazelas, mas nada comparada a esta experiência de agora. Talvez a gente possa conversar um pouco sobre Hume, filósofo inglês empirista, que pensava que todo conhecimento surge a partir da experiência, por isso, este termo empirista que significa experiência. Dizia Hume que a impressão é sempre mais

forte do que a ideia, o que ele queria dizer com isso? Que aquilo que estamos vivendo no momento exato em que estamos vivendo é mais intenso, por isso impressão, porque está sendo impresso aqui e agora, já a lembrança é a ideia daquilo que um dia foi. Porque estou dizendo isso? Porque quando eu digo eu era feliz e não sabia e logo em seguida digo que sabia sim, estou brincando com os conceitos de impressão e ideia de Hume, foi a maneira que encontrei para dizer que mesmo que esteja foda pra caramba tudo o que tem acontecido, chegará um tempo que dirá respeito a lembranças, memórias de um tempo vivido, seguiremos!

Voltando a conversa sobre o exame de qualificação é um momento que marca o tempo também de finalização da pesquisa, digamos que estamos do meio para o final e é sobre isto que também queria conversar com você, Girassol. Nossa correspondência sobre esta pesquisa está chegando ao fim, claro que a nossa conversa sobre a vida e tudo aquilo que nos toca vai seguir, mas é só pra dizer que o tempo para entregar o trabalho se aproxima, porém não vamos dar as despedidas, a vida possui sua própria harmonia, para que nos apressarmos?! toquei no assunto pra que a gente possa aproveitar as nossas prosas, as nossas trocas. Conta pra mim Girassol, como diz a expressão: o que tem pra hoje? que ensino de filosofia será possível a partir daqui? como você imagina a possibilidade de ensinar e aprender filosofia?

Abraços com expectativa de ampliar a vacinação,
Carol.

Belo Horizonte, 14 de Setembro de 2021

Olá Carol, as coisas por aqui estão fluindo e como vai as coisas com você? É sempre bom ouvir conselhos e opiniões de pessoas que querem nosso melhor. Ia comentar isso com você pelo telefone sobre o fim das nossas cartas, esses dias me peguei pensando bastante nisso e quero te agradecer por compartilhar essa oportunidade única que você me proporcionou convidando a participar do seu mestrado, essas experiencias e essas cartas agora fazem parte de mim, obrigado!

Essa pandemia que ainda não tem data final veio para elevar ao extremo as situações que a minoria passa no dia a dia, com um salário mínimo você não consegue sobreviver porque viver é totalmente distinto dessa realidade que estamos passando. Creio que essa

pandemia serviu para abriremos os olhos e enxergar as verdades que antes as pessoas ignoravam e agora não é possível omitir esse caos todo e suas causas, como diria Saramago "Se podes olhar, vê. Se podes ver, repara " no seu livro Ensaio sobre a cegueira que retrata uma pandemia de cegueira, onde nos passa a sensação que somos todos semelhantes e que não existe vida em sociedade se não cooperamos e ajudar o próximo.

Você falando sobre impressão, felicidade e essas coisas me fez lembrar do budismo que é eles mais nos ensinam de mais importante é estar presente no momento, parece que um paradoxo essa fala haha e é isso que eu mais gosto na filosofia deles, o que seria mais importante do que estar vivendo o momento? e o fato de não negar o sofrimento humano que é por natureza e essa tem sido minha adversidade que a pandemia trouxe a tona, não estar presente nos momentos e ter a percepção do que se passa na minha cabeça e nos pensamentos. Tenho 20 anos e me sinto um velho, as vezes me perco e me pergunto será que vou aguentar ser pensante durante mais uns 40 a 50 da minha vida? Isso tudo é uma loucura ou talvez tenho viajado nas ideias.

Chegando em mais um fim de correspondência, acredito que a filosofia sempre será a disciplina, estudo e conhecimento mais importante que temos, creio que esse desinteresse pela matéria seja virtude da tecnologia atual e do governo com certeza. Acredito que a melhor forma de ensinar filosofia para os alunos é mostrar de forma clara e objectiva as ideias dos pensadores estudados, fazer seminários, debates, fazer o aluno entender a coisa, não tem como falarmos de algo que não entendemos saca? e isso vai gerar mais interesses em outros autores, filosofias e assim por adiante e uma coisa que deve ser primordial para as aulas renderem sem tecnologia que possa ser uma distração, o pessoal de Atenas não tinha telefone, internet, nada e as coisas fluíam, aprender filosofia devemos pensar e focar totalmente nisso.

Atenciosamente e imunizado,

Girassol.

Belo Horizonte, 7 de junho de 2020

Ei Margarida, blz?

Me conta uma coisa aqui, você tem uma coisa meio *nerd* né? De onde estou tirando essa idéia? Do fato de você assentar na fileira do meio da sala e mais, na primeira carteira. Hahaha, tô te zoando. Seu posicionamento, literalmente hiper centrado me dizia de alguém que estava interessada em ver e ser vista. Por se tratar de escolha sua ocupar esse lugar de *centralidade*.

Margarida, você tirou muito sarro da minha cara. E morríamos de rir mesmo sem saber ou entender o porquê estávamos rindo. Em alguns momentos você dizia pra mim que me achava muito engraçada. Dizia sobre o jeito que eu conversava e dava aula. E isso nos levou a várias risadas sem fim.

Das coisas mais legais que percebi em você diz dessa atenção no olhar, seguida do interesse em escutar e me vem uma cena inesquecível na memória. Mais ou menos assim, estava eu dando uma aula expositiva com vários conceitos, explicando, exemplificando e quando finalizei olhei na sua direção e te disse: *e aí? sim, não, talvez, tanto faz ou nenhuma das alternativas, Margarida?* Você me respondeu assim: *Carol, não tenho a menor idéia do que você está falando, mas só te peço para você continuar falando, não pára*. Eu retruquei: *Como assim Margarida?* E você naturalmente comentou: *Sou mais ligada à área das Ciências Exatas, mas gosto das coisas que você fala. Mesmo às vezes ou na maioria das vezes não entendendo o que você diz*.

Fiquei curiosa por entender o que seria o seu pedido para que eu continuasse, para que eu não parasse. E por isso, pensei em te convidar para participar da minha pesquisa no Mestrado Profissional da Faculdade de Educação da UFMG.

Sou professora de filosofia há mais de uma década e ano após ano percebo que existem estudantes que não gostam de filosofia e outros tantos estudantes que gostam das aulas de filosofia. E fico me perguntando: por que será que isso acontece? Essa é a minha pesquisa, esse é o meu objeto da pesquisa. O interesse e o desinteresse dos estudantes do Ensino Médio em relação às aulas de filosofia.

Só que eu não posso pesquisar sozinha. Por isso, te convidei pra participar da pesquisa. Você é um dos sujeitos interlocutores da minha pesquisa. E a única sujeito da pesquisa que continua sendo minha aluna. Convidei outros ex-alunos meus também, no total serão seis. E a ideia é a gente trocar correspondência, via email, certo? Como resultado final do mestrado, vou escrever uma dissertação sobre essas correspondências todas sobre o tema

interesse/desinteresse dos estudantes pelas aulas de filosofia, apoiada em todas as escolhas teóricas que eu e minha orientadora, a professora Renata Aspis, faremos. Mas essa conversa aqui será entre nós (você e eu).

Por isso, gostaria de saber como você se sentia nas aulas? Você se lembra da primeira aula de filosofia que tivemos? Teve alguma aula que te marcou? O que vocêalaria das aulas de filosofia? E você, já tinha ouvido falar alguma coisa sobre mim antes de ter tido aula comigo? Já rolava algum comentário a meu respeito ou sobre as aulas de filosofia? Nossa, fiz mil perguntas... fale o que tiver vontade, não precisa responder tudo de uma vez, a gente tem tempo, vamos conversando.

Espero sua resposta

Obrigada

Beijo

Carol

Belo Horizonte, 11 de junho de 2020

Professora, amei ver sua personalidade em cada palavra! Confesso não ser emotiva, porém ver a sua atenção em me observar todos esses anos, não como apenas aluna, mas a minha forma de falar, olhar, atitude, meus valores e outros... me surpreendeu e me deixou quase de olhos marejados hahaha...

São tantos alunos que acostumamos a não ser vistos ou observados individualmente, em relação a minha personalidade de fato... e sim como aluna, em desempenho, forma de agir com colegas e responsáveis.

Citando isso entro no porque da sua aula de filosofia. Bom... Não sei de todos os professores desta área, mas a senhora me dava um "time" de apenas "cuspir conteúdo, aprender, absorver, decorar, aplicar". Quero ressaltar que realmente sou a famosa nerd (hummm...nerd não ... mas empenhada em aprender e alguém que ama o conhecimento hahah)

E por isso não estou reclamando da forma de ensino imposta a nós. Porém é indispensável citar o quanto pode ser cansativo apenas ir a escola para absorver, decorare quem sabe se tiver tempo e oportunidade, aplicar esse conhecimento em uma profissão...

Ok... Tudo isso foi para contextualizar, retomamos então...

A sua aula minha professora maravilhosa, me proporcionava um tempo para parar de simplesmente absorver e começar a pensar (confesso: tinha vezes que estava pensando em qualquer coisa, menos na sua aula hahaha me perdoe, porém de qualquer forma, me dava um time para só pensar em minhas questões).

Sobre o meu posicionamento em suas aulas, acho muito engraçado a forma que fala e pensa nas coisas, muitas opiniões dentro da sua cabeça, com pouco poder de execução com suas próprias mãos, mas o que me deixava intrigada, era que isso não te incomoda, pois dentro da sala de aula nos passando sua visão do mundo e nos forjando para poder um dia melhorar oq está errado, era o suficiente para você (e é professora, não duvide disso nunca, é mais do que muitos com poder de execução já fizeram em toda sua vida, lembre-se que em cada personalidade formada pelo ensino médio da nossa escola tem um pouquinho de Carol)... Tinha vezes que quase que podia ver seus pensamentos se organizando. Amo o fato de poder ver dentro da sua cabeça quando fala hahahha e com certeza tudo q tem aí me entretém ... Por isso vim explicar minhas risadas, não são apenas deboche é também admiração e estranheza pela sua loucura hahaha

E o fato de zoar comigo, fez me apaixonar mais pela sua matéria...

Eu nunca entendi por quê de fazer tantas perguntas aleatórias citando meu nome, ou até mesmo falar: né Margarida?

Isso me deixava intrigada... Porque eu? Porque minha opinião importava pra você? Porque queria escutar oq tinha pra falar?

...

Próximo ponto minha professora divertida, veremos... Porque não entendo o que fala as vezes? Bom... Como disse, sou de exatas e amo quando a coisa "é porque é"... Tipo quando toda vez em qualquer lingua, em qualquer momento $2+2$ vai ser 4, e sou muito pé no chão... Por isso voar demais em pensamento me fazia ficar tipo: "ahhhnnn (???) Socorro pra que tanta pergunta sem resposta... Tô entendendo nada dessas coisas, tudo depende de algo, não é $2+2$ "

Se não me engano questioneei sobre isso uma vez... E um ponto em nós super diferente é q amo respostas e você ama as perguntas...

Agora sobre nossa primeira aula...

Então... A nossa primeira aula foi você questionando sobre religião e paradigmas... sou muito devota ao Deus q acredito e o amo, nesse dia fiquei meio: lá vem... Hahaha

Diga-se de passagem que odiava todas as vezes que "implicava" com algo relacionado a minha religião... Porém, com tudo, entretanto, sei q não precisam concordar

comigo, mesmo algumas vezes tentando apresentar para vocês o que eu acho de bom nesse mundo... Quem pode me culpar, por querer apresentar para as pessoas que eu gosto a melhor coisa/pessoa/lugar/sentimento desse mundo pra mim?

Mas não viemos falar disso...

Sobre você antes das aulas só ouvi da sua beleza física... Mas convivia com o pessoal da tarde, que não tinha filosofia, o que justifica apenas os comentários sobre algo físico, mas é péssimo. Porque bom... Todos merecem um time para pensar e questionar, ao invés de aceitar e absorver...

Falei demais. Por hoje é só...

Ansiosa para nossa próxima carta...

Não sei se algo que disse vai ser útil pra sua pesquisa, mas veio da mente e coração...

Uma beijo para a minha professora que ama perguntas, mesmo q sem respostas, indo atrás dos porquês♥

Belo Horizonte, 6 de maio de 2021

Ei Margarida, como vai? Recém formada projetando a vida adulta neste vasto mundo?! Têm uma brincadeira que joga com o sentido das palavras e quando alguma coisa significativa acontece com a pessoa, vale-se disto que vamos chamar aqui jogral, (nem sei se esta palavra que usei tem a ver com o que estou afirmando) consigo imaginar você dizendo, lá vem a professora falar essas coisas difíceis... mas antes deixa eu concluir o raciocínio, rs... existe vida fora da escola?

Teve uma coisa que você falou na sua carta que fiquei pensando *oxente* Margarida diz não ser emotiva, mas fala que escreveu a partir do que veio da mente e do coração considerei esse paradoxo bem legal, aliás, não me pareceu nada contraditório porque acho possível dizer de coisas aparentemente diferentes no mesmo pensamento. Você sabia que a palavra aluno significa sem luz? Loucura né? Quando você se espanta com o fato de eu fazer perguntas diretamente a ti ou perceber a sua presença, te digo que na minha opinião os estudantes não são recipientes vazios onde caberia enchê-los de conteúdos e informações, penso nas inúmeras possibilidades que cada um dos estudantes pode trazer para contribuir na relação do

ensinar aprender, aprender ensinar, ou seja, cada pessoa é única e diversa, entende? E lamento o fato de muitas vezes nós professores desconhecermos a singularidade de cada um...

Estou intrigada como seria possível você “ver” a minha cabeça, o meu pensamento? será que eu ficava pensando em voz alta, pensei?! Quando você fala desse *time* que as aulas de filosofia te proporcionavam, que as aulas tinham outras propostas além de decorar e absorver, que coisa é essa que você está chamando de *time*? E como você acha que dentro das aulas de filosofia acontecia esse *time*? Conta mais sobre as suas impressões.

Margarida as aulas de filosofia te afetaram de alguma maneira? A minha pesquisa também é sobre isso, os afetos despertados nas aulas de filosofia. Serei um pouco mais ousada na pergunta, suponhamos que você fosse professora de filosofia, como seriam as suas aulas? consegue imaginar essa hipótese? você acha que as aulas de filosofia poderiam colaborar para uma escola menos cansativa? as aulas de filosofia fizeram/fazem algum sentido na sua vida na prática? Para não perder o costume vou brincar falando sério, tem uma propaganda do Canal Futura que diz que são as perguntas que movem o mundo, hehehe... Se quiser falar sobre outros assuntos e não somente esses que eu trouxe fica a vontade, a palavra é sua, tá bem?

Até breve,

Carol.

Belo Horizonte, 11 de maio, 2021

Oi professora, estou ótima e você?

Desde o nosso último contato muita coisa mudou. Estou sim começando a projetar a vida adulta, mas não só isso, estou no processo para tirá-los do papel também. Nesta nova jornada já recebi alguns “nãos”, assim como já vi alguns deles se transformarem em “sins”. Em tudo isso tenho visto o amor, o cuidado e a graça de Deus, até mesmo nos momentos “ruins”. Um exemplo: normalmente o “não” levaria a tristeza e choro, porém, Ele esteve confortando o meu coração e me ajudando a gozar até dos momentos mais complicados. Sendo assim, finalizo esse pedaço dizendo que tem sido uma fase complicada, mas leve. Obviamente que tudo graças a Ele, se não já estaria surtando rsrs!

Para a próxima resposta, já inicio com: SIM! Sempre existiu vida fora da escola, até quando estamos lá presencialmente, tem parte da nossa vida aqui fora. Ou quando estamos aqui, existe uma parte minha que ainda consegue agir como se estivesse lá (rsrs to falando

igual você agora em? kkkk). Enfim, fora da escola há muitas decisões complicadas a serem tomadas, há muita responsabilidade repentina, há sensação de “agora minha vida começa” erroneamente, há saudade da escola, etc, etc.

Eu digo: ver a sua cabeça, porque quando estamos muito envolvidos no que estamos falando, não costumamos pensar em cada palavra, é algo que vai se formando gradativamente enquanto já está sendo falado. Sendo assim, a possibilidade da frase dita passar pelo processo de “eu falo isso ou não falo” é muito menor. Por isso, se ficarmos atentos, dá pra perceber como você pensa na íntegra e sinceramente.

Com o “Time” eu quis dizer um Tempo mesmo, sem muita filosofia por trás kkkk, só que pra parecer bilíngue a gente usa no inglês hahaha! É como se a sua aula me desse um tempo pra descansar a mente e poder só ficar pensando, não necessariamente só absorvendo.

Eu poderia falar bonito e colaborar inteiramente pra sua pesquisa dizendo que me afeta a Filosofia. Mas se isso é uma completa verdade, aconteceu de forma sutil que nem mesmo eu pude perceber.

Se eu fosse professora de Filosofia, não ia sair aula (kkkkk), se sáísse, seria apenas conversas sobre opiniões. Mas o que cobraria nas provas? Por isso, entendemos que: precisa ser alguém que goste da história dos deuses, dos filósofos e tudo mais, para dar uma aula tão boa quanto a sua.

Mas se quiser perguntar como seria minha aula de matemática, seria engraçada, tentaria ensinar com todo humor que há em mim para que os alunos conseguissem desassociar a matemática de algo tenebroso. Acho que daria uns jogos com contas sutis para descansar a mente, daria incentivos para quem de fato entendeu (ps: esses incentivos não seriam as notas no boletim, isso seria a consequência do esforço). Seria algo assim, eu acho!

Mas voltando para filosofia, eu acho sim que a Filosofia pode tornar uma escola menos cansativa.

Ultimo tópico: A filosofia que você ensinava na sala de aula, não tem influência na minha vida prática, mas se o estudo da bíblia puder ser considerado filosofia para você, então sim. Essa fez e faz diferença e impacta a minha vida na prática.

Até breve.

Margarida

Belo Horizonte, 3 de setembro de 2021

Olá Margarida, como você está?

Conta-me as novidades: iniciou o curso no CEFET-MG? Como tem sido a experiência? Na sua última carta você falava sobre Deus baseado na sua crença, tenho tido experiências com aquilo que chamo espiritualidade, porque estou sincretista, antes que você pense: lá vem Carol com estas palavras complicadas. A palavra tem origem no termo sincretismo. Grosso modo significa fusão de diferentes doutrinas religiosas. Tudo isso tem sido tão curioso que há dias assisti uma *live* sobre o efeito do som e suas influências em nossas emoções, que conseqüentemente ressoa no modo como experimentamos a totalidade da nossa vida. A conversa abordava os mantras e sua capacidade de dar contorno a questões sutis da nossa alma, a exemplo do efeito sonoro e vibratório que a pronúncia da expressão em inglês *i am* (eu sou) produz no corpo da pessoa, o que para o moço que palestrava teria um efeito completamente diferente de dizer em português *eu sou* porque a pronúncia em português produz um escape na sonoridade, que tal experimentar a verbalização dos sons *I am, eu sou*, Margarida?! O que você achou, deu onda?! rs... dias atrás tive uma crise de ansiedade e precisei passar uns dias na casa dos meus sogros, ele é evangélico, crê nas palavras e ensinamentos de Jesus, conversamos bastante e praticamos algumas orações pautadas nesta doutrina, minha sogra é cristã e espírita e fizemos algumas preces embasadas na doutrina espírita. Sou adepta a banhos de ervas que normalmente são orientados por minha Mãe que já tem outro tipo de discernimento sobre espiritualidade. Todo esse universo plural me interessa bastante, sinto-me bem, penso que a dimensão da espiritualidade faz parte das buscas que fazemos ao longo de nossas vidas, mudando de assunto...

No final de junho passei pelo exame de qualificação do mestrado o que significa que entramos na reta final deste trabalho, foi às pampas (legal), seis professoras convidadas para ler o texto e contribuir com suas percepções sobre o trabalho, deu tudo certo, *be happy!*

Em agosto voltei para o trabalho presencial na escola. O ensino emergencial continua acontecendo, poucos foram os alunos autorizados por suas famílias ao retorno presencial, a maioria ou abandonou os estudos ou segue no ensino remoto, a sensação é estranha, uma escola silenciosa e vazia, quase sem vida, falta ocupação com corpos físicos vivos e vibrantes, energia, alegria...

Quando eu era criança assisti a um filme chamado *De volta para o futuro*.⁷ A trama narra a história de um jovem que é transportado para o passado e precisa bancar o cupido dos seus pais a fim de garantir a sua existência num futuro próximo, além de ser responsável por voltar para o futuro e “salvar” o cientista que desenvolveu a máquina do tempo. Já ouviu falar deste filme? Inspirada nessa história pensei numa brincadeira, uma cápsula do futuro onde você escreve uma carta para os futuros alunos do Ensino Médio sobre as aulas de filosofia. O que com sua experiência você diria a eles sobre essas aulas? E se estivesse ao seu alcance mudar qualquer coisa sobre estas aulas de filosofia e seu ensino o que você mudaria? Acho que será incrível Margarida você escrever uma carta para futuros estudantes da Educação Básica falando sobre as aulas de filosofia.

Abraços,

Carol.

⁷ DE VOLTA PARA O FUTURO. Robert Zemeckis. Estados Unidos: Universal Pictures, 1985.

Belo Horizonte, 5 de maio de 2021

Ei Orquídea,

Como você está?

Há dois anos comentei com você sobre algumas ideias que estavam começando a fervilhar na minha cabeça em relação à pesquisa do mestrado. Assuntamos rapidamente da possibilidade da sua participação, naquela ocasião você disse sim, eu animo. Achei curiosa aquela disposição e tratei de apaziguar, mas calma precisa pensar um pouco, vê se está a fim mesmo. Como sempre você demonstrou firmeza na sua resposta, reafirmando que participaria. Lembro que seu nome me surgiu pelo fato de te “conhecer” durante todo o seu Ensino Médio. Guardo uma cena memorável quando contei do meu término amoroso cheio de desentendimentos, você levantou a mão lá da última carteira na fileira do meio da sala e falou: Carol não volta com “ele”. Ana Clara sua colega de sala se virou na hora respondendo, essa é a Orquídea!

Durante esse tempo de pandemia e conseqüente fechamento do mundo, muitos têm sido os lutos com que estamos lidando no cotidiano: incontáveis mortes, a fome severa de milhares de brasileiros, tantas coisas acontecendo e deixando de acontecer, não é mesmo? Sinto saudades da sala de aula, de dar aula, do acaso, das espontaneidades vividas, nesses disparos assim como essa história que acabei de contar pra você, dessas sacadas que considero obra prima da juventude. É cada uma né, Orquídea? faz um tempo que descobri que a palavra saudade é coisa nossa, daqui do Brasil. Sinto que as horas, os dias estão voando... Vou te contar outra história.

Sou professora de filosofia há mais de uma década e ano após ano percebo que existem estudantes que não gostam de filosofia e outros tantos estudantes que gostam das aulas de filosofia. E fico me perguntando: por que será que isso acontece? Essa é a minha pesquisa, esse é o meu objeto da pesquisa. O interesse e o desinteresse dos estudantes do Ensino Médio em relação às aulas de filosofia.

Só que eu não posso pesquisar sozinha. Por isso, te convidei pra participar da pesquisa. Você é uma das interlocutoras da minha pesquisa. Convidei outros ex-alunos meus também, no total serão seis. E a ideia é a gente trocar correspondência, via email, tá ligada, né? Como resultado final do mestrado, vou escrever uma dissertação sobre essas correspondências todas sobre o tema interesse/desinteresse dos estudantes pelas aulas de filosofia, apoiada em todas as escolhas teóricas que eu e minha orientadora, a professora Renata Aspis, faremos. Mas essa conversa aqui será entre nós (você e eu).

Por isso, gostaria de saber como você se sentia nas aulas? Você se lembra da primeira aula de filosofia que tivemos? Teve alguma aula que te marcou? O que vocêalaria das aulas de filosofia? E você, já tinha ouvido falar alguma coisa sobre mim antes de ter tido aula comigo? Já rolava algum comentário a meu respeito ou sobre as aulas de filosofia? Nossa, fiz mil perguntas... fale o que tiver vontade, não precisa responder tudo de uma vez, a gente têm tempo, vamos conversando. Aliás, esteja a vontade para falar o que quiser sobre esse assunto ou outros que virem à sua mente, fique suave para se expressar.

Espero sua resposta.

Obrigada,

Beijo,

Carol.

Belo Horizonte, 9 de maio de 2021

Oi Carol,

Estou bem e você?

Lembro nitidamente do dia que você chamou meus companheiros da escola e eu para participar da sua pesquisa em relação ao interesse/desinteresse dos alunos pelas aulas de filosofia e fiquei muito feliz no dia por você ter me chamado pra participar dessa pesquisa que imagino que seja muito importante pra você, fiquei e estou muito animada.

Realmente nestes últimos dois anos aconteceram tantas coisas neste mundão e desde que a pandemia começou as pessoas vêm lidando com tantas coisas. Vão ser acontecimentos do mundo que vão ficar para história da humanidade. É um momento no mundo no que as pessoas estão precisando manter e desenvolver a saúde mental, pois aconteceram diversas mudanças de uma hora para outra que ninguém imaginava. Assim como você sente falta do calor humano da sala de aula e dos momentos espontâneos eu também sinto falta de poder abraçar e ver todo mundo que gosto, olhar pras expressões do rosto das pessoas e ver muitas pessoas reunidas em um mesmo local se divertindo mesmo que não conhecesse elas, sentir aquela energia gostosa... assim como você falou o tempo está passando muito rápido, estou até achando estranho a rapidez de tudo.

O assunto da sua pesquisa é muito interessante e você também despertou o interesse em mim de querer saber sobre esse desinteresse e interesse dos alunos pelas aulas. Falando

agora da minha parte, sempre gostei de filosofia, na escola sempre tive interesse pelo conhecimento e eu gosto de escutar o que as pessoas têm a falar e apresentar de conteúdo para os outros. Mesmo que eu nunca tenha estudado a fundo os conteúdos da filosofia, as questões como o por que, como, quando, onde e como das coisas da vida e do pensamento das pessoas me desperta muito interesse e esse é um dos motivos por eu gostar dessa matéria.

Respondendo agora as suas perguntas, sempre gostei das aulas de filosofia e eu me sentia bem nas aulas, pois era uma aula de conteúdo descontraído. Não me lembro da primeira aula de filosofia, minha cabeça é bem ruim pra lembrar de alguns acontecimentos, só os mais impactantes que eu tenho muita afetividade me marcam e não consigo esquecer. Para mim as aulas de filosofia sempre foram boas e você sempre teve um método descontraído de dar aulas, contando casos e envolvendo diversos assuntos. O que escutei ao seu respeito é que você é gente boa e fala sobre coisas aleatórias, não me lembro muito sobre isso, mas foram raras as vezes que falaram algo te criticando.

Para finalizar, sobre meu ponto de vista mesmo que eu gostasse do conteúdo e do seu jeito de dar aula, acredito que se houvessem outros métodos no conteúdo, além das carteiras e da sala de aula, simplesmente com leituras ou coisas do tipo, seria muito mais interessante diversificar e mudar os métodos. Acredito que como as novas gerações vêm perdendo o foco muito fácil nas coisas por estar acostumado a ter atenção em diversas coisas ao mesmo tempo, a gente precisa de coisas que nos impactam ou chamam a atenção com métodos diferentes. Além disso infelizmente acredito que os conteúdos do ensino médio são muito limitados, deveriam englobar mais coisas, no caso da filosofia acho que a gente não deveria abordar apenas a filosofia ocidental, é muito limitado as coisas que a gente estuda, não entramos a fundo em assunto que nos fazem pensar de verdade sobre as coisas e conteúdos da vida e acaba que nos realmente ficamos alienados aos mesmos pensamentos e aos mesmos conteúdos de sempre. Além disso, muitos alunos acreditam que a filosofia não é importante e não a levam a sério, assim como outras matérias. O ruim do ensino público brasileiro e também de alguns laços familiares é que não somos incentivados a estudar, escutar as pessoas e ver o que elas têm a nos mostrar de conhecimento. Bastante coisa têm que mudar no ensino pra gerar interesse nos jovens, pois se continuarmos avançando em alguns aspectos e estagnados em outros, como acontece com a educação, os alunos vão perder mais o interesse, ainda mais com está pandemia que está distanciando os alunos da sala de aula e querendo ou não, não é a mesma coisa e nem o mesmo interesse estudar em casa sozinho para crianças e adolescentes, pois a gente precisa de um acompanhamento maior e se o

ensino já era fraco no presencial, agora a distância imagino que a garotada está muito mais desanimada.

Adorei o método das cartas,

Beijos, um abraço bem apertado para matar a saudade do calor humano.

Orquídea.

Belo Horizonte, 23 de agosto de 2021

Ei Orquídea, como você está?

Faz um tempo não nos falamos, passei por alguns momentos interessantes desta vida pandêmica, mas segui acompanhando notícias aleatórias suas através das redes sociais, estava habituada a observar a sua desenvoltura para com os desenhos, especialmente com mandalas, pintar, colorir, desenhar, são tantas as maneiras de a gente comunicar o interior para o exterior, sim? Sou de uma família de quatro filhos e desenvolvi uma relação mais próxima com a minha irmã mais velha. Lembro do quanto essa irmã gostava de pintar, desenhar, fazer bijuterias, quando digo a ela que acho criativa recebo uma negativa, já que ela não se reconhece na condição de ser criadora e inventiva — paciência ao modo que cada infinito particular da subjetividade de cada um de nós se vê refletido no espelho (o próprio e aquele que o outro identifica). Talvez esta conversa passe por esse último aspecto, o da identificação, do afeto, daquilo que nos toca, nos afeta, assim como você descreveu na última carta dizendo que se lembra daquilo que te marca. Engraçada como não ficamos indiferentes ao que nos atravessa. Andei estudando nos últimos tempos um filósofo francês chamado Deleuze que fala sobre os afetos enquanto estímulos para o conhecer, acho que estímulo não faria jus ao que Deleuze tenha dito, vou arriscar dizer um pouco mais do que acabei de dizer, acho que ele quis dizer que o afeto é capaz de produzir deslocamentos na nossa percepção, subjetividade, modo de aprender e sentir, o que você acha disso, Orquídea?

Há poucos dias voltei para a sala de aula, estou trabalhando presencialmente, as turmas estão reduzidas, os espaços vazios, na quadra existem centenas de carteiras empilhadas sendo protegidas por pó que se acumula no vai e vem das horas, livros de divulgação do PNLD (Plano Nacional do Livro Didático) estão acumulados dentro do laboratório de ciências que segue interditado por inúmeros problemas de diversas ordens, o caos do fechamento

parece pairar nos passos de tartaruga da eventual retomada ao ensino presencial, sobre a pulsão da vida na escola, lembro da música do Lulu Santos que dizia “*assim caminha a humanidade com passos de formiga sem vontade*” (SANTOS, 1994). No momento em que escrevo esses últimos pensamentos para você me pergunto se não estaria eu mais uma vez reproduzindo a lógica capitalista da produção, do *Just in time*, se as coisas não possuem um ritmo próprio, apesar de que em se tratando do funcionamento e organização da escola pública parece que somos cardumes atravessando a pororoca, já ouviu deste fenômeno que acontece nos rios brasileiros? O encontro entre as águas doces dos rios e as águas salgadas do mar gera uma energia estrondosa, mas a vida que pulsa nestas águas precisa continuar o seu ciclo.

É sobre isto, Orquídea: estamos vivas! *o pulso ainda pulsa* (ANTUNES et al, 1989). Resta saber o quanto de vida ainda existe em nós? Quantas saídas, linhas de fuga podemos inventar? Desenhar portas imaginárias, janelas? demolir outras tantas? A primavera se aproxima, estava eu há alguns anos escutando um programa de rádio que vez ou outra gosto de acompanhar na rádio Inconfidência 100,9 FM e descobri que a palavra primavera significa primeira verdade. Não sei se saber o sinônimo dessa palavra faria alguma diferença em nossas vidas, ao menos na minha penso que não, o mais curioso tem sido sentir a alegria sutil que vem chegando com o canto diferente entoado pelos pássaros que tenho escutado por onde ando aqui na cidade, a intensidade e o calor do sol que vem penetrando a pele e dizendo da sua energia. Antes de continuar queria te contar outra curiosidade que conheci nesse mesmo programa de rádio, o fenômeno do mês de maio e o imaginário sobre ele ser o mês das noivas. No hemisfério norte as pessoas se casavam no mês de maio porque após um período de frio mais intenso era nesse momento que as temperaturas começavam a subir, ocasionando a ligeireza das pessoas que aguardavam para tomar banho e se enfeitar, olha que curioso, Orquídea? ou seja, a gente aqui no hemisfério sul (ao menos no Brasil) não tenho propriedade para falar de outro lugar, cisma de fazer casamento quando começa o frio e com aquela cultura dos trajes que deixam principalmente nós mulheres desconfortáveis com o clima... ai ai pois eu sempre disse que se por ventura casasse com cerimônia e etc, quero que seja durante o dia e num lugar aberto com temperaturas veranistas, rs... ah, o dito popular atribui ao mês de agosto o título de mês do desgosto, se souber alguma história por trás desse apontamento conta pra mim? Tô por aqui só sacando agosto soprando o frio com seus ventos que de vez em quando anda até cantando pelas bandas de cá...

Outros ventos me trouxeram aqui neste momento. Passei pelo processo de qualificação do texto da minha pesquisa no mestrado, sabe aquela história das embarcações que desapareciam nas correntes marítimas ao atravessar o oceano? Quando eu estava na escola era

uma conversa que rolava sempre, além do papo das calmarias que supostamente trouxeram as navegações portuguesas até a costa do litoral brasileiro. Pois bem, achei que iria enfrentar verdadeiros monstros com esse exame de qualificação, processo necessário para a continuidade do trabalho. Pinte o bicho papão do tamanho dos medos que trazia dentro de mim, sabe o que aconteceu Orquídea? Particpei de uma bruxaria, rs... na minha banca só tinha professoras mulheres, que disseram e sentiram coisas incríveis com esta pesquisa que estamos inventando aqui, sim estamos inventando, você também faz parte deste processo, obrigada por isso, obrigada por me encorajar lá atrás com suas palavras, assim como recebi toda disposição de coragem nessa prova pela qual passei, que não se trata propriamente de prova nenhuma, se é que você me entende?!

A minha pesquisa está caminhando do meio para o final, nós vamos conversar outras poucas vezes sobre o ensino de filosofia aqui neste território desta pesquisa. É claro que se for da sua vontade, vamos seguir dialogando sempre que possível, mas o fato é que ainda temos algumas coisas para abordar e gostaria de contar com sua sinceridade e criatividade habituais, diante de todas as observações que você trouxe e descreveu sobre as maneiras e formas de aprendizados dentro do espaço sala de aula e fora desse espaço, como seria possível na sua percepção o ensino da filosofia? O que falta e/ou o que sobra para que aconteça o aprender filosofia? Fiquei amarradona quando vi você dizendo de outros modos de aprender filosofia que não se prenda ao mundo ocidental; o que você tem a dizer sobre aprender filosofia pela perspectiva também oriental do globo? Sério, gostaria de te escutar e enxergar toda essa mandala de possibilidades e cores que você vem rabiscando nos seus contornos e expressões artísticas através das redes, só que aqui neste traçado da escrita... rola?

Abraços,

Carol.

Belo Horizonte, 28 de setembro de 2021

Oii Carol, estou bem e você?

Realmente faz um tempo que não nos falamos, também demorei a me comunicar, pois o tempo anda passando tão rápido e tanta coisa vêm acontecendo. Fico feliz por você me acompanhar nas redes e realmete são tantas as formas de se comunicar e expressar a arte, acho isso incrível e cada um de nos deveria achar uma maneira de expressar sua arte interior,

o que você acha? Sobre o caso da sua irmã, acredito que devemos reconhecer a arte e a expressão que expressamos, isso é tão lindo né seja na musica, dança, esporte, ente outros, reconhecer as coisas que expressamos atraves do nosso corpo perante a nossa maneira de sentir e pensar.

Sobre o filosofo Deleuze que você andou estudando e esse pensamento que você me passou sobre o afeto sendo capaz de produzir deslocamentos na nossa percepção, subjetividade, modo de aprender e sentir, eu concordo plenamente, como exemplo disso na minha vida vou falar sobre pessoas. Cada pessoa me transmite percepções e sentimentos diferentes, ou as vezes nem isso dependendo do tempo que passo com elas, mas de uma coisa tenho certeza as pessoas que são mais proximas do nosso convivio nos trazem tudo isso, dependendo dos vínculos mudamos os nossos sentimentos, nos privamos de coisas ou fazemos coisas que a gente nem saberia que estaria ao nosso alcance, sentimos diversos sentimentos e mudamos nossas percepções diante das situações e experiências. Vou te contar... este ano conheci uma pessoa que me fez sentir tanta coisa nova e as minhas percepções diante de diversas situações mudaram tanto, essa pessoa me fez sentir o sentimento de amor e como esse sentimento muda a gente né? Dependendo da pessoa pode nos fazer cair ou levantar, neste caso é levantar, estou conseguindo sair da caixinha e muita coisa que nem esperava vêm acontecendo. É curioso como as coisas acontecem no tempo certo, você também sente isso?

É interessante esse seu pensamento sobre as escolas públicas relacionado com os cardumes atravessando a pororoca. Não sei como está o funcionamento das escolas públicas em outros países na qual a educação é melhor, mas aqui se a educação publica já era ruim agora caiu mais pelo descaso diante ao EAD. Os amigos mais novos que encontro que estão no ensino médio estão perdidos de conteúdo e nem sabem o que estão aprendendo, têm preguiça e não há incentivo para o estudo, acredito que o que motiva os alunos para estudar os conteúdos do ensino médio é apenas para conseguir uma vaga na faculdade.

Adorei esses questionamento e acredito que a gente deve fazer eles periodicamente para que a gente não esqueça que estamos vivas. Ultimamente venho aprendendo o seguinte: do que adiante martelar a cabeça todos os dias e viver fazendo coisas que não nos dão prazer? Lógico que sempre vai ter coisas que precisamos fazer que não vai trazer prazer, mas o que quero dizer é que precisamos ser felizes, nos expressar e deixar de lado coisas que não nos fazem bem. O que vêm me fazendo feliz é enfrentar medos e ter coragem, batalhar por coisas que quero pro meu futuro, mas sem me desgastar e estar com pessoas que eu gosto da presença ao meu lado, assim eu me sinto viva, sinto que estou aqui por algo. É engraçado

que quando você falou isso dos meses e eu li sua carta me identifiquei demais no mês de agosto porque foi um mês muito difícil pra mim, acontecia algo pra lá e pra cá e realmete como você falou depois chega a primavera e parece que as coisas ficam mais leves, não em relação a correria do dia a dia, mas em relação a fluidez das coisas.

Fico feliz demais por você ter enfrentado esses monstros, e desejo que você faça isso sempre, o que desejo pra nos é que consigamos enfrentar esses monstros que ficam na nossa mente, e como foi depois que você os enfrentou? Como você está se sentindo agora? Sentiu alguma diferença na sua pessoa? Sentimentos?

É muito bom saber que ainda vamos nos encontrar por cartas mais vezes. Na minha percepção dentro da sala de aula teria que acontecer mais interação sobre o que as pessoas pensam, como exemplo escrever sobre uma aula interessante que seria fazer uma roda de conversa sobre determinado tema. Exemplo: o assunto é Sócrates, sua maneira de questionar, o que isso causa, o que acham dele e abordar esses temas de forma espontanea... quem sabe algum aluno decida perguntar algo pra você ou pra outro companheiro e fazer as mesmas perguntas que Sócrates? Sabe? Aquilo sobre sentir na pele o que voce esta aprendendo. Outra coisa... isso de fazer essas coisas valendo ponto é pessimo, as pessoas não são espontaneas e apenas sentem pressão. E sobre as aulas em outros locais poderiam ser em locais tranquilos, fora de sala... imagina se as escolas públicas pudessem ter diversas excursões para aprender com meios diferentes?. O problema também é que há diversos tipos de alunos na idade que estão os alunos do ensino médio não costumam ter maturidade pra levar as coisas a serio, a maioria das pessoas dessa idade só querem aproveitar, zuar, entre outros, aaaah e lembro de mim, eu era muito tímida pra falar em público, têm que haver uma forma de trabalhar isso, acho importante desenvolver a personalidade dos jovens com coisas relevantes de verdade, sem pressão. Então para o aprender filosófico falta mais interação, fazer com que os alunos entendam sobre a importância das coisas, saber o porque de ser importante estudar determinado assunto. Há pessoas que não gostam de estudar, mas têm gente que gosta de pensar coisas novas, que as pessoas tragam conhecimento e ver situações novas, então, e se fossem aulas também de desenvolvimento de pensamento? Como no caso que te dei do Sócrates. Sobre o que te comentei do lado oriental, não que eu tenha conhecimento, porém acho muito monótono a gente aprender só o nosso lado Ocidental, sendo que lá há diversas culturas e formas de pensar diferentes, vou estudar sobre isso também quando eu tiver tempo, porque tenho muito interesse na cultura de lá. Nosso conteúdo escolar é muito limitado e as pessoas já estão cientes disso, isso dá preguiça, apenas vemos uma parte, sendo que as coisas são bem mais amplas. Imagina estudar os

pensamentos orientais, indígenas, afro, entre outros, isso não seria interessante? Muitas coisas que estudamos não nos fazem ver coisas novas, e incluir diversos pensamentos seria interessante, as vezes se a gente tivesse um pouquinho de conhecimentos sobre cada povo e seus pensamentos e questionamentos as pessoas abrangeriam mais o seu estudo e a gente não estaria tão limitado.

Mais uma vez, obrigada pela participação nesta pesquisa, estou adorando escrever sobre sentimentos e ideias que tenho.

Um abraço apertado, Orquídea.

CARTA 6 – ALINHAVANDO PELAS BORDAS

Belo Horizonte, 16 de outubro de 2021

Colegas professores de filosofia da Educação Básica, endereço esta carta para vocês, conheço alguns pessoalmente, tantos outros jamais nos vimos ou dissemos “olá!” Eu poderia começar por desenvolver uma longa apresentação sobre “quem sou”, isso seria mesmo imprescindível? Somos capazes de definir a nossa existência? O nosso “eu”? Em alguns momentos estive convencida dessa possibilidade, há tempos não me ocupo dessa tarefa de dizer “quem sou”, tenho feito o exercício de dizer onde estou.

Nos últimos três anos iniciei uma pesquisa sobre o ensino de filosofia no Ensino Médio através do Mestrado Profissional na Faculdade de Educação da UFMG a fim de investigar o interesse e/ou desinteresse dos estudantes em relação às aulas de filosofia nessa etapa do ensino. Quando comecei o curso de licenciatura em filosofia, dezesseis anos atrás, me mantive engajada sobre o retorno da disciplina para o currículo nacional. Na época dispúnhamos de literatura vasta, pareceres e disputa política que culminou na lei federal que efetivou em meados dos anos 2008 a disciplina enquanto componente curricular obrigatório no nível médio nas escolas públicas e privadas de todo o país. Nos dias atuais, diversos acontecimentos recentes na política nacional vêm traçando novos contornos para o ensino da filosofia para os jovens estudantes e conseqüentemente para a nossa vida enquanto professores de filosofia da Educação Básica. Antes de traçar as questões aqui levantadas gostaria de partilhar “onde estou”, onde me encontro... Proponho uma andança, preciso de ar fresco, são narrativas de ser/estar, peço-lhes licença para iniciar.

Quase dois anos de pandemia. Aqui no Brasil, conforme a vacinação avança, a sensação de que é possível projetar o amanhã se mistura às aflições da concretude da vida. Desde ontem, talvez anteontem, um texto começou a percorrer o meu corpo. Estou de LTS (Licença para Tratamento de Saúde) devido a sintomas de transtorno de ansiedade, o médico psiquiatra me afastou do trabalho por sessenta dias.

Se você se considera como afetado de tristeza, eu creio que tudo está arruinado, [...] Por uma razão muito simples: que o corpo que nos afeta de tristeza somente nos afeta de tristeza na medida em que ele nos afeta sob uma relação que não convém a nossa. Spinoza quer dizer algo muito simples, que a tristeza não nos torna inteligentes. Na tristeza estamos arruinados. É por isto que os poderes têm necessidade de que os sujeitos sejam tristes. A angústia jamais foi um jogo de cultivo da inteligência ou da vivacidade (DELEUZE, 2019, p. 61).

Dentre as recomendações médicas algumas atividades multidisciplinares foram propostas na anamnese. Para além da continuidade da terapia, necessito fazer exercícios aeróbicos: caminhar, andar de bicicleta, correr, no intuito de elevar os níveis de serotonina e liberar endorfina para auxiliar neste quadro passageiro... sim, tudo passa.

Faz uma semana do diagnóstico, fiquei assombrada, tocada pela consulta, porém, resolvi tratar com seriedade e seguir as prescrições do profissional. Após a terapia, dois dias atrás, fui caminhar numa avenida onde corre um grande rio na cidade onde moro, aliás, ele nasce em Contagem e passa por BH. O curso d'água desse rio tem chamado a minha atenção desde o carnaval de 2020 quando estava com amigos seguindo o Bloco Volta Belchior, último carnaval do pré-apocalipse chamado pandemia. Lá pelas tantas dei de chamar as pessoas que estavam comigo e apontar para o Rio Arrudas que seguia no sentido do Rio das Velhas no município de Sabará, enquanto nós foliões íamos ao sentido do Shopping Boulevard, apontando o olhar para as frestas da proteção metálica instalada pela PBH (Prefeitura de Belo Horizonte) eu dizia para as pessoas: está tudo errado! Observem o rio: ele está indo numa direção e nós estamos na contramão do “ser-rio”.

Ontem pelo calendário de datas comemorativas do país foi “o dia dos professores” em um país que pior *“remunera professores do Ensino Médio no mundo e está 13% inferior à média da América Latina”*⁸ nesse quesito. Como falar em dia dos professores e seguir com essa tratativa que nos aparta das condições materiais? Aparentemente fomos apartados do direito de cátedra e da participação democrática no processo de construção de uma Escola livre e autônoma, digo isso com vocês porque há quase dois anos não exerço meu ofício de professora de filosofia em função da necessidade do fechamento das escolas em decorrência da pandemia e abandono dos governistas em relação a essa instituição. Vivi todo esse período acumulando funções burocráticas, inóspitas, aquém da minha formação.

O sistema de ensino emergencial tem nos transformado em geradores de dados, a todo instante somos bombardeados de exigências tais como: preenchimento de planilhas, diários eletrônicos, alimentação de informações dentro de uma das maiores plataformas de busca online do mundo que desenvolveu uma série de produtos com fins “educacionais” (me recuso a fazer propaganda, por isso ocultei o nome do buscador). Alheios à construção pedagógica, somos confundidos com burocratas desorientados por memorandos que ora dizem uma coisa, no dia subsequente desdiz o que havia sido tratado, condições subumanas de trabalho em

⁸ (Fonte: OCDE, 2021).

incontáveis horas que nos últimos tempos acontecia da seguinte forma: aulas presenciais para meia dúzia de alunos, postagens virtuais, administração de atividades impressas para os alunos que não estavam inseridos nem no presencial nem no remoto:

[...] como acontece das pessoas que têm o poder, não importando em qual domínio, terem necessidade de afetar-nos de uma forma triste? As paixões tristes como necessárias. Inspirar as paixões tristes é necessário ao exercício do poder. E Spinoza diz, no *Tratado Teológico-Político*, que é este o laço profundo entre o déspota e o sacerdote, eles têm necessidade da tristeza de seus sujeitos. Aqui, vocês compreendem bem que ele não considera a tristeza num sentido vago, ele considera a tristeza no sentido rigoroso que ele soube dar-lhe: a tristeza é o afeto enquanto envolve a diminuição da potência de agir (DELEUZE, 2019, p. 42).

Imagine este cenário para toda a rede estadual de ensino do estado de Minas Gerais, bobagem acho que podemos imaginar outros possíveis como diz a música do ídolo britânico:

Imagine there's no heaven
It's easy if you try
No hell below us
Above us only sky
Imagine all the people
Living for today
Imagine there's no countries
It isn't hard to do
Nothing to kill or die for
And no religion too
Imagine all the people
Living life in peace
You may say, I'm a dreamer
But I'm not the only one
I hope someday you'll join us
And the world will be as one
Imagine no possessions
I wonder if you can
No need for greed or hunger
A Brotherhood of man
Imagine all the people
Sharing all the world
You may say, I'm a dreamer
But I'm not the only one
I hope someday you'll join us
And the world will live as one⁹ (LENNON, 1971)

O limiar da vida privada, do refúgio da minha casa foi invadido por mensagens de *whatsapp* durante sete dias por semana em qualquer horário, em nome de uma pretensa

⁹ Imagine não haver o paraíso / É fácil se você tentar / Nenhum Inferno abaixo de nós / Acima de nós, só o céu / Imagine todas as pessoas / Vivendo o presente / Imagine que não houvesse nenhum país / Não é difícil imaginar / Nenhum motivo para matar ou morrer / E nem religião, também / Imagine todas as pessoas / Vivendo a vida em paz / Você pode dizer que eu sou um sonhador / Mas eu não sou o único / Espero que um dia você junte-se a nós / E o mundo será como um só / Imagine que não há posses / Eu me pergunto se você pode / Sem a necessidade de ganância ou fome / Uma irmandade dos homens / Imagine todas as pessoas / Partilhando todo o mundo / Você pode dizer que eu sou um sonhador / Mas eu não sou o único / Espero que um dia você junte-se a nós/ E o mundo viverá como um só.

celeridade na eficiência da dinâmica escolar, o bom senso inexistente, sem contar o fato dos gestores adotarem práticas arbitrárias em relação à regulamentação do regime estatutário do trabalho.

Quanto atraso travestido no discurso de eficiência! O que experimentei nos últimos tempos pode ser nomeado práticas difusas de um sistema adoecido, onde os sujeitos da educação seguem entorpecidos ligados à *Matrix*¹⁰ dos controladores de subjetividades, desejos, sonhos. Esse papo ficou parecendo algo manipulado por agentes externos, robôs ou inteligência artificial, mas são sujeitos de carne e osso, alguns, como é o meu caso, com os nervos em frangalhos que têm decidido por deixar a coisa acontecer da maneira como tem acontecido, enfraquecidos pela desarticulação da dimensão da rua, com seus corpos privados, mecanizados diante das máquinas, seguimos refugiados do vírus e inertes à própria vida:

Sabemos que na tradição grega antiga as filosofias eram praticadas, não havia cisão (e muito menos contradição) entre o que se falava e o que se fazia. As buscas da verdade não eram discursos conceituais descolados das práticas da vida. A filosofia era feita com o corpo, com o corpo e com a alma, sem descompasso. A conjunção entre o falar/pensar e o fazer/ação no mundo se constituíam como duas dimensões de uma mesma coisa, indissociáveis e sem contradição (ASPIS, 2021).

Qual filosofia tem ressoado em cada milímetro de tecido vivo em você para enfrentar o imponderável da vida? Como a pandemia o afetou? Qual é o seu lugar enquanto professor de filosofia da Educação Básica diante daquilo que um dia foi a escola e que hoje aparenta ser escombros de um pós guerra? Lembro-me de Pablo Picasso com o quadro *Guernica*. Sobrou alguma coisa? Eu insisto que sim, mas não digo isso ao acaso ou através de projeções de presente/futuro sem perspectiva. No início da nossa conversa eu disse que estou ingressando numa pesquisa dentro do Mestrado Profissional tendo como objetivo investigar o interesse e/ou desinteresse dos estudantes do Ensino Médio em relação às aulas de filosofia na Educação Básica. Escolhi a metodologia de trocas de cartas com seis jovens egressos que cursaram o nível médio comigo e após meses de diálogos apresento essas vozes que tenho associado à imagem do “ser-rio”, assim como quando ela me surgiu entre confetes, serpentinas, batuques e alegria.

Nós, adultos, propusemos o ensino de filosofia na Educação Básica para a juventude, com textos bem fundamentados, propedêuticos. Porém ao longo dos anos senti falta da escuta do que os jovens têm a nos dizer sobre o ensino de filosofia, como esse ensino pode acontecer. Ao reler as cartas trocadas com eles, dimensionei a importância para além do

¹⁰ MATRIX. Direção de Lana Wachowski, Lilly Wachowski. Estados Unidos: Warner Bros, 1999. 1 DVD (136 min.).

ensino de filosofia no que esse ensino é capaz de despertar, afetar nos jovens e/ou não, por isso sigo o fluxo desse “ser-rio” que ao colocar-se no diálogo conflui em linguagem viva. A potência dessa escuta parece-me ser a contribuição que essa pesquisa traz para o ensino de filosofia e sua prática no dia a dia da escola e fora dos muros das escolas. Preparem-se! Faremos uma escuta pouco comum no nosso meio profissional. Quem dirá que existe hoje e amanhã para o ensino de filosofia são os jovens estudantes egressos do Ensino Médio, com quem trabalhei durante três anos ou mais dentro de uma escola pública na região leste de Belo Horizonte em turnos diurnos, dentro de um bairro de classe média, mas ainda uma escola pública; como eles desejam que as aulas de filosofia aconteçam, se se interessam ou não pelas aulas de filosofia. Sutilmente, na medida em que os laços foram se dando na conversação intimista na troca de cartas a “*escola dos meninos*”, foi se apresentando em colocações espontâneas de uma juventude que tem o que dizer. Resta saber se estamos preparados para nos desvencilhar de nossas certezas e acompanhar a capacidade de imaginar outros possíveis que os estudantes demonstram. Acompanhem alguns trechos destas conversas:

Adorei esses questionamento e acredito que a gente deve fazer eles periodicamente para que a gente não esqueça que estamos vivas. [...] do que adiante martelar a cabeça todos os dias e viver fazendo coisas que não nos dão prazer? [...] dentro da sala de aula teria que acontecer mais interação sobre o que as pessoas pensam, como exemplo escrever sobre uma aula interessante que seria fazer uma roda de conversa sobre determinado tema. [...] E sobre as aulas em outros locais poderiam ser em locais tranquilos, fora de sala... imagina se as escolas públicas pudessem ter diversas excursões para aprender com meios diferentes? [...] e se fossem aulas também de desenvolvimento de pensamento? [...] Nosso conteúdo escolar é muito limitado e as pessoas já estão cientes disso, isso dá preguiça, apenas vemos uma parte, sendo que as coisas são bem mais amplas. [...] Muitas coisas que estudamos não nos fazem ver coisas novas, e incluir diversos pensamentos seria interessante, as vezes se a gente tivesse um pouquinho de conhecimentos sobre cada povo e seus pensamentos e questionamentos as pessoas abrangeriam mais o seu estudo e a gente não estaria tão limitado.

À vontade para dizer o que pensa e sente somos convidados para pensar a didática e o processo do ensinar com quem vem recebendo o formato projetado ano após ano em sua formação. Porém, essas livres associações feitas pela estudante, se deram a partir do questionamento sobre as aulas de filosofia e o que se escuta é a necessidade do ensino ligar-se à vida. “*Só uma coisa conta: as maneiras de viver. Só uma coisa conta: a meditação da vida*”

(DELEUZE, 2019, p. 66). Há um convite para a provocação, para o deslocamento no ato do ensinar filosofia, onde o sujeito quer sentir-se parte no processo:

O processo de ensino, no entanto, se beneficiaria muito se pudesse trabalhar com a perspectiva de que o sujeito não é, não está sempre como que naturalmente predisposto ao pensamento e à reflexão filosófica. É necessária uma implicação, um engate com algo que a filosofia pode oferecer para desencadear o pensamento, e esse engate não passa somente pela ordem da vontade. Implicar-se significa poder fazer algo com aquilo que nos inquieta, com o que mexe com nossas convicções, e construir um lugar, que é singular, para essas inquietações. [...] o importante é que possamos escutar o aluno não para formatá-lo conforme um ideal fixo, mas para criar com ele caminhos diversos que proporcionem o contato com uma forma de pensar que considere a existência da implicação do desejo e da diferença na sua construção (BENETTI, 2006, p. 36).

Existem quereres e interesses diversos por parte dos estudantes, inclusive no que diz respeito aos conteúdos trabalhados dentro da disciplina. Os estudantes estão vivos compondo suas teias, curiosos e afetados por aquilo que os tem atravessado. Entendem que a filosofia é um conhecimento amplo e quando pensamos no ensino de filosofia existe pluralidade, outras perspectivas que não somente a ocidental. Eles estão inseridos nos meios virtuais que vêm cumprindo relativo papel na difusão da filosofia através das mídias sociais e conseqüentemente o aprender filosofia irrompe os muros da escola e se apresenta como possibilidades de explorar outros horizontes:

acredito que os conteúdos do ensino médio são muito limitados, deveriam englobar mais coisas, no caso da filosofia acho que a gente não deveria abordar apenas a filosofia ocidental, é muito limitado as coisas que a gente estuda, não entramos a fundo em assunto que nos fazem pensar de verdade sobre as coisas e conteúdos da vida e acaba que nos realmente ficamos alienados aos mesmos pensamentos e aos mesmos conteúdos de sempre.

Uma coisa que tem me ajudado bastante nesses tempos caóticos é filosofia de fácil acesso pelo telefone, um exemplo disso é o Instagram. Eu sigo varias paginas de filosofias que postam diariamente trechos de livros e entrevista de diversos autores(as) e sempre descobro novos livros e filosofias que se encaixam com o momento atual em vivo e isso gera mais interesse, conheci diversos livros e autores e sem a internet isso não aconteceria, então, o instagram usado dessa foram ajudaria bastante no interesse fora e dentro da sala de aula.

[...] acredito que a filosofia sempre será a disciplina, estudo e conhecimento mais importante que temos, creio que esse desinteresse pela matéria seja virtude da tecnologia atual e do governo com certeza. Acredito que a melhor forma de ensinar filosofia para os alunos é mostrar de forma clara e objectiva as ideias dos pensadores estudados, fazer

seminários, debates, fazer o aluno entender a coisa, não tem como falarmos de algo que não entendemos saca?

A escola inserida em um tempo analógico não acompanha os estudantes nascidos em um tempo tecnológico, como conciliar esta dicotomia? Eu sei que isso é um extenso e complexo assunto que traz inúmeras conseqüências inclusive para o contexto escolar conforme aponta Nascimento: *“O que se percebe ao desvelar desse cenário é que, os “nativos digitais” transitam no mundo imersos em seus atuais valores e o choque acontece quando esses jovens, nascidos no seio da era digital, são submetidos ao sistemático pensamento analógico” (NASCIMENTO 2020, p. 39).*

Mas isso não impedirá que vocês me interpelem: “Ah, Carol, mas esse tempo arcaico da escola ficou no passado, isso foi antes da pandemia.” Ledo engano o não investimento em dados móveis e banda larga nas escolas públicas, sem contar a inexistência de equipamentos apropriados para inserção na era digital, exclui muitos sujeitos da educação no contexto escolar. Em minha cabeça iniciam-se notas musicais embaladas pelos versos da canção interpretada por Elis Regina *“É você que ama o passado, E que não vê, Que o novo sempre vem”* (BELCHIOR, 1976). Não sou defensora da produção de conteúdos desenfreados e o compartilhamento disparado em grande escala através da internet e suas interações sociais, até mesmo porque considero a latência dessa produção como fator de dispersão maior do que de coesão, somos sugados pela rolagem das barras de tarefas dos dispositivos eletrônicos. Porém reconheço a capacidade de multiplicação que estes mecanismos desempenham. Os estudantes reconhecem e utilizam esses meios para navegar e buscar informações dos seus interesses. Os perfis propagadores de conteúdos filosóficos vêm sendo procurados para tal fim, ou seja, há espaços a serem ocupados.

Vocês já ouviram falar no Programa Residência Pedagógica mantida pela Capes em parceria com as universidades públicas e privadas do país? Desde o ano passado tive a oportunidade, através de um edital, de ingressar no programa (gostaria de deixar registrado que no curso do programa o mesmo sofreu corte de verba e ninguém recebeu nenhum centavo referente às bolsas desde setembro deste ano, haja vista um PL que aguarda assinatura do gabinete presidencial que poderá autorizar ou não o pagamento dos valores devidos). Tenho trabalhado com oito graduandos do curso de filosofia da Fafich que se encontram a partir do quinto período. Aliás, o Residência Pedagógica funciona com estudantes da graduação da metade do curso em diante, a ideia é estimular a vivência dos mesmos com o dia a dia das escolas. A proposta é que sejam desenvolvidas práticas que os auxiliem nessa vivência. Já é

sabido que estamos numa pandemia, com escolas sendo as primeiras a ser fechadas e as últimas a ser reabertas, logo há de se problematizar os desafios que não foram enfrentados para o desenrolar desse programa. Pois bem, como o governo de Minas Gerais optou por trabalhar com apostilas denominadas PET's (Plano de Ensino Tutorado) para cada componente curricular, quando nós, da Residência, entramos no módulo II, no primeiro semestre deste ano, sugeri que fosse feita alguma intervenção virtual para que houvesse diálogo com os estudantes que ainda estão cursando o Ensino Médio, para ficar mais claro: propus um facilitador na comunicação entre os residentes que não tinham como frequentar as escolas e experimentarem-na fisicamente, como acontece na proposta do programa antes da pandemia, mas que ainda assim houvesse a possibilidade de transpor a barreira física imposta pelas restrições ao espaço escolar. Foi quando os residentes junto com o coordenador responsável sugeriram a feitura de episódios de *podcasts* com temas abordados nos PET's de filosofia e o resultado foi muito bacana. Postei nas salas de aulas virtuais e recebemos alguns *feedbacks* por parte dos estudantes. Essa experiência é de agora, recente, eu a trouxe aqui porque penso que tem a ver com essa chamada que os estudantes egressos trouxeram para as possibilidades do ensino de filosofia na atualidade.

Ainda nesta onda de pensar outras composições para o ensino de filosofia, imagino os próprios estudantes do Ensino Médio desenvolvendo *podcasts* sobre os mais variados temas que compõem a filosofia, onde eles possam expressar seus olhares, percepções e afetos do que os enxameiam de signos. Penso que isso reafirma a vivacidade que já existe na filosofia enquanto exercício de reflexão sobre aquilo que é vivo. Como foi dito pela estudante egressa nos trechos destacados no texto, o exercício da escuta das ideias dos estudantes me fez perceber que um ensino ativo onde exista o compartilhamento no processo de criação é capaz de atrair a juventude para a filosofia, não digo atração pela atração, mas aquilo que os desloca, que os tire do lugar, que os atravesse e se apresente como convite à construção. A juventude está viva e traz suas pulsões que podem ser despertadas por um ensino horizontal, atento às proposições. Ao escutá-los me senti dentro de uma comunidade de investigação sobre o próprio processo do ensinar e isso se remete a uma concepção de Favero segundo o qual: “[...] o pensar reflexivo ocorre com maior profundidade quando realizado em comunidade” (FÁVERO et al, 2020, p. 12), uma espécie de metalinguagem sobre o que seria o ensino de filosofia.

Neste momento eu quero chamar vocês professores de filosofia para adentrar um pouco mais esta conversa, de modo que o que estou fazendo aqui ao partilhar as minhas impressões desta pesquisa faço de modo espontâneo. Não sei se escolhendo o meio certo para

proponha esta conversa, mas o faço de peito aberto, nesse encontro de pessoas que assim como eu encontram-se implicadas pelo ensino de filosofia, nessa gana de como esse ensino pode se dar mesmo diante de todos os retrocessos, cortes de verbas, ou seja, todos os atentados sofridos, para que a filosofia padeça por inanição econômica, devido às retiradas dos investimentos, que não acontecem somente com a filosofia, mas o fato é que nunca deixamos de ser o alvo preferido por governos que não têm compromisso com um projeto de civilização. De tempos em tempos atualizado por governos bárbaros a filosofia encontra-se vulnerável como vem acontecendo desde os movimentos de 2013 que culminaram com um *impeachment* em 2016 de um governo progressista e comprometido com o ensino de filosofia, haja vista que foi dentro dessa plataforma governamental que a filosofia voltou ao currículo nacional. Aqui não há defesa ideológica partidária, aqui há um relato histórico do retorno do ensino de filosofia na Educação Básica após o processo de redemocratização do Estado brasileiro. Também não sei se vocês perceberam, mas nessa roda de conversa encontram-se os estudantes do Ensino Médio atravessados pelo ensino de filosofia nos últimos anos, nós estamos compondo essa análise com eles, a minha pesquisa estabeleceu esse diálogo corpo a corpo, acho fundamental dizer com todas as palavras o que acabei de dizer.

Outra situação, que tem circundado meus pensamentos, diz respeito às mudanças que ocorrerão a partir do próximo ano com a implementação da lei da reforma do Ensino Médio. Lei esta aprovada mediante uma Medida Provisória no início dos anos 2017, reforma que vem atrelada à BNCC. Vocês têm acompanhado os desdobramentos dessa política pública? E o ensino de filosofia no meio dessa confusão toda como ficará? Atualmente o Ensino Médio como um todo contabiliza oitocentas horas anuais na carga horária e passará para mil e quatrocentas até o ano de 2023. No que diz respeito ao ensino de filosofia estamos no limbo. Digo isso porque o artigo 36 da LDB inciso IV que determinava a obrigatoriedade do ensino de filosofia em todas as séries do Ensino Médio foi substituído pelo artigo 35-A que traz o ensino de filosofia enquanto “*estudos e práticas*”, mas como aponta Contaldo (2018) o que seriam estudos e práticas obrigatórias de filosofia no currículo? Experimento uma paisagem de retrovisor ao lembrar o início da minha formação no curso de filosofia quando participei e acompanhei o retorno da disciplina no currículo nacional. Digo isso porque o que fará com que a filosofia seja mantida na Educação Básica dependerá do quanto conseguiremos nos mobilizar, produzir e disseminar debates, fóruns, seminários, corpo político para que este saber seja preservado e ampliado dentro das ditas grades curriculares.

Outra novidade é a diluição dos componentes de humanas dentro da área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas. Por aqui nas Minas Gerais os nervos já estão à flor da pele com

a divulgação da nova matriz curricular. Houve diminuição de carga horária para conteúdos da CHSA. Currículo sempre foi território de disputa, disputa política de agenda política, são inúmeros os inconvenientes que toda essa mudança poderá gerar para professores efetivos que ficarão excedentes em suas respectivas escolas de lotação ou serão submetidos a pegar aulas dentro da miscelânea de disciplinas eletivas propostas pela BNCC. Para os designados o risco significa diminuição de contratos, desemprego em massa. Os profissionais estão mais aflitos do que nunca. O Brasil encontra-se dentro de uma agenda liberal que remonta a monarquia, onde o rei ordena e os súditos obedecem. Conta-me como anda essa história por aí, de onde vocês me escutam?

Por mais de uma vez os estudantes, na troca de cartas, destacaram aquilo que foi destinado como mote para o retorno da disciplina de filosofia no antigo artigo 36 da LDB que dizia que, ao final do Ensino Médio, o estudante deveria dominar conhecimentos necessários para o exercício da cidadania:

[...] mesmo quando o que era debatido fosse um tema da qual o ponto abordado eu não concordasse, mas é isso que torna as aulas ainda mais atrativas. Esses momentos me proporciona não apenas conhecimento didático, mas amadurecimento enquanto pessoa e cidadã.

Quando você ministrava as aulas e a contextualizava com os ocorridos na atualidade era como se a filosofia ganhasse vida, se provasse não estar presa há milhares de anos atrás e nas páginas dos livros.

As polêmicas discutidas em sala eram fantásticas, porque não era uma competição de quem iria ganhar o debate, mas pelo fato de que levaria toda a turma a pensar com mais cuidado e com outros olhos aquele assunto discutido além quebrar tabus.

E essa troca de experiências e conhecimentos não se restringe a sala de aula, segue em nossa bagagem da vida.

[...] Saudades das aulas de filosofia, e da parte em que discutíamos os conteúdos e o trazíamos a nossa realidade, [...] com toda certeza a disciplina traz um amadurecimento não só enquanto indivíduo, mas também enquanto cidadão.

Posso estar errada, mas a filosofia é uma manifestação democrática porque ela permite justamente isso, expor e debater ideias sem que haja uma imposição.

A filosofia é uma ferramenta que nos capacita a buscar as verdades e inverdades que propaga em nosso meio, nos libertando de correntes e padrões ao qual nos faz diminuir para caber.

E garanto, que não é uma disciplina da qual a gente sempre diz ‘não vou usar isso na minha vida’, é que ela aparece de forma muito sutil as vezes ou apenas não sabemos que ela faz parte do nosso cotidiano, não a desmereça por não ser uma ciência.

Estimo que acertamos colegas! Estamos ao longo dos anos em constante lapidação no tesouro chamado democracia e seguimos em formação com os estudantes na construção da cidadania. Somos comprometidos com esse processo. Sei que cada um de vocês abraça com afinco a tarefa cotidianamente, por isso os dizeres dos jovens egressos que estiveram comigo estendo a todos vocês por ter a certeza que seguimos nessa jornada imersos no ensinar filosofia, que pode ser contestado como sendo impossível, contra argumentando-se, seguindo os dizeres de Kant, que antes se aprende a filosofar. A filosofia nas palavras dos estudantes não se apresenta como conhecimento estanque, dispensável, sua importância é sutil, será percebida com o passar dos anos, propõe-se no diálogo entre as diferenças de pensamentos, necessidade tão urgente para um mundo, que vem oferecendo intolerância e violência para o diverso e o que diverge.

Numa leitura recente de um comunicado de três anos atrás em comemoração ao Dia Mundial da Filosofia comemorado em 21 de novembro a Organização das Nações Unidas publicou o texto *ONU destaca papel da filosofia na criação de uma sociedade mais justa*, grande parte do que fora destacado por esse órgão é narrado pelas vozes dos egressos sobre a importância da filosofia na formação de cada um deles. Observem o que foi dito a respeito da disciplina de filosofia pela diretora geral da ONU para Educação, Ciência e Cultura, Unesco “[...] *desperta mentes e força o confronto entre opiniões, ajudando a construir uma sociedade mais tolerante e respeitadora*” (AZOULAY, 2019).

A esta altura imagino que vocês estão se perguntando, mas e o desinteresse em relação as aulas de filosofia, como lidar com este fato? Ora, colegas enxergo o não interesse como sendo a multiplicidade de desejos que envolvem a relação do apreender algo ou deixar escapar. Existem temas, assuntos, conteúdos que deixaram de afetar os egressos, o que analisei e recebi de bom grado na oportunidade de refletir a expectativa de resposta positiva sobre a massificação do ensino de filosofia despertar os mesmos interesses em todos os estudantes. Ou seja, a complexidade que envolve todas estas subjetividades não é capaz de encerrar as diferenças como ocorre em uma linha de produção. Vamos pensar juntos em uma esteira fabril, onde pego uma matéria prima e submeto ao processo mecânico e ao final da linha de montagem recolho o produto final:

Penso o ato educativo como um lugar que possa comportar aquilo que está “entre” o que se ensina, o conteúdo formal, e as relação subjetiva que se estabelece a partir desse ensino. Ou seja, um lugar que comporte o que é estranho, resto ou ruptura frente ao ideal de sujeito e aprendizagem que a ação pedagógica se propõe a atingir, um lugar que comporte aquilo que se apresenta como avesso, reviramento do efeito esperado como ideal, mas que produz efeitos “outros” diante do quadro fixo que se toma como modelo (BENETTI, 2006, p. 44).

Em sua prática de ensino como você lida com o estudante que não responde ao ensino de filosofia da maneira esperada? Em suas aulas há espaço para o que não se repete? A exemplo daqueles que não se interessam pelas aulas de filosofia? Outra voz não hesita em demarcar seu espaço e preferências, mas se mostra aberta ao diálogo e construção na troca de ideias. Ela nos conta que não se interessa pela filosofia. Porém existem situações que acontecem no espaço das aulas de filosofia que faz com que este momento seja singular logo, demonstra certa admiração por aquilo que distingue de si mesma. Não seria um princípio do filosofar observado por Aristóteles quando diz que a filosofia começa com espanto e admiração? Por que ali ainda é uma aula de filosofia, com temas da filosofia, com uma professora que leciona filosofia.

[...] sou de exatas e amo quando a coisa "é porque é"... Tipo quando toda vez em qualquer lingua, em qualquer momento 2+2 vai ser 4, e sou muito pé no chão... Por isso voar demais em pensamento me fazia ficar tipo: "ahhhhhh (???) Socorro pra que tanta pergunta sem resposta... Tô entendendo nada dessas coisas, tudo depende de algo, não é 2+2".

[...]um ponto em nós super diferente é q amo respostas e você ama as perguntas...

A sua aula [...], me proporcionava um tempo para parar de simplesmente absorver e começar a pensar.

Uma beijo para a minha professora que ama perguntas, mesmo q sem respostas, indo atrás dos porquês

Esses desvios vão aparecer em outras vozes, não sei se deveria chamar este deslocamento do interesse assim, por favor me acompanhem na composição deste raciocínio:

[...] mesmo que eu gostasse do conteúdo e do seu jeito de dar aula, acredito que se houvessem outros métodos no conteúdo, além das carteiras e da sala de aula, simplesmente com leituras ou coisas do tipo, seria muito mais interessante diversificar e mudar os métodos.

Há um convite para novos métodos, outros espaços. O ambiente do território demarcado da escola inserida dentro de um loteamento não sana o desejo do sujeito por outros espaços de partilha do conhecimento, quanto do céu, de paisagem, horizontes cabem numa aula de filosofia? Os estudantes tem sede por ocupar outros territórios. No contexto em que estou inserida, as chamadas excursões que pudessem vir a promover incursões, são cada vez mais raras, seja por não investimento, por falta de interesse das gestões ou tantas outras desculpas e intempéries que ocorrem a quaisquer proposição que não coadune com interesses específicos de uma visão unilateral, o não, o proibido tem uma força fundamental no encerramento do diálogo. Dizer não encerra o processo de construção, de troca, ao passo que o sim estimula a participação porque envolve trabalho, o sim se abre a criação do diferente:

Pois o que, na maioria das vezes é entendido como desvios da ordem ou como impossibilidade de aprendizagem, passa a ser compreendido como modos singulares de constituição subjetiva – o que, por consequência, exige outras maneiras de ensinar e aprender (BENETTI, 2006, p. 47).

Outra observação que gostaria de partilhar com vocês diz das sensações experimentadas por estes estudantes que apareceram em inúmeros relatos. Eles disseram experimentar liberdade, musicalidade, transposição para outros espaços. Será que ali naquele momento estaria acontecendo irrupção do pensamento? Criação de outros conceitos? Conceitos que saltam dos verbetes e transcorrem em cada terminação nervosa do corpo que foi atravessado pelas aulas de filosofia? Não sei quanto a vocês, o som dessas vozes cada vez mais ecoa em minhas reflexões sobre o que pode uma aula de filosofia. Conceitos que criam *sub-versões, disciplina no pensamento* (ASPIS, 2009), que transmutam em outras versões, sentido na vida, para além da lógica do mercado, lógica esta que oscila entre os extremos: estímulo x resposta.

Na aula de Filosofia , me sentia dentro das músicas que eu escutava.

As aulas de filosofia era quase uma terapia para mim, me sentia ótima [...]

Nas aulas de filosofia eu me sentia livre, o interesse foi instantâneo, na primeira aula discutimos sobre o que é filosofia e o que é filosofar [...]

[...] descobrir que havia uma aula em que eu poderia me expressar, pensar profundamente sobre os aspectos do cotidiano e aprender sobre a vida. Por isso eu me sentia livre, sua aula, Carol, era o espaço que eu tinha para ouvir e ser ouvida, e principalmente refletir. Eu e o Lírio ficávamos ansiosos por sua aula, ela era um momento feliz dentro de um ambiente muitas vezes conturbado chamado escola.

[...] eu descreveria as suas aulas de filosofias como um buraco negro, você admira um buraco negro como algo tão misterioso e que pode conter todas as respostas do mundo dentro dele e ao mesmo não, as suas aulas e a filosofia são assim, ensina-nos a pensar e refletir sobre tudo o que nos cerca, igual um descartes da vida. Aprendi muita coisa com você na sala de aula e até levo a filosofia de Heráclito pra vida, que mesmo que estejamos em situações péssimas, o tempo consome tudo que fica para trás, eu acho isso muito reconfortante e me dar forças para encarar a vida frente a frente, a vida é dura.

O rio de Heráclito como aquele que deixa o que passou para trás e se apresenta enquanto mudança. É preciso encarar a vida de frente, as aulas de filosofia enquanto lugar de descanso para um ambiente conturbado da Escola, visão daqueles que se interessam ou não pelas aulas de filosofia, como podemos escutar da jovem egressa

“[...] a Filosofia pode tornar uma escola menos cansativa”.

O interesse e /ou desinteresse dos estudantes não passa por nossa capacidade individual de inventar a roda, mas antes por condições materiais. No caso da educação pública básica sofremos com a constante precarização do ensino público neste país. Que isso fique claro nesta conversa: da minha parte não é esta ou aquela ferramenta que será capaz de consolidar a qualidade deste ensino sem que a pasta da educação esteja atrelada ao desenvolvimento constante e sustentação das políticas públicas necessárias, que vai da valorização profissional em seus múltiplos aspectos passando também pela oportunidade e condições necessárias para a possibilidade da formação continuada. Vocês puderam acompanhar um breve relato do quão difícil foi estudar e trabalhar estando inserida neste sistema. Imagino que a situação de vocês não deva ser muito distante da minha. Faz-se necessários investimentos na educação pública de ponta a ponta em toda a estrutura, melhores condições de trabalho, dignidade e respeito por todos nós.

A Escola cansa, o sistema corrói, a filosofia dá suporte a dureza da vida. Penso que para nós professores e para os estudantes do Ensino Médio na Educação Básica a filosofia exercício de pensamento convoca a reflexão constante dos temas, problemas que irrompe a cada pulsão de vida. Não há dúvidas que trata-se de um conhecimento que não passa despercebido, que cria desassossego para além de provocar construção de conceitos.

Viver é foda, morrer é difícil
 Te ver é uma necessidade
 Vamos fazer um filme
 E hoje em dia, como é que se diz, eu te amo?
 E hoje em dia, como é que se diz, eu te amo?
 Sem essa de que 'estou sozinho'
 Somos muito mais que isso
 Somos pinguim, somos golfinho
 Homem, sereia e beija-flor
 Leão, leoa e leão-marinho
 Eu preciso e quero ter carinho, liberdade e respeito
 Chega de opressão
 Quero viver a minha vida em paz
 Quero um milhão de amigos
 Quero irmãos e irmãs
 Deve de ser cisma minha
 Mas a única maneira ainda
 De imaginar a minha vida
 É vê-la como um musical dos anos trinta
 E no meio de uma depressão
 Te ver e ter beleza e fantasia
 E hoje em dia, como é que se diz, eu te amo?
 E hoje em dia, como é que se diz, eu te amo?
 E hoje em dia, como é que se diz, eu te amo?
 E hoje em dia, vamos fazer um filme
 Eu te amo
 Eu te amo
 Eu te amo (RUSSO, 1993)

Começo a me despedir no percurso da foz do ser-rio. Quando comecei a pesquisar sobre o objetivo do meu trabalho não imaginava as paisagens que iria cruzar na travessia. Foram três anos imersos neste trabalho. Irrequieta, estive e sigo sensível neste processo, ainda estou aqui, tentando sentir o que significou este mergulho, mergulho na discussão da política educacional cada vez mais ligada a uma agenda ultraneoliberal, onde a vida humana é contabilizada em termos percentuais, a singularidade de cada corpo rastreada por números que só dão conta de operar com múltiplos. Porém segue incapaz de dizer do único, daquilo que não se repete por mais que se aproxime e assemelhe-se: a vida, a educação, a juventude, o ensino de filosofia, o presente/futuro, nós professores de filosofia. Embarquei nestas águas sem bote salva vidas, sem garantias, sem redução de carga horária, sem bolsa. A falta é condição da vida. Ao longo do curso desviei de pedras, topei com rochas, mas remei, por vezes deixei a correnteza levar meu corpo, em alguns momentos aportei nas margens do ser-rio. Para mergulhar nas águas desta pesquisa que tomou cada poro da minha pele, apesar de estar com outras pessoas no fazer deste trabalho, seja nos grupos de estudos, na criação de laços individuais que pude contar na leitura partilhada daquilo que escrevi. Ainda assim sinto que a pesquisa nas ciências humanas é muito solitária. O ato da escrita diz de uma solidão extrema, você e o papel, o cursor do teclado que pisca à espera da próxima letra, frase,

períodos, orações. Chego nestas linhas com um pedido: sigamos na luta pela continuidade do ensino de filosofia no currículo da Educação Básica do país. O apagamento do ensino de filosofia pela via da retirada da disciplina através da força da lei está posto. Menos de dez anos após o retorno da disciplina no currículo, mais uma vez o ensino de filosofia está ameaçado. Foi assim na ditadura militar e perduraram décadas após o processo de redemocratização do país, nos mantivemos a margem do currículo, quando enfim concretizamos o retorno sob a forma de uma lei, “[...] *mas eis que chega a Roda Viva e carrega o destino pra lá*” (BUARQUE, 1968). Como poderemos construir uma sociedade engajada com a vida humana em suas várias expressões: ambiental, econômica, sanitária, artística, filosófica, viva? Sabemos que os estudantes estão no processo e têm muito a nos dizer como o ensino de filosofia pode acontecer. Precisamos seguir engajados na constituição de corpo político para enfrentar o desafio de demarcar novamente o espaço da filosofia:

[...] a articulação política de instituições, órgãos, universidades e profissionais da área para garantir na estruturação das novas propostas curriculares locais a inclusão ou permanência da filosofia na educação básica. O intenso trabalho político e social que resultou na aprovação da Lei 11.684/2008 precisa, de algum modo, ser recuperado e reconfigurado diante dos dilemas atuais que envolvem a educação básica, por meio de reuniões com gestores dos sistemas de educação, fóruns e eventos, articulações políticas com associações representativas da pesquisa em educação em nível nacional. Essa tarefa poderá resultar em significativas conquistas, não só para o campo de ensino de filosofia, mas, sobretudo, para o desenvolvimento do pensar reflexivo e da formação de sujeitos críticos e democráticos (FÁVERO et al, 2020, p. 15).

Eu gostaria de oferecer uma lembrança para vocês, algo singelo... antes vou contar um pouco sobre a história desta lembrança: no Mestrado Profissional da Faculdade de Educação da UFMG existe a proposta da composição de um produto/artefato educacional que é destinado para vocês professores de filosofia e/ou todos àqueles que estão envolvidos com o ensino e a educação. Renata e eu decidimos, por compor um *webzine*, por toda a história do movimento que está por traz da composição destes livretos gráficos que tiveram um *boom* nos anos de 1930 com jovens norte-americanos. Tempos depois foram adaptados para uma comunicação mais fluida e ligeira: *zine*. Diversas vezes aqui na minha cidade topei com estes livretos sendo oferecidos por seus criadores que desenvolviam sua arte dentro de uma linguagem plural quando não marginal. Pensando no engajamento político traduzido pelos *zine's*, por seu formato sem forma, com recursos exíguos que contrasta com a vontade de fazer esta pesquisa, de escutar as vozes dos egressos, é que entrego essa criação que tem como objetivo afetar para as questões que nos trouxe até aqui e tantas outras que estão por vir, que sirva de inspiração... talvez, sem grandes pretensões, não é modelo:

[...] Esse mapa, inútil para reuso, não poderá ser modelo, pois é experiência de pensamento, é experiência de ação, é cavar toca cheia de entradas e saídas, é acontecimento, em uma palavra, é irreproduzível. No entanto, pode servir de exemplo, de inspiração, de encontro para gerar pensamento, por isso tem seu valor, para isso tem muito valor (ASPIS, 2021, p. 43).

Houve momentos não raros em que eu pensei em desistir da pesquisa, seja pelo cansaço, pela sensação de executar um trabalho hercúleo, e inúmeras vezes contei com a sensibilidade de Girassol que sem saber das minhas angústias, aparecia repentinamente através de mensagens do *whatsapp* me perguntando sobre a pesquisa, quando eu iria enviar nova carta... Ele não sabe, mas em dias nublados, ele foi Sol.

A filosofia é uma condição humana porque pensar, refletir e debater são condições humanas que ocorre todos os dias e a todo instante, porém algumas pessoas não notam o valor imenso que é pensar por si e gera um desinteresse pela filosofia por esse simples fato de pensar ser cansativo, pegou a ideia?

A filosofia é de extrema importância na escola, ela não te prepara apenas para passar em uma prova e passar de ano, filosofia é algo que te prepara e te auxiliar para a maiores questões e momentos da vida!

Deixe-me ir
 Preciso andar
 Vou por aí a procurar
 Rir pra não chorar
 Deixe-me ir
 Preciso andar
 Vou por aí a procurar
 Sorrir pra não chorar
 Quero assistir ao sol nascer
 Ver as águas dos rios correr
 Ouvir os pássaros cantar
 Eu quero nascer
 Quero viver
 Deixe-me ir
 Preciso andar
 Vou por aí a procurar
 Rir pra não chorar
 Se alguém por mim perguntar
 Diga que eu só vou voltar
 Depois que me encontrar
 Quero assistir ao sol nascer
 Ver as águas dos rios correr
 Ouvir os pássaros cantar
 Eu quero nascer
 Quero viver
 Deixe-me ir
 Preciso andar
 Vou por aí a procurar
 Sorrir pra não chorar
 (Deixe-me ir preciso andar
 Vou por aí a procurar

Sorrir pra não chorar)
Deixe-me ir preciso andar
Vou por aí a procurar
Sorrir pra não chorar
(Deixe-me ir preciso andar
Vou por aí a procurar
Sorrir pra não chorar) (CANDEIA, 1976).

A sala de aula é o meu fazer, em contato com os estudantes imagino mundos possíveis, reinvento. Na sala de aula devires encontram-se.

Para todas nós, coragem!

REFERÊNCIAS

a. Textos

AGUIAR, Márcia Angela et. al. (org). **A BNCC na contramão do PNE 2014-2024**. Recife: ANPAE, 2018.

ALBUQUERQUE, Gina Vieira Ponte, DIAS, Juliana de Freitas. Carta a uma professora: “não quero ser invisível, quero ser professora”. **Cadernos de Linguagem e Sociedade**, 19(3), 2018, P. 7-18.

ALVES, Dalton José. **A filosofia no Ensino Médio**: ambiguidades e contradições na LDB. Campinas, SP: Autores Associados, 2002.

ANPOF. Sem filosofia não tem base. Disponível em: [https://www.anpof.org/wlib/ckfinder/userfiles/files/Files%202/Files%203/Carta%20GT_Sem%20Filosofia%20na%CC%83o%20tem%20base%20\(1\).pdf](https://www.anpof.org/wlib/ckfinder/userfiles/files/Files%202/Files%203/Carta%20GT_Sem%20Filosofia%20na%CC%83o%20tem%20base%20(1).pdf). Acesso em: 30 nov. 2021.

ANPOF. Formação docente e ensino de filosofia em questão: razões para resistência. Disponível em: <https://anpof.org/comunicacoes/coluna-anpof/formacao-docente-e-ensino-de-filosofia-em-questao-razoes-para-resistencia>. Acesso em: 30 nov. 2021.

ANPOF. A angústia do ensino: impressões de uma experiência entre a escola e a filosofia - parte I. Disponível em: <https://anpof.org/comunicacoes/coluna-anpof/a-angustia-do-ensino-impressoes-de-uma-experiencia-entre-a-escola-e-a-filosofia--parte-i>. Acesso em: 30 nov. 2021.

ANZALDÚA, Glória. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. **Revista Escritos Feministas**, ano 8, p. 229-236, primeiro semestre, 2000.

ARANHA, Maria Lúcia de Aruda et al. **Filosofando**: introdução à filosofia. São Paulo: Moderna, 2016.

ARISTÓTELES. **Política**. Tradução de António Campelo Amaral e Carlos Gomes. Lisboa: Vega, 1998.

ASPIS, Renata Lima. **Fazer filosofia com o corpo na rua**: experimentações em pesquisa. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2021.

ASPIS, Renata Pereira Lima. Criação de bandos como movimento de resistência. Cad. de Subjetividades, São Paulo, v. 1, n. 21, p. 07-14, 2020. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/cadernossujeitividade/article/view/50081/33043>. Acesso em: 05 fev. 2021.

ASPIS, Renata Lima. Notas esparsas sobre Filosofias da Diferença e Currículos. **Revista Currículo sem Fronteiras**, v. 16, n. 3, p. 429-439, 2016.

ASPIS, Renata Pereira Lima. **Ensino de filosofia e resistência**. 2012. Tese de Doutorado. Programa de Pós-graduação da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.

ASPIS, Renata Pereira Lima. **Ensinar filosofia: um livro para professores**. São Paulo: Atta Mídia e educação, 2009.

ASPIS, Renata. **Ensino não-formal de filosofias**. Coluna ANPOF, [S.L.], 2021. Disponível em: < <https://anpof.org/comunicacoes/coluna-anpof/-ensino-nao-formal-de-filosofias>> Acesso em: 18 out. 2021.

BARROS, Laura Pozzana de; KASTRUP, Virgínia. Cartografar é acompanhar processos. In: PASSOS, Eduardo (org). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. 2ª ed. Porto Alegre: Sulina, 2012. p. 52-75.

BENETTI, Cláudia Cisiane. **Filosofia e ensino, singularidade e diferença: entre Lacan e Deleuze**. Ijuí: Ed. Ijuí, 2006.

BORBA, Siomara et. al. (org). **Filosofia, aprendizagem, experiência**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

BUTLER, Judith. **Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa de assembleia**. Tradução de Fernanda Siqueira Miguens. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

BRASIL. Ministério da educação. Diretrizes Operacionais para a implantação do Programa Emergencial de Segunda Licenciatura para Professores em exercício na Educação Básica Pública a ser coordenado pelo MEC em regime de colaboração com os sistemas de ensino e realizado por instituições públicas de Educação Superior. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/2008/pcp008_08.pdf. Acesso em: 30 nov. 2021.

BRASIL. Ministério da educação. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm. Acesso em: 30 nov. 2021.

BRASIL. Ministério da educação. Lei nº 11.684, de 2 de junho de 2008. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11684.htm#art1. Acesso em: 30 nov. 2021.

BRAIL. Ministério da educação. Inclusão obrigatória das disciplinas de Filosofia e Sociologia no currículo do Ensino Médio. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/pceb038_06.pdf. Acesso em: 30 nov. 2021.

BRASIL. Ministério da educação. Resolução nº 4, de 16 de agosto de 2006. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rceb04_06.pdf. Acesso em: 30 nov. 2021.

BRASIL. Ministério da educação. Consulta sobre a implementação das disciplinas Filosofia e Sociologia no currículo do Ensino Médio. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/2008/pceb022_08.pdf. Acesso em: 30 nov. 2021.

BRASIL. Ministério da educação. Resolução nº 1, de 15 de maio de 2009. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/resolucao_cne_ceb001_2009.pdf. Acesso em: 30 nov. 2021.

CAMARGO, Maria Rosa Rodrigues Martins de. **Cartas e escrita: práticas culturais, linguagem e tessitura da amizade**. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

CANÇADO, José Maria. **Proust: As intermitências do coração e outros ensaios**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

CARVALHO, Marcelo et al. (org). **Filosofia e formação: volume 1**. Cuiabá, MT: Central do Texto, 2013.

CARVALHO, Marcelo et al. (org). **Filosofia e formação: volume 2**. Cuiabá, MT: Central do Texto, 2013.

CERLETTI, Alejandro A. Ensinar filosofia: da pergunta filosófica à resposta metodológica. *In*: KOHAN, Walter O. (Org.). **Filosofia: caminhos para seu ensino**. Rio de Janeiro: DP&A, 2004. p. 19-42.

CERLETTI, Alejandro A. **O ensino de filosofia como problema filosófico**. Tradução de Ingrid M. Xavier. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

CIÊNCIAS humanas e suas tecnologias. Secretária de Educação Básica (Orientações curriculares para o ensino médio: volume 3). Brasília: Ministério da Educação, Secretária de Educação Básica, 2006.

CHAUÍ, Marilena. **Introdução à história da filosofia: dos pré-socráticos a Aristóteles**, v. 1, 2ª ed. São Paulo: Companhia das letras, 2002.

CONTALDO, Sílvia. Novo ensino médio? **Revista PUC Minas**, Belo Horizonte, n. 15, p. 12-13, primeiro semestre, 2017.

CONTALDO, Sílvia. A filosofia e a BNCC: sete perguntas sem respostas, por enquanto. *In*: SIQUELLI, Sônia Aparecida (org). **Jornada internacional de educação e suas múltiplas leituras: arte, ética, subjetividade: anais**. Poços de Caldas, MG 5 a 7 de julho 2018. Pouso Alegre: Univás, 2018. p. 45-50.

CONTI, Josselem; SILVEIRA, Marília. Ciência no feminino: do que é feita a nossa escrita?. **Revista Pesquisas e Práticas Psicossociais**, v. 11, n. 1, p. 53-68, 2016.

CORNELLI, Gabriele et. al. (Cord). **Filosofia: Ensino Médio**. Brasília: Ministério da Educação, 2010.

CORRÊA, Marisa; MELLO, Januária. **Querida Heloísa**. Campinas: UNICAMP, 2008. *E-book*.

DELEUZE, Gilles. **Conversações, 1972-1990**. Tradução Peter Pál Pelbart. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992

DELEUZE, Gilles. **Proust e os signos**. Tradução Antonio Carlos Piquet e Roberto Machado. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

DROIT, Roger. **101 experiências de filosofia cotidiana**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Sextante, 2002.

DELEUZE, Gilles. **Cursos sobre Spinoza (Vincennes, 1978-1981)**. Tradução de Emanuel Ângelo da Rocha Fragoso et al. Fortaleza: EdUECE, 2019.

ENSINAR HISTÓRIA. Ciências Humanas no Novo Ensino Médio: 6 mudanças significativas. Disponível em: <https://ensinarhistoria.com.br/ciencias-humanas-no-novo-ensino-medio>. Acesso em: 30 nov. 2021.

EVARISTO, Conceição. **Ponciá Vicêncio**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2003.

FAVARETTO, Celso F. Sobre o ensino de filosofia. **Revista Faculdade de Educação**, São Paulo, v.19, n.1, p. 97-102, jan/jun, 1993.

FÁVERO, Altair Alberto et al. Reformas curriculares e o ataque ao pensamento reflexivo: o sutil desaparecimento da filosofia no currículo da Educação Básica no Brasil. **REFilo 1, Revista Digital de Ensino de Filosofia**, Santa Maria, periodicos.ufsm.br/refilo, v.6, 2020, p. 1-17.

FERRETI, Celso João; SILVA, Mônica Ribeiro da. Reforma do ensino médio no contexto da medida provisória no 746/2016: estado, currículo e disputas por hegemonia. **Revista Educ. Soc.**, Campinas, v. 38, nº. 139, p.385-404, abr.-jun., 2017

FERNÁNDEZ, Vítor; TORROELLA, Rafael. **Querido Salvador, querido Lorquito: Epistolário 1925-1936**. Madrid: Editorial Elba, 2013.

FIGUEIREDO, Ângela. Carta de uma ex-mulata à Judith Butler. **Periódicus**, Salvador, n. 3, v. 1, mai.-out. 2015, p. 152-169.

FIGUEIREDO, Vinicius de (org). **Filosofia: temas e percursos**. São Paulo: Berleandis & Vertecchia, 2016.

FLORES, Luiza. **Ocupar: composições e resistências kilombolas**. 2018. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Museu Nacional/UFRJ, Rio de Janeiro, 2003.

FRANCO, Luciana de Oliveira Pires. **Cartas sobre o envelhecer**. 2018. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Departamento de Psicologia da Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2018.

FOUCAULT, Michel. A Escrita de Si (1983a). In: MOTTA, M. B. da (Org.). **Ética, Sexualidade, Política: Michel Foucault**. Tradução de Elisa Monteiro e Inês A. D. Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004. Coleção Ditos & Escritos, v. V, p. 144-162.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar escrever esquecer**. São Paulo: Editora 34, 2006.

- GALLO, Sílvio et al. (org). **Filosofia do ensino de filosofia**. Petrópolis: Editora Vozes, 2003.
- GARCIA, Regina Leite [et al]. Reflexões sobre a responsabilidade social do pesquisador. In: MOREIRA, Antonio Flávio [et al]. **Para quem pesquisamos. Para quem escrevemos. O impasse dos intelectuais**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2003, v.88, p. 11-36.
- GHEDIN, Evandro. **Ensino de filosofia no Ensino Médio**. São Paulo: Cortez, 2009.
- GRAVATÁ, André. Façamos deste livro um pretexto para inúmeros encontros. In: SINGER, Helena et. al. GRAVATÁ, André (org). **Cartas a jovens educadores**. 1ª ed. São Paulo, 2019. p. 5-8.
- GONZALEZ, Chiqui. De Chiqui Gonzalez. In: SINGER, Helena et. al. GRAVATÁ, André (org). **Cartas a jovens educadores**. 1ª ed. São Paulo, 2019. p. 23-29.
- GUIMARÃES, Constança. **Cartas (1871-1888)**. Organização e ensaio de Eliane M. T. Lopes. Belo Horizonte: Quixote Do, 2021.
- GUINZBURG, Natália. **Caro Michele**. Tradução de Homero Freitas de Andrade. São Paulo: Cosac Naify, 2009.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva et. al. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- HEER, Margreet de. **Filosofia em quadrinhos para principiantes**. Tradução de Daniel E. M. Cipolla. São Paulo: Cultrix, 2013.
- INSTITUTO UNIBANCO. Evasão escolar e o abandono: um guia para entender esses conceitos. Disponível em: https://observatoriodeeducacao.institutounibanco.org.br/em-debate/abandono-evasao-escolar/?utm_source=google&utm_medium=cpc&utm_campaign=11358183974&utm_content=110865316026&utm_term=evas%C3%A3o%20escolar%20no%20brasil&gclid=Cj0KCQiAtJeNBhCVARIsANJUJ2HUSWLCRpI4GwbYiB-ahfsPfdKluId7VKbTu_StzN9wFX1kSIqCiUaAoTiEALw_wcB. Acesso em: 30 nov. 2021.
- KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios do racismo cotidiano**. Tradução de Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
- JAEGER, Werner W. **Paideia: a formação do homem grego**. Tradução de Artur M. Perreira. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- LAPOUJADE, David. O corpo que não aguenta mais. Tradução de Tiago Seixas Themudo. **Revista Polichinelo**. 29/04/2011. Disponível em: <https://revistapolichinelo.blogspot.com/2011/04/o-corpo-que-nao-aguenta-mais.html?m=1>. Acesso em: 10 jul. 2021.
- LOPES, Eliane Marta T. **Querido alguém**. Belo Horizonte: Edição do Autor, 2014.

MAFRA, Johnny José. **Ler e tomar notas:** primeiros passos da pesquisa bibliográfica: orientações para produção de textos. Belo Horizonte: O lutador, 2005.

MAYER, Bel Santos. De Bel Santos Mayer. *In:* SINGER, Helena [et. al]. GRAVATÁ, André (org). **Cartas a jovens educadores**. 1ª ed. São Paulo, 2019. p. 16-21.

MARQUES, Marcelo et al. **Proposta curricular:** filosofia e sociologia. Belo Horizonte: Secretaria do Estado de Minas Gerais, s/d.

MELANI, Ricardo. **Diálogos:** primeiros estudos em filosofia. São Paulo: Moderna, 2016.

MENEZES, Tássia. **O impacto do Novo Ensino Médio na formação de professores**. set. 2021. Disponível em: <https://conexao.ufrj.br/2021/09/o-impacto-do-novo-ensino-medio-na-formacao-de-professores>. Acesso em: 30 nov. 2021.

MORAES, Márcia; TSALLIS, Alexandra. Contar histórias, povoar o mundo: a escrita acadêmica e o feminino na ciência. **Rev. Polis e Psique**, 2016; 6(1): 39 – 50.

NASCIMENTO, Wagner da Silva. **Concertar o amanhã: experimentações no ensino de filosofia**. 2020. Dissertação (Programa de Mestrado Profissional Educação e Docência) — Faculdade de Educação, UFMG, Belo Horizonte, 2020.

OBIOLS, Guillermo. **Uma introdução ao ensino de filosofia**. Tradução de Silvio Gallo. Ijuí: Editora Unijui, 2002.

OLIVEIRA, Thiago Ranniery Moreira de; PARAÍSO, Marlucy Alves. Mapas, dança, desenhos: a cartografia como método de pesquisa em educação. **Pro-Posições**, v. 23, n. 3, p. 159-178, 2012.

OZ, Amós. **A caixa-preta**. Tradução de Nancy Rozenchan. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

PÉRET, Flávia. **Mulher-Bomba**. Bragança Paulista: Urutau, 2019.

PÉRET, Flávia. **Instruções para montar:** mapas, cidades e quebra-cabeças. Belo Horizonte: Guayabo, 2021.

ROCHA, Ronai. **A disciplina “Filosofia” está na BNCC?** dez. 2016. Disponível em: <https://didaticadafilosofia.wordpress.com/2016/12/01/a-disciplina-filosofia-esta-na-bncc>. Acesso em: 30 nov. 2021.

ROMAGNOLI, Roberta Carvalho. A cartografia e a relação pesquisa e vida. **Psicologia & sociedade**, v. 21, n. 2, p. 166-173, 2009.

RUIZ, Alice. Socorro. *In:* Vários autores. **50 poemas de revolta**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017. p. 26-27.

SANTOS, Antônio Bispo dos. As fronteiras entre o saber orgânico e o saber sintético. *In:* OLIVA, Anderson Ribeiro. **Tecendo redes antirracistas:** Áfricas, Brasis, Portugal. 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2019. p. 23-36.

SAVIAN FILHO, Juvenal. **Filosofia e filosofias: existência e sentidos**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

SEVERINO, Antônio Joaquim. Formação política do adolescente no Ensino Médio: a contribuição da Filosofia. **Pro-Posições**, Campinas, v. 21, n. 1 (61), p. 57-74, jan./abr. 2010.

SILVA, Ana Claudia Matos da. **Uma escrita contra- colonialista do quilombo Mumbuca Jalapão - TO**. 2019. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Sustentável)— Universidade de Brasília, Brasília, 2019.

SILVA, José Maria da. SILVEIRA, Emerson Sena da. **Apresentação de trabalhos acadêmicos: normas e técnicas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

SILVA, Luana Soares da; SITUBA, Nágila dos Santos. Filosofia no Ensino Médio: um olhar sobre as práticas reformistas na educação brasileira. **REFilo**. Santa Maria, periodicos.ufsm.br/refilo, v.7, 2021.

SILVA, Mônica Ribeiro da. A BNCC da reforma do ensino médio: o resgate de um empoeirado discurso. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v.34, e214130, 2018.

SILVEIRA, Nise da. **Cartas a Spinoza**. Rio de Janeiro: Editora Francisco Alvez, 1995.

SINGER, Helena et. al. GRAVATÁ, André (org). **Cartas a jovens educadores**. 1ª ed. São Paulo, 2019.

SMITH, Linda Tuhiwai. **Descolonizando metodologias: pesquisas e povos indígenas**. Tradução de Roberto G. Barbosa. Curitiba: UFPR, 2018.

SPIVAK, Gayatri C. **Pode o subalterno falar?** Tradução de Sandra Regina Goulart et. al. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

VASCONCELOS, José Antônio. **Reflexões: filosofia e cotidianos**. São Paulo: Edições SM, 2016.

VIRTANEN, Akseli. **O discreto charme do precariado**. Tradução Peter Pál Pelbart. In: GUATTARI, F., Máquina Kafka. São Paulo: n-1 edições, 2011.

WOOLF, Virginia. **Um teto todo seu**. Tordesilhas, 2014.

ZANELLI, Fernanda Fragozo et. al. (org). **Itinerário para as juventudes e a educação integral em Minas Gerais [livro eletrônico]: parte I: concepções e metodologias**. São Paulo: Fundação Itaú Cultural, 2017.

b. Músicas e vídeos

A LITANY FOR SURVIVAL: The life and work of Audre Lorde. Ada Gay Griffin e Michelle Parkerson. New York: American Documentary, Inc, 1995. (60 min.).

ANTUNES, Arnaldo *et al.* Bichos escrotos. *In:* TITÃS. **Cabeça dinossauro.** Rio de Janeiro: WEA Discos, 1986. LP. Faixa 9.

ANTUNES, Arnaldo *et al.* Comida. *In:* TITÃS. **Jesus não tem dente no país dos banguelas.** Rio de Janeiro: WEA, 1987. LP. Faixa 2.

ANTUNES, Arnaldo *et al.* O pulso. *In:* TITÃS. **Õ blésq blom.** Rio de Janeiro: WEA, 1989. LP. Faixa 9.

BECOS da memória. Palestrante: Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Evaristo, 2020. 1 vídeo (46 min). Transmitido ao vivo em 23 de junho de 2020 perfil *Instagram* Conceição Evaristo oficial. Disponível em: <https://www.instagram.com/tv/CBzHTT2pDuU/?igshid=1pfkky0rpb4n8>. Acesso em: 23 jun. 2020.

BELCHIOR, Antônio C. Como nossos pais. *In:* BELCHIOR. **Alucinação.** Rio de Janeiro. Philips. 1976. LP. Faixa 3.

BUARQUE, Chico. Quando o carnaval chegar. *In:* BUARQUE, Chico. **Quando o carnaval chegar.** Rio de Janeiro. Philips. 1972. LP. Faixa 5, Lado A.

BUARQUE, Chico. Roda Viva. *In:* BUARQUE, Chico. **Chico Buarque de Holanda volume 3.** Rio de Janeiro. Som Livre. 1968. LP. Faixa 6, Lado A.

BUARQUE, Chico; VELOSO, Caetano. Vai levando. *In:* BUARQUE, Chico; BETHÂNIA, Maria. **Chico Buarque e Maria Bethânia ao vivo.** Rio de Janeiro: Philips, 1993. LP. Faixa 17.

BUARQUE, Chico. Gota D'água. *In:* BUARQUE, Chico; BETHÂNIA, Maria. **Chico Buarque e Maria Bethânia ao vivo.** Rio de Janeiro: Philips, 1975. LP. Faixa 9.

CANDEIA, nome. Preciso me encontrar (deixe-me ir). *In:* CARTOLA. **Cartola II.** Discos Marcus Pereira. 1976. Faixa 5.

COLCHA DE RETALHOS. Direção de Jocelyn Moorhouse. Estados Unidos: Universal Studios, 1995. 1 DVD (116 min.).

DE VOLTA PARA O FUTURO. Robert Zemeckis. Estados Unidos: Universal Pictures, 1985.

DORIVAL CAYMMI. **Marina morena.** Heineken Concerts - Palace - São Paulo [abril/1996]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=enUx5DMiFU8>. Acesso em: 12 jun. 2021.

GALVÃO, Luiz; MOREIRA, Moraes. Mistério do planeta. *In:* **Acabou o chorare.** Rio de Janeiro: Som Livre, 1972. LP. Faixa 1, Lado Dois.

GESSINGER, Humberto. Terra de gigantes. *In:* ENGENHEIROS DO HAWAII. **Revolta dos Dandis.** RCA, 1987. LP. Faixa 2.

GIL, Gilberto. Palco. *In*: GIL, Gilberto. **Luar**. Rio de Janeiro: Warner, 1981. LP. Faixa 2.

GONZAGUINHA. E vamos à luta. *In*: GONZAGUINHA. **De volta ao começo**. Rio de Janeiro: EMI Odeon, 1980. LP. Faixa 5.

LENNON, John. Imagine. *In*: JOHN LENNON. **Imagine**. Apple, 1971. LP. Faixa 1.

MATRIX. Direção de Lana Wachowski, Lilly Wachowski. Estados Unidos: Warner Bros, 1999. 1 DVD (136 min.).

NASCIMENTO, Milton; BRANT, Fernando. Canção da América. *In*: **Journey to Dawn**. A&M Records, 1979. LP. Faixa 5.

RUSSO, Renato *et al.* Música urbana. *In*: CAPITAL INICIAL. **Capital inicial**. Polygram, 1986. LP. Faixa 1.

RUSSO, Renato. Vamos fazer um filme. *In*: LEGIÃO URBANA. **Descobrimento do Brasil**. EMI-Odeon. 1993. LP. Faixa 8.

SANTOS, Lulu. Assim caminha a humanidade. *In*: SANTOS, Lulu. **Assim caminha a humanidade**. RCA Records, 1994. LP, CD, K7. Faixa 2.

SÉRGIO, João. O amanhã. *In*: SIMONE. **Delírios, delícias**. São Paulo: CBS, 1983. LP. Faixa 10.

VIOLA, Paulinho da. Foi um rio que passou em minha vida. *In*: VIOLA, Paulinho da. **Foi um rio que passou em minha vida**. Rio de Janeiro: Odeon, 1970. LP. Faixa 6, Lado A.

VELOSO, Caetano. Oração ao tempo. *In*: VELOSO, Caetano. **Cinema transcendental**. São Paulo: Philips, 1979. LP. Faixa 2.

VELOSO, Caetano; GIL, Gilberto. Divino Maravilho. *In*: COSTA, Gal. **Gal Costa**. Philips, 1969. LP. Lado B, faixa 2.

VELOSO, Caetano. Você não entende nada. *In*: **A arte de Caetano Veloso**. São Paulo: Polygram/Philips: 1988. LP. Faixa 2, Lado D.

APÊNDICE - Carta para um professora de filosofia

CARTA PARA UM PROFESSORA DE FILOSOFIA



A F I L O S O F I A

É L I N D A



A filosofia é umas das coisas mais importantes que tenho em minha vida, parece que tem um fogo em mim que faz cada vez mais me interessar no assunto, *ainda mais na fase atual que me encontro onde me pego com vários questionamentos sobre a vida, para onde vamos? Por que passamos por tudo isso? A vida é uma experiência fodástica né...*

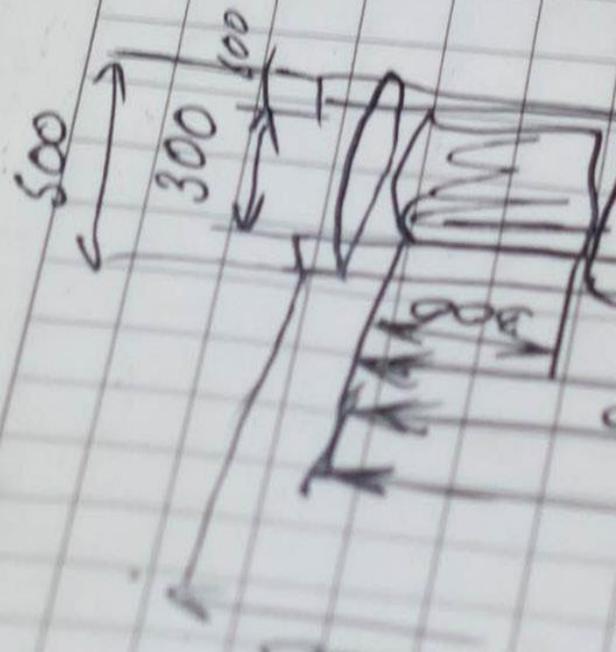
Com toda certeza a disciplina traz um amadurecimento não só enquanto indivíduo, mas também enquanto cidadão.

[...] descobrir que havia uma aula em que eu poderia me expressar, pensar profundamente sobre os aspectos do cotidiano e aprender sobre a vida. Por isso eu me sentia livre, sua aula era o espaço que eu tinha para ouvir e ser ouvida, e

principalmente *refletir*.



ADOREI ESSES QUESTIONAMENTO
E ACREDITO QUE A GENTE DEVE
FAZER ELES PERIODICAMENTE PARA
QUE A GENTE NÃO ESQUEÇA QUE
ESTAMOS VIVAS.





DÚVIDA

INTERESSE

FILOSOFIA

PROFESSORA

CERTeza

Acredito que os conteúdos do ensino médio são muito limitados, deveriam englobar mais coisas, no caso da filosofia acho que a gente não deveria abordar apenas a filosofia ocidental, é muito limitado as coisas que a gente estuda, não entramos a fundo em assunto que nos fazem pensar de verdade sobre as coisas e conteúdos da vida e acaba que nos realmente ficamos alienados aos mesmos pensamentos e aos mesmos conteúdos de sempre.

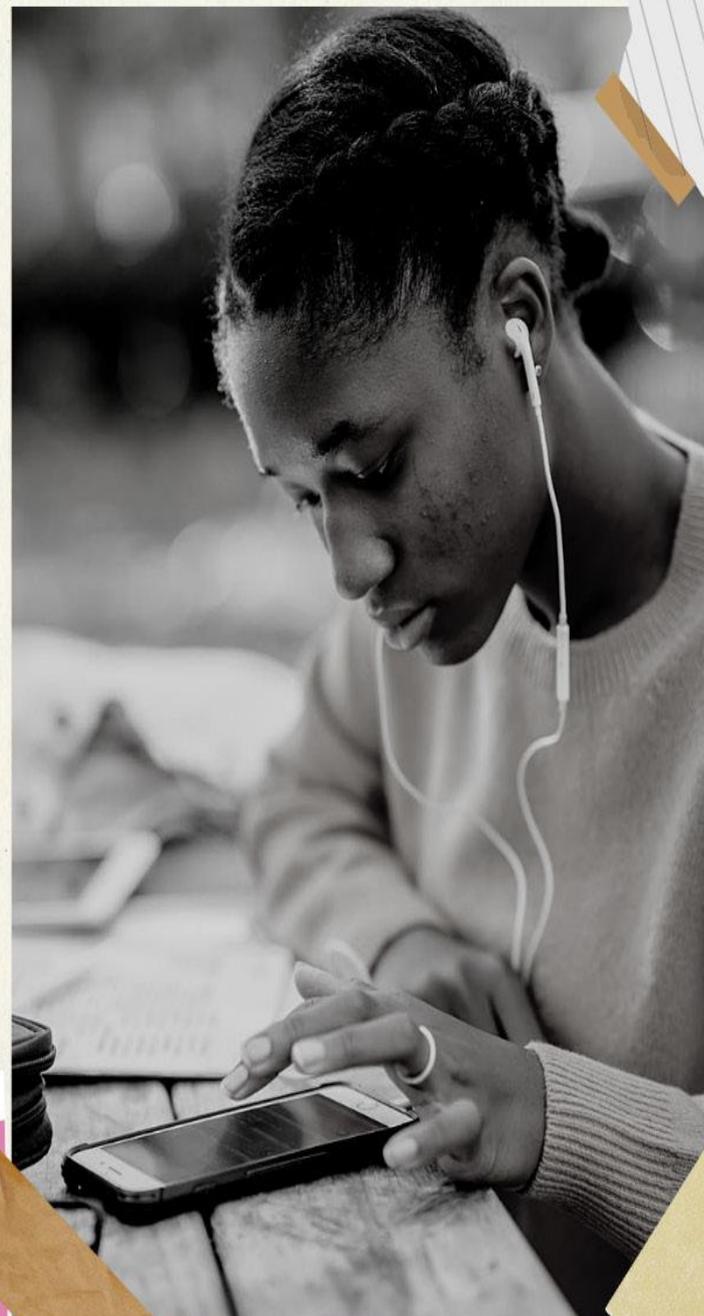
E garanto que não é uma disciplina da qual a gente sempre diz “não vou usar isso na minha vida”, é que ela aparece de forma muito sutil as vezes ou apenas não sabemos que ela faz parte do nosso cotidiano, não a desmereça por não ser uma ciência.

PENSAMENTOS

COTIDIANO

Sou de exatas e amo quando a coisa "é porque é"... Tipo quando toda vez em qualquer língua, em qualquer momento 2+2 vai ser 4, e sou muito pé no chão... Por isso voar demais em pensamento me fazia ficar tipo: "ahhhhhh (???) Socorro pra que tanta pergunta sem resposta... Tô entendendo nada dessas coisas, tudo depende de algo, não é 2+2"

$$2 + 2 = \text{X}$$



POSSO ESTAR ERRADA,
MAS A FILOSOFIA É UMA
MANIFESTAÇÃO DEMOCRÁTICA
PORQUE ELA PERMITE
JUSTAMENTE ISSO,
EXPOR E DEBATER IDEIAS SEM
QUE HAJA UMA IMPOSIÇÃO

MM





Eu descreveria as suas aulas de filosofias como um buraco negro, você admira um buraco negro como algo tão misterioso e que pode conter todas as respostas do mundo dentro dele e ao mesmo não, as suas aulas e a filosofia são assim, ensina-nos a pensar e refletir sobre tudo o que nos cerca, igual um descartes da vida.

O ruim do ensino público brasileiro e também de alguns laços familiares é que não somos incentivados a estudar, escutar as pessoas e ver o que elas têm a nos mostrar de conhecimento.

Ensino

A filosofia é de extrema importância na escola, ela não te prepara apenas para passar em uma prova e passar de ano, filosofia é algo que te prepara e te auxiliar para a maiores questões e momentos da vida!

Após três anos no ensino médio, estudando profundamente sobre os aspectos do cotidiano, eu sai transformada.

UMA PROFESSORA DE
FILOSOFIA SALVA
MAIS ALMAS
DO QUE UM PADRE OU UM PASTOR

1536



Atrativas

Esses momentos me proporcionaram não apenas conhecimento didático, mas amadurecimento enquanto pessoa e cidadã.

As aulas de filosofia eram quase uma terapia para mim, me sentia ótima, mesmo quando o que era debatido fosse um tema da qual o ponto abordado eu não concordasse, mas é isso que torna as aulas ainda mais atrativas



Eu e o Lírio ficávamos ansiosos por sua aula, ela era um momento feliz dentro de um ambiente muitas vezes conturbado chamado escola.

No primeiro ano do ensino médio, era o último ano de uso dos livros didáticos, eu optei por devolver todos, exceto o de filosofia. Aquele ano foi mágico, sentia que sua aula revigorava ânimos, por isso eu quis manter meu livro, que guardo até hoje, e de vez em quando dou uma lida em determinados assuntos.

Suas aulas eram incríveis porque conseguia tirar minhas dúvidas e ter mais dúvidas sobre várias coisas.

UM PONTO EM NÓS SUPER
DIFERENTE É Q AMO
RESPOSTAS E VOCÊ AMA AS
PERGUNTAS...

EU ACHO SIM QUE A FILOSOFIA PODE TORNAR
UMA ESCOLA MENOS CANSATIVA



PENSAR

Fico imaginando a loucura que deve ser ser professor... Participar de uma fase tão importante na vida da pessoa e depois ver outras pessoas passando pela mesma coisa, o que vocês fazem é por paixão mesmo, as mudanças que causam em nas nossas vidas nos impacta de uma forma incrível e por isso sinto tanto saudade da escola.

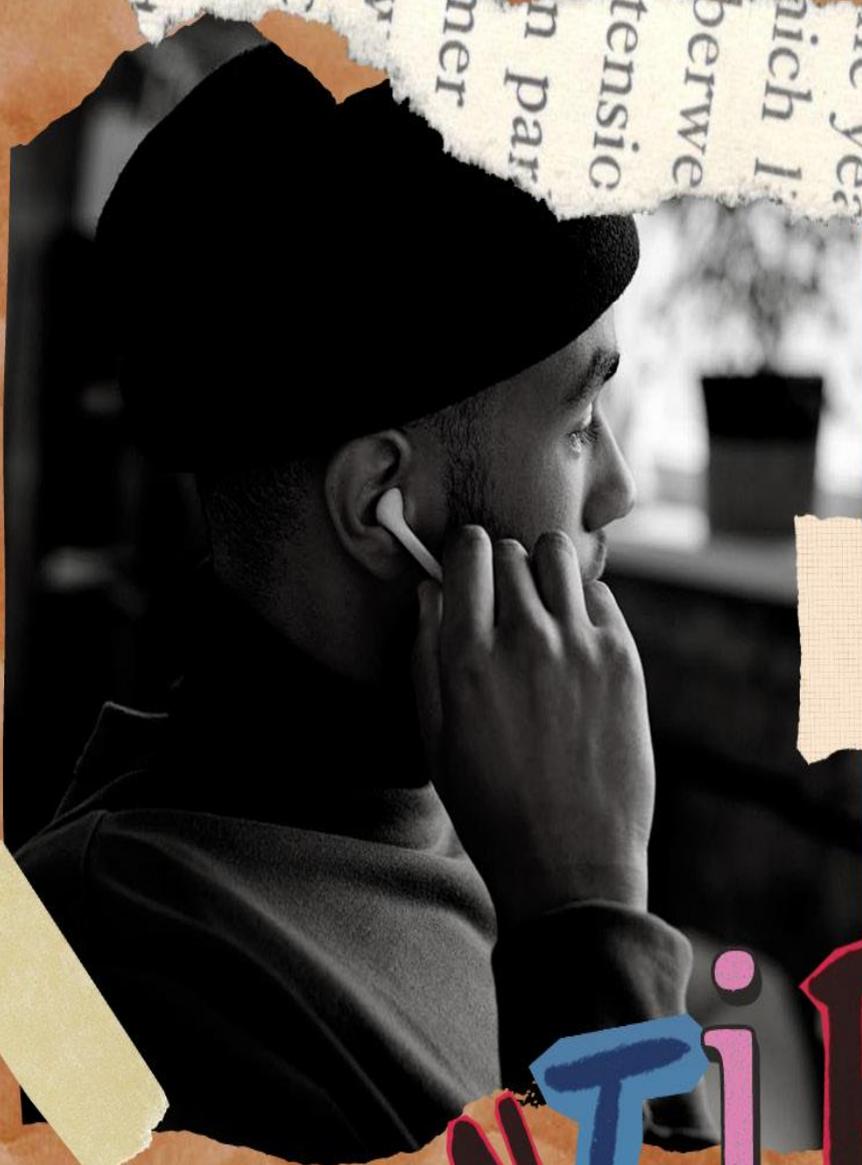
E essa troca de experiências e conhecimentos não se restringe a sala de aula, segue em nossa bagagem da vida.



EXPERIÊNCIA

*TENHO 20 ANOS E ME SINTO VELHO, AS
VEZES ME PERCO E ME PERGUNTO SERÁ
Q UE VOU AGUENTAR SER PENSANTE
DURANTE MAIS UNS
40 A 50 DA MINHA VIDA?*





Na aula de Filosofia me sentia dentro das músicas que eu escutava.

SENTIR

IR...IR...IR...IR

A FILOSOFIA É LINDA

POR SI SÓ,

ELA SE BASTA.

Autora

Maria Carolina S. Moreira

Capa, Diagramação e Ilustração

Laura Maria Oliveira

Orientação no projeto gráfico

Glaucinei Rodrigues Correa

Desenvolvido como produto de pesquisa no Mestrado Profissional Educação e Docência – PROMESTRE -FAE – UFMG, sob orientação da Professora Renata Lima Aspis em parceria com o Projeto de Extensão Design & Educação da Escola de Arquitetura - EA-UFMG

Belo Horizonte, 2021

Este webzine é um dos resultados da minha pesquisa no PROMESTRE (Programa de Mestrado Profissional Educação e Docência/Faculdade de Educação/UFMG). A dissertação teve como objetivo investigar o interesse e/ou desinteresse dos estudantes da Educação Básica nas aulas de filosofia do Ensino Médio. O zine foi composto pelo enxame de falas dessa juventude que vem nos dizer como foram, como podem ser e serão as aulas de filosofia Brasil afora, é só ouvir. Considero um presente escutar essas vozes que, no atual contexto político, econômico, cultural e sanitário do país, se configuram como signos afetuosos de dias vindouros. Convido você, que também dá aulas de filosofia, a conhecer minha pesquisa *Tecer com afetos e narrar histórias: percursos no ensinar e no aprender filosofia*, que em breve estará disponível no repositório da UFMG através do endereço eletrônico <https://repositorio.ufmg.br/>. Acaso queira tecer uma prosa, me escreva, vou adorar.

Para todas nós, coragem!

Maria Carolina Stephanie Moreira

carolfilos@gmail.com